

**Inês Alexandra Cruz Gonçalves**

**Relatório de Estágio**

**Intervenção em contexto prisional: (re)educar para a liberdade**



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

**Inês Alexandra Cruz Gonçalves**

**Relatório de Estágio**

**Intervenção em contexto prisional: (re)educar para a liberdade**

Mestrado em Educação Social

Relatório de Estágio efetuado sob orientação de:

Professor Doutor Joaquim Arco



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

## **Intervenção em contexto prisional: (re)educar para a liberdade**

### Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Inês Alexandra Cruz Gonçalves

***Copyright by*** Inês Alexandra Cruz Gonçalves

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de adquirir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.”

## **Agradecimentos**

São muitos aqueles que eu gostaria de agradecer, pois cada um contribuiu de diferentes maneiras para eu chegar até aqui. Acredito que levamos das pessoas o melhor que há nelas e por isso quero agradecer a todos vós por todo o apoio nesta etapa tão importante da minha vida, pessoal e académica.

Antes de iniciar os agradecimentos quero homenagear um amigo, um lutador! A ti Gonçalo, agradeço-te pela marca gigante que deixaste na vida de todos aqueles que tiveram a sorte de te conhecer. És e sempre serás LUZ! Até um dia.

Quero agradecer...

Em primeiro lugar aos principais pilares da minha pessoa, os meus pais, os meus avós e o meu irmão, aqueles que caminham comigo de mão dada. Sem vocês não era metade da pessoa que sou hoje, um obrigado é pouco.

À minha família, em especial à Joana e à Eunice por todos os momentos partilhados.

Ao meu namorado, o companheiro de todas as horas! Um obrigado pela paciência, pela força, pela atenção e por acreditares em mim.

Aos meus amigos, aqueles que estão nos bons e maus momentos! Um obrigado pelo amor e pela força que me deram para a realização deste trabalho.

Aos meus sogros por me acolherem, pela motivação e força para atingir os meus objetivos.

Ao meu orientador por toda a ajuda, disponibilidade e motivação e a todos os professores que contribuíram para o meu crescimento pessoal e académico.

Aos meus colegas de curso, sem dúvida que foram um apoio enorme na concretização deste trabalho. Para vocês só desejo SORTE e SUCESSO!

A toda a equipa do EP de Olhão, em especial à Técnica Superior de Reeducação, ao Chefe de Guardas e aos poucos elementos do corpo de guardas prisionais que acreditaram no meu trabalho.

Aos reclusos, uma grande obrigada pela disponibilidade, pelo interesse e pela confiança que depositaram em mim, enquanto estagiária. Espero que possam voar alto e seguir os vossos sonhos!

## **Resumo**

O presente relatório é o resultado de um estágio curricular no Estabelecimento Prisional de Olhão, no âmbito do Mestrado em Educação Social. O estágio teve presente duas componentes, a componente prática e a componente de investigação.

Ao nível da investigação foi realizado um estudo sobre a intervenção em contexto prisional através da reeducação, no sentido de promover um conjunto de competências que permitam ao recluso tornar-se agente do seu desenvolvimento pessoal e profissional. Este estágio teve como principais objetivos identificar necessidades e delinear eventuais intervenções no Estabelecimento Prisional de Olhão. Em suma, a intervenção é feita com o objetivo de reutilizar o tempo da privação de liberdade de forma a gerar fatores importantes para o quotidiano do recluso em contexto prisional e futuramente em contexto de liberdade.

Para analisar este tema a metodologia elegida foi a Investigação-Ação e as técnicas de recolha de dados foram, a observação participante, diário de campo, entrevista e questionários.

**Palavras-chave:** intervenção; educação social; atividades educativas; reeducar;

## **Abstract**

The present report is the result of a curricular internship at the Olhão's Prison Facility, under the master's degree in Social Education. The internship had two components: the practical component and the research component.

At the research level, a study was conducted on the intervention in the prison context through re-education, to promote a set of skills that allow the inmate to become an agent of his personal and professional development. The main objectives of this internship were to identify needs and outline possible interventions at Olhão's Prison Facility. In conclusion, the intervention aims to reuse the time that the inmate is deprived of his freedom to generate important factors for the daily life of the inmate in prison and, in the future, in the context of liberty.

To analyse this theme, the methodology chosen was Action Research, and the data collection techniques were participant observation, field diary, interviews, and questionnaires.

**Keywords:** intervention; social education; educational activities; re-educate

## Índice

Introdução .....	13
Capítulo I .....	17
1. Fundamentação Metodológica.....	17
1.1. Delineamento do Estudo.....	17
1.2. Metodologia .....	19
1.3. O Paradigma.....	19
1.4. Método .....	19
1.5. Técnicas de Recolha de Dados .....	21
1.5.1. Entrevista semiestruturada.....	22
1.5.2. Observação Participante .....	23
1.5.3. Questionário .....	23
1.5.4. Diário de Campo .....	24
Capítulo II.....	25
1. Fundamentação Teórica .....	25
1.1. Prisão: o contexto prisional em Portugal .....	25
1.2. População Reclusa.....	27
1.3. Intervir em contexto prisional.....	29
1.4. Inclusão, justiça social e formação em contextos prisionais .....	31
1.5. A educação prisional como direito do recluso .....	32
1.5.1. O papel da educação .....	36
1.5.2. Uma educação específica e diferenciada.....	36
1.5.3. A cultura prisional e o educador .....	39
1.5.4. O encontro entre a Educação Social e a Intervenção em contexto prisional .....	39
Capítulo III- Apresentação e discussão de dados.....	43
1. Contextualização do Estudo .....	43
2. O Estabelecimento Prisional – Dimensão Institucional .....	45
3. O Estabelecimento Prisional – Perspetiva dos Sujeitos do Estudo sobre o seu quotidiano	48
4. O Projeto .....	54
4.1. As atividades .....	55
4.2. Ciclo de Investigação-Ação .....	78
5. Síntese conclusiva .....	80
Considerações Finais.....	85
Anexos .....	93

## **Índice de Tabelas**

Tabela 4.1 – os três momentos de atividades, o número de participantes envolvidos e a data da atividade

Tabela 4.2 – pergunta nº 1 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Tabela 4.3 – pergunta nº 2 da atividade 1 “O Novelo”, atividade 2 “O Espelho”, atividade 3 “Um ombro amigo” e atividade 4 “O circo das borboletas”

Tabela 4.4 – pergunta nº 3 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Tabela 4.5 – pergunta nº 4 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Tabela 4.6 – pergunta nº 5 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Tabela 4.7 – pergunta nº 1 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Tabela 4.8 – pergunta nº 2 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Tabela 4.9 – pergunta nº 3 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Tabela 4.10 – pergunta nº 4 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Tabela 4.11 – pergunta nº 5 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Tabela 4.12 – pergunta nº 1 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”

Tabela 4.13 – pergunta nº 2 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”

Tabela 4.14 – pergunta nº 3 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”

Tabela 4.15 – pergunta nº 4 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”.

Tabela 4.16 – pergunta nº 5 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”.

## **Índice de Abreviaturas**

CT – Conselho Técnico

CEP – Código de Execução de Penas

CTEP – Conselho Técnico do Estabelecimento Prisional

DICAD – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências

DGRSP – Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

EP – Estabelecimento Prisional

EPO – Estabelecimento Prisional de Olhão

IA – Investigação-Ação

PIPS – Programa de Integrado de Prevenção do Suicídio

RAE - Regime Aberto no Exterior

RAI – Regime Aberto no Interior

RGEP – Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificado de Competências

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

TSR – Técnica Superior de Reeducação

UFCD – Unidades de Formação de Curta Duração

## **Introdução**

O presente trabalho centra-se na peça fundamental para a conclusão do Mestrado em Educação Social, na área científica das Ciências da Educação. Para o 2º ano de Mestrado há uma unidade curricular a eleger pelo aluno, ou seja, existem três possibilidades, as quais são, projeto final, dissertação e estágio académico. Para a minha unidade curricular do final do Mestrado escolhi o estágio, o qual passa pela realização de um relatório final, onde é tratada a problemática, o estado da arte, a metodologia utilizada e os resultados obtidos. Para que seja feito um trabalho de qualidade é importante haver um plano previamente definido e uma ligação entre o curso e o local de estágio. O estágio inicia-se com a integração do estudante na organização/instituição, a identificação de necessidades e problemas é feita sob orientação de um orientador do estágio e a supervisão de um tutor da Instituição de Ensino Superior.

O estágio trata-se de uma formação feita em situação real de trabalho que permite dar a conhecer novas experiências e conteúdos. Esta é uma experiência fundamental ao aluno uma vez que dá ferramentas de qualificação para o mercado de trabalho e uma experiência enriquecedora a nível de formação pessoal e profissional.

Este estágio teve como principais objetivos identificar necessidades e delinear eventuais intervenções no Estabelecimento Prisional de Olhão (EPO), de modo a capacitar os reclusos a tornarem-se agentes do seu processo de desenvolvimento, seja a nível pessoal como profissional. A intervenção junto dos reclusos com base nas suas necessidades foi realizada com o intuito de contribuir para uma educação para a cidadania, onde a educação visa formar pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem os seus direitos e deveres. Em suma, a intervenção é feita com o objetivo de reutilizar o tempo da privação de liberdade para gerar fatores importantes no quotidiano do recluso em contexto prisional e em contexto de liberdade, numa futura reinserção social dos reclusos.

Para iniciar o estágio e desenvolver um bom trabalho ao nível das intervenções junto dos reclusos houve necessidade de compreender a prisão como local de punição e privação de liberdade, a educação em contexto prisional, o papel do educador e o recluso enquanto indivíduo em situação de reclusão.

A necessidade de intervir em contexto prisional tem vindo a crescer, sendo que antigamente as prisões focavam-se primeiramente em manter os indivíduos reclusos afastados da sociedade, no sentido de proteção. Hoje as prisões são instituições que pretendem a reintegração dos reclusos na sociedade, sendo que ao mesmo tempo é um lugar onde o recluso cumpre a pena estabelecida pelo tribunal, mas também um lugar onde é possível uma recuperação ao nível da educação (Ermida, 2018).

Para a sociedade, a prisão é sinónimo de segurança para os restantes cidadãos, onde disciplina e autoridade predominam. Esta é uma instituição de carácter fechado, sendo que é proibido os reclusos terem contacto visual ou físico com o espaço exterior (Ermida, 2018).

Segundo Cunha (2013), nos estabelecimentos prisionais o tempo livre dos reclusos não envolve o trabalho laboral ou o escolar, assim sendo este tempo pode e deve ser utilizado da melhor forma para o recluso e para sociedade.

A intervenção no contexto prisional, através da educação social, visa a recuperação e a preparação do indivíduo para a vida em sociedade, onde o indivíduo deve tornar-se ativo e participativo para uma sociedade democrática, justa, solidária e digna, onde o cidadão tem direitos e obrigações (Ribeiro & Caliman 2015).

As formas de intervenção junto da população reclusa devem ter como foco o indivíduo e o seu desenvolvimento absoluto. Ao desenvolver práticas e competências educativas dentro da prisão é possível promover o bem-estar, bem como, facilitar a sua posterior integração na sociedade (Cunha, 2013).

Ao intervir junto dos reclusos é possível identificar os interesses de cada um, sendo possível criar uma relação entre as atividades e os mútuos interesses. Ao criar atividades que sejam do interesse da maioria pode ser dado um seguimento de atividades que os motivem a conhecer novos temas e conteúdos, assim como, a construção de novos saberes, novas competências, sentido crítico, sentido de reflexão, criatividade e troca de experiências. O Educador Social pode mostrar à população reclusa que a educação abrange todos os níveis da vida, e que esta é a chave para que os reclusos consigam quebrar os antigos caminhos que tanto os prejudicaram (Cunha, 2013).

Segundo Cunha (2013), a realização de atividades de carácter educativo em contexto prisional, potencia o recluso a adquirir novos estímulos importantes para a vida em sociedade, tais como, cooperação, respeito, capacidade de identificar problemas,

encontrar soluções e tomar decisões. Para além da disciplina e da autoridade, é importante que os reclusos compreendam que a prisão não é somente um espaço que serve de punição, mas sim um espaço onde podem ser adquiridas habilidades e competências, onde é possível ser mais e melhor.

Este estágio foi realizado durante o confinamento por força do COVID 19 de que resultou uma situação de crise e emergência, com reflexos em todo os setores da sociedade. Em situação de confinamento e isolamento social, condicionado pela pandemia, foram impostas medidas e ações voltadas para a adoção de comportamento seguro, com destaque para o cumprimento de regras e autocuidado. Na universidade, de maneira praticamente instantânea, o ensino tornou-se, provisoriamente, ensino à distância, com apoio em plataformas digitais, mas felizmente, o estágio em Estabelecimento prisional foi possível realizar, com as devidas precauções e distanciamento físico.

Para desenvolver este estágio foram realizadas diversas visitas ao Estabelecimento Prisional de Olhão, um ou dois dias por semana, entre 6h a 4h cada dia, ao longo de 8 meses. O trabalho realizado foi feito diretamente com a Técnica Superior de Reeducação, apesar de interagir com outros agentes profissionais, entre eles, guardas prisionais, direção do estabelecimento, enfermeiros, professores e entre outros. O trabalho foi desenvolvido com base na observação participante, entrevistas, questionários e o preenchimento diário de notas de campo.

Em termos de objetivos delineei dois gerais: conhecer as várias dimensões das práticas socioeducativas e caracterizar ações existentes que visem a educação. Para cada objetivo geral defini objetivos específicos, ou seja, o primeiro objetivo geral tem como objetivos específicos: analisar o percurso dos reclusos a nível das atividades laborais; analisar o percurso dos reclusos a nível das atividades de lazer; e analisar o percurso dos reclusos a nível do ensino. Para o segundo objetivo geral, os objetivos específicos são: entender o impacto das atividades internas para a reinserção social; caracterizar as ações práticas ao nível profissional; caracterizar as ações práticas ao nível social; e caracterizar as ações práticas ao nível do desenvolvimento pessoal.

Ao nível da estrutura, o presente trabalho encontra-se dividido em cinco partes. Em primeiro lugar a Introdução, onde é feita uma breve introdução da problemática discutida ao longo do trabalho. Em seguida a Metodologia, cujo o objetivo é uma breve

apresentação das metodologias utilizadas ao longo do estágio, precisamente as formas de recolha de dados e informação. Em terceiro lugar a Fundamentação Teórica, a qual tem como objetivo a apresentação e discussão do tema e a definição das palavras chave do presente trabalho, tais como, Educador Social, Intervenção e Educação. Em quarto lugar está a Apresentação dos Dados, a qual está dividida em quatro pontos: 1) contextualização do estudo; 2) dimensão institucional; 3) perspetiva dos sujeitos do estudo; 4) síntese conclusiva; E em último lugar as Considerações Finais, onde será feito um balanço geral do estágio, as dificuldades sentidas, os pontos fracos e os pontos fortes e as estratégias utilizadas.

## **Capítulo I**

### **1. Fundamentação Metodológica**

#### **1.1. Delineamento do Estudo**

O desenvolvimento do estudo teve por base um estágio com a duração de oito meses, no Estabelecimento Prisional de Olhão. O primeiro contacto com o EP de Olhão foi com o objetivo de reunir com o Diretor, Adjunta do Diretor e Técnico Superior de Reeducação. Nesta primeira reunião foi tida a primeira discussão e troca de ideias e expectativas em relação ao meu papel enquanto estagiária do mestrado de Educação Social. Foram apresentadas e discutidas as metodologias necessárias para realizar a investigação de forma eficaz e objetiva. A reunião foi o início de um longo caminho, onde pude dar a conhecer o meu objetivo e o papel da minha investigação junto dos reclusos. Neste momento iniciei o meu trabalho enquanto estagiária, pude conhecer a equipa de guardas, bem como os restantes atores profissionais que se encontravam a trabalhar no EP. Este foi um processo fundamental uma vez que me permitiu perceber a dinamização entre as equipas do EP e o papel de cada, ou seja, recolher informações para a caracterização do EP.

A fim de conseguir obter o máximo de informação sobre o funcionamento do EP, as equipas profissionais e os reclusos, bem como progredir na minha investigação foram definidos dias para me dirigir ao EP. Durante os primeiros três meses a minha presença no EP permitiu conhecer as instalações do EP, conversas informais com os atores profissionais, assistir a diversos atendimentos com a autorização do recluso, assistir ao acolhimento do recluso, assistir a atividades com a psicóloga, realizar kit's de higiene pessoal para os reclusos, assistir ao trabalho da Técnica Superior de Reeducação. Junto da Técnica Superior de Reeducação pude observar e compreender a realização das avaliações de ingresso, bem como, o Programa Integrado de Prevenção do Suicídio dos chegados, compreender como são feitos os processos de cada recluso e o contêm. Nos dias em que me dirigia ao EP também pude observar alguns reclusos nas suas tarefas laborais, assim como, a recolha de lixo, limpeza das instalações, preparação do refeitório, recolha das refeições e entre outros. A observação participante e o diário de campo foram as metodologias utilizadas durante este período, os quais foram importantes para o diagnóstico e caracterização do espaço.

Ao fim de 3 meses foi definido o grupo de reclusos com os quais iria trabalhar nas futuras atividades. Com o intuito de apresentar a investigação e o objetivo da mesma ao grupo de reclusos e obter as autorizações para a realização das entrevistas foi realizado um encontro numa sala de aula, juntamente com a Técnica Superior de Reeducação. Este foi um momento crucial para o estágio uma vez que foi o primeiro impacto junto do grupo com quem iria trabalhar futuramente. De forma a conhecer cada um, bem como, os seus interesses, objetivos e expetativas futuras, procurei dar a conhecer ao grupo a importância da realização das entrevistas semiestruturadas, sendo esta uma técnica de recolha de dados. As entrevistas também foram realizadas à Técnica Superior de Reeducação e a um Guarda Prisional, de forma a ter a visão de dois atores profissionais diferentes. Durante dois meses foram feitas as entrevistas, de seguida as transcrições das mesmas e por último a análise de conteúdo.

Após obter as informações necessárias para o diagnóstico passei à realização de um plano de atividades centrado nas necessidades e interesses do grupo de reclusos. O plano de atividades foi definido com base na análise de dados das entrevistas, bem como, nos objetivos gerais e específicos da investigação. A tabela de atividades apresenta o nome de cada atividade, a definição da atividade, ou seja, no que consiste, o objetivo de cada uma e os materiais necessários para a realização das mesmas. O plano de atividades teve supervisão do tutor de Estágio, em segundo lugar foi visto pela Técnica superior de Reeducação e por fim, foi visto em Conselho Técnico. Ao fim de um mês obtive a autorização para avançar. Uma vez que nos encontramos em situação de pandemia, os materiais que eram necessários tinham que passar por quarentena nas instalações do EP. As atividades tiveram início em abril e terminaram no início de junho e no total foram realizadas nove atividades.

Para a avaliação das atividades foram definidas três fases de avaliação com os reclusos, ou seja, ao fim de três atividades era feita uma sessão com os reclusos para o preenchimento de questionários de avaliação. Os questionários foram uma técnica de recolha de dados essencial para este momento uma vez que permitiu aos reclusos avaliar algo que foi dinamizado por outra pessoa, dar a sua opinião e mostrar como se sentiu durante a atividade. O questionário apresenta cinco questões de resposta fechada e uma de resposta aberta. A questão de resposta aberta dá a possibilidade aos reclusos de apresentar sugestões de melhoria, bem como, aspetos negativos.

As metodologias estiveram presentes ao longo de todo o estágio, uma vez que todos os momentos foram importantes para a realização da investigação e contribuíram para uma maior recolha de dados claros e fidedignos.

## **1.2. Metodologia**

### **1.3. O Paradigma**

A prática do estágio foi sustentada com base no paradigma qualitativo. Esta metodologia caracteriza-se pelo estudo de situações mais complexas de forma a compreendê-las e interpretar determinados comportamentos, descobrindo e construindo teorias. É exploratória pois o seu objetivo não é obter números (Gunter, 2006). No método qualitativo existe uma preocupação central, a qual é a compreensão de um determinado fenómeno. Este estudo qualitativo é do tipo interpretativo/construtivista, sendo que pretende interpretar e contruir conhecimento, que se caracteriza por ser naturalista, fenomenológico, hermenêutico, com uma interação simbólica e etnográfico.

Esta investigação designa-se por naturalista, pois a sua fonte de dados é o ambiente natural e o investigador é o principal instrumento de recolha de dados, estando no local e interagindo com os participantes. A investigação qualitativa aplica-se ao estudo de fenómenos ou acontecimentos reais, descrevendo situações e compreendendo-as a partir do ponto de vista do participante, nesta investigação é mais importante procurar significados para as coisas, percebendo o processo e não os resultados (Bogdan & Biklen, 1994).

### **1.4. Método**

O método de investigação qualitativa selecionado para trabalhar no projeto de estágio foi a Investigação-Ação. A metodologia Investigação-Ação tem sido alvo de grande interesse por parte dos investigadores, professores, académicos e comunidades educacionais. Esta é uma metodologia que procura transpor a dualidade presente entre a teoria e a prática, sendo que existem diversas práticas ligada à mesma o que dificulta a atribuição de uma concetualização única e clara. A mesma indefinição recaí sobre a sua criação, pois existe uma grande incerteza à cerca de quem inventou a metodologia Investigação-Ação. A maioria atribui a sua criação a Lewin (1946), o qual considerou esta metodologia como um forte instrumento para mudar, transformar e melhorar a nível local. O seu próprio trabalho tinha em vista mudar e melhorar as oportunidades de grupos

desfavorecidos, ao nível económico, social, cultural, político e entre outros. Neste contexto, é possível afirmar que a metodologia Investigação-Ação, pode ser encarada como um meio para atingir um fim, na medida em que, pode ser colocada em prática em qualquer contexto onde se encontrem problemas que exijam soluções (Tripp, 2005).

A dificuldade existente em esclarecer uma concetualização coerente e clara também se deve a duas razões interligadas, “primeiro, é um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspetos, diferentes; segundo, ela se desenvolveu de maneira diferente para diferentes aplicações.” (Tripp, 2005, pág. 445)

Segundo o autor, Coutinho *et al.* (2009), a Investigação-Ação pode ser entendida como um conjunto de metodologias de investigação que abrangem em simultâneo a investigação, que nos leva ao compreender e saber mais, e a ação, que nos remete para transformação e mudança. A IA compreende-se num processo cíclico, que se intercala entre a ação e a reflexão crítica, e nos cíclicos anteriores são melhorados os métodos, os dados, a interpretação obtida, para pôr em prática posteriormente. Como qualquer tipo de metodologia, é necessária haver uma diferenciação, através das suas características e funcionalidades. A esta metodologia de investigação, está associado o seu processo contínuo de investigação-ação, em que se procura intervir na prática de modo inovador durante o decorrer da investigação e não somente na etapa final do processo (Coutinho *et al.*, 2009).

De acordo com o autor Coutinho *et. al* (2009) e Tripp (2005), a metodologia Investigação-Ação engloba seis características fundamentais, assim como:

1. Participativa e colaborativa, pois inclui todos os intervenientes no processo e todos são coexecutores na pesquisa. O investigador tem um papel fundamental com e para o sujeito, para que no final do processo a mudança seja notável e possa ser possível a transformação desejada.

2. Prática e interventiva, na medida em que, a investigação não se limita somente ao campo teórico, abrange também as questões da realidade.

3. Cíclica, ou seja, a investigação decorre de um processo cíclico, que se intercala entre a ação e a reflexão crítica, e nos cíclicos anteriores são melhorados os métodos, os dados, a interpretação obtida, para pôr em prática no ciclo seguinte.

4. Situacional, porque procura diagnosticar um problema específico numa determinada situação, a fim de atingir uma relevância prática dos resultados.

5. Crítica, sendo que os participantes não procuram somente melhores práticas no seu trabalho, mas também atuam como agentes de mudança e críticos.

6. Autoavaliava, pois as mudanças e transformação alcançadas são avaliadas constantemente.

Assim como diversas metodologias, na Investigação-Ação podemos encontrar múltiplas formas de a pôr em prática, consoante a situação, contexto, indivíduos e as condições em que a investigação se processa. De acordo com Coutinho *et al.* (2009), nesta metodologia existem três modalidades básicas: técnica, prática e emancipadora. Estas modalidades baseiam-se em diferentes critérios: objetivos, papel do investigador, o tipo de conhecimento que gere, as formas de ação e o nível de participação.

A modalidade de Investigação-Ação técnica averigua-se quando o facilitador externo sugere o experimento de resultados de investigações externas. Os objetivos e o desenvolvimento metodológico são delineados pelo facilitador externo e ao educador cabe colocá-los em prática. Esta modalidade pode ser utilizada como instrumento de aprendizagem inicial de investigação e procura a obtenção de resultados já preestabelecidos. Esta é uma investigação-ação prática determinada pela autonomia do educador, sendo quem conduz o processo de investigação. O facilitador externo tem uma relação de colaboração com os outros agentes educativos, de modo a ajudá-los a planear a estratégia de mudança e transformação, a detetar os problemas e a refletir sobre os resultados das mudanças já realizadas (Coutinho *et al.*, 2009).

A investigação-ação emancipadora vai para além da ação pedagógica, intervindo na mudança do próprio sistema, de maneira a simplificar a implementação de medidas que promovam a melhoria da ação. O grupo é responsável pelo progresso e transformação da prática. O autor acredita que esta modalidade é aquela que mais se insere no paradigma sócio crítico, de maneira que se desenvolve num ambiente de maior colaboração social e sugere de uma forma mais intencional, a mudança social (Coutinho *et al.*, 2009).

### **1.5. Técnicas de Recolha de Dados**

Uma investigação realizada segundo a metodologia IA baseia-se em formas de recolha de informação que a própria investigação vai proporcionando, segundo Coutinho *et al.* (2009) existe um conjunto de técnicas de recolha de dados que se encontram divididas em três categorias, sendo elas:

a) Técnicas baseadas na observação, as quais são centradas na perspetiva do investigador, em que este observa em direto e presencialmente o fenómeno em estudo. As técnicas podem ser, observação participante, notas de campo, diário do investigador e memorandos analíticos

b) Técnicas baseadas na conversação: centradas na perspetiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo e de interação. As técnicas usadas são, o questionário, entrevista e grupos de discussão.

c) Análise de documentos: concentra-se na perspetiva do investigador e envolve uma pesquisa e leitura de documentos escritos que compõem uma boa fonte de informação. As técnicas utilizadas são, documentos oficiais e documentos pessoais.

Tendo em conta a metodologia, as técnicas de recolha de dados que a mesma envolve e perante os objetivos do Estágio, as técnicas de recolha de dados utilizadas na investigação foram, a observação participante, diário de campo, entrevista e questionários para avaliação das atividades realizadas.

#### **1.5.1. Entrevista semiestruturada**

A entrevista foi uma das técnicas de recolha de dados escolhida pois, esta técnica fornece resultados mais eficientes, permite recolher informações mais completas, sendo um poderoso instrumento de recolha de informações, visto que nela para além de serem transmitidas informações, o investigador também consegue perceber emoções e necessidades inconscientes (Amado, 2013). A entrevista consiste em obter informações orais do entrevistado obtidas diretamente pelo entrevistador. Portanto, pode haver uma conversa entre o entrevistador e o entrevistado que responde às várias questões centradas em um tópico de acordo com os objetivos específicos do estudo.

Segundo Amado (2013), as entrevistas podem ser classificadas quanto à sua estrutura, podendo ser:

I. Entrevistas estruturadas ou diretivas. Estas centram-se normalmente num tema determinado e restrito, sobre o qual o investigador, geralmente, já possui um certo conhecimento prévio. As perguntas devem ser programadas adequadamente e lançadas de forma igual a todos os entrevistados.

II. Entrevistas semiestruturadas ou semidirectas. Estas derivam de um plano prévio onde se define e anota aquilo que é essencial e que se pretende obter, na interação o entrevistado tem uma grande liberdade de resposta.

III. Entrevistas não estruturadas ou não-diretivas. Contrariamente às anteriores estas não possuem um plano prévio, as perguntas derivam da interação com o entrevistado, não existindo qualquer grelha de questões, exigindo uma grande competência e sensibilidade por parte do investigador.

IV. Entrevistas informais. Estas não possuem um plano prévio tratando-se de verdadeiras ‘conversas’ ou ‘troca de ideias’ acerca de algo vivido.

Para a realização deste projeto de estágio foram utilizadas entrevistas do tipo semiestruturadas

### **1.5.2. Observação Participante**

Em relação à Observação Participante, enquanto técnica de recolha de dados, esta é uma metodologia ativa e envolvente, onde o investigador pode aprender, compreender e intervir nos diferentes âmbitos em que se depara (Mónico, Alferes, Castro, & Parreira, 2017). Neste projeto, a observação é importante, pois é realizada no meio onde as pessoas se encontram, o que permite ao investigador aproximar-se e conhecer a rotina do público alvo da sua investigação.

Segundo Correia (2009), o investigador ao utilizar a observação participante é o seu próprio instrumento na recolha de dados e na sua investigação, sendo esta uma técnica que permite compreender novas situações, atos e comportamentos do grupo de participantes em estudo. Esta abordagem requer ao investigador interesse pelo âmbito onde o grupo de estudo se encontra e não somente na recolha de dados individuais. Para que seja possível obter a compreensão do real, é necessário entender as inter-relações entre os elementos. Contudo, o investigador não deve utilizar apenas esta técnica, mas sim complementar com as entrevistas (Mónico, Alferes, Castro, & Parreira, 2017).

### **1.5.3. Questionário**

Já em relação aos questionários, utilizados como instrumento de avaliação das atividades desenvolvidas, sabemos que esta é uma técnica que permite dar respostas mais concretas ao investigador. Segundo Chaer, Diniz & Ribeiro (2011), os questionários podem dar respostas relacionadas com diversos assuntos, seja através de opiniões, crenças, vivências, sentimentos, interesses e expetativas. Esta é uma técnica que pode conter perguntas abertas ou fechadas. As perguntas abertas são questões que dão liberdade de resposta ao participante, ou seja, não influenciam o participante com respostas já pré-definidas pelo investigador. As perguntas fechadas apresentam um conjunto de possíveis

respostas e o participante tem que escolher uma delas. Contudo, as perguntas fechadas podem condicionar e restringir a resposta do participante.

Na preparação do questionário é necessária atenção em certos aspetos, tais como, a clareza e precisão das questões, ter em conta o vocabulário utilizado, as perguntas formuladas não devem sugerir respostas e o número de questões não deve ser muito elevado para que o participante não perca a atenção e o interesse no preenchimento do mesmo (Chaer, Diniz & Ribeiro, 2011).

#### **1.5.4. Diário de Campo**

Segundo Kroeff, Gavillon & Ramm (2020), o diário de campo é um instrumento utilizado por investigadores com a finalidade de registar dados recolhidos para posterior interpretação, ou seja, esta é uma técnica que permite sistematizar as experiências vivenciadas no campo de trabalho. O diário de campo é assumido como uma ferramenta de pesquisa que permite ao investigador estar presente no contexto em estudo, a fim de observar, verificar, captar e gerar dados de pesquisa. Esta ferramenta inclui a descrição dos procedimentos da investigação, o desenvolvimento do mesmo, bem como, possíveis alterações efetuadas ao longo do processo de pesquisa, intervenção e ação.

Para além de ser um instrumento de recolha de dados, o diário de campo também contém a opinião crítica e os saberes do investigador, assim como, futuras propostas, interesses, anseios, dificuldades ou obstáculos sentidos pelo mesmo. O diário de campo pode ser considerado um meio de reflexão para o investigador, quando provoca momentos de reflexão e ponderação sobre o processo de investigação e as decisões tomadas face ao planeamento, desenvolvimento, métodos a utilizar e discussão dos dados (Kroeff, Gavillon & Ramm, 2020).

De acordo com Oliveira (2014, cit. por Kroeff, Gavillon & Ramm, 2020), o diário de campo tem um papel crucial quando falamos de entrevistas gravadas, isto porque, dá a possibilidade ao investigador de observar e registar expressões e comportamentos que a gravação não o permite. A atenção do investigador perante o comportamento do entrevistado dá a conhecer e a gerar diversos detalhes importantes para o desenvolvimento da investigação.

## Capítulo II

### 1. Fundamentação Teórica

#### 1.1. Prisão: o contexto prisional em Portugal

Em 1867, Portugal pôs fim à pena de morte, o que foi considerado um grande contributo para o país, tanto a nível histórico como cultural. Com o fim da cruel e desumana pena de morte, independentemente do crime, a punição física foi substituída pelo cumprimento de uma sentença num estabelecimento prisional. Após a abolição da pena de morte, as sentenças passaram a ser atribuídas pelo tribunal, o órgão responsável pela atribuição da punição ao recluso (Ermida, 2018).

No seguimento da pena, existem instituições com o objetivo de acolher os sujeitos que se encontram privados de liberdade. As prisões, enquanto estabelecimentos para reclusos, são espaços que visam afastar os condenados da sociedade e privá-los da liberdade que antes viveram. Para a sociedade, a prisão é sinónimo de segurança para os restantes cidadãos, onde a ordem, disciplina e autoridade prevalecem. Esta é uma instituição de carácter fechado, sendo que é proibido os reclusos terem contacto visual ou físico com o espaço exterior (Ermida, 2018).

As prisões em Portugal até aos anos oitenta não levantaram grande interesse por parte dos investigadores, tanto que não havia estudos em comparação a outros países. A partir do momento em que os investigadores começaram a tratar a temática dos estabelecimentos prisionais em Portugal, devido ao aumento da criminalidade, da pobreza, prostituição e entre outros, as prisões sofreram alterações ao nível físico. Ou seja, com as punições a sofrerem alterações e as celas a deixarem de ser tão apelativas ao conceito “morte”, o recluso passa a ter uma cela com melhores condições, melhorias ao nível da saúde, são criadas divisões para novas atividades, tanto laboral como de lazer, mas não deixa de estar privado da liberdade (Ermida, 2018).

Em Portugal é de relembrar a reforma prisional de 1979, a que trouxe temas relacionados com o objetivo das penas e dos castigos atribuídos, a assistência médica ao recluso, a melhoria do sistema sanitário, as visitas, a alimentação e ações de integração dos reclusos na comunidade (Ermida, 2018).

Contudo, apesar das pequenas melhorias, a prisão em Portugal continuou a ser uma espaço pouco digno para os sujeitos viverem, na medida em que, segundo Leal

(2003), com o contributo da comissão dos direitos humanos da ordem dos advogados sobre a reforma do sistema prisional, enquanto indivíduos detentores de direitos humanos, mostrou que estes passam por maus tratos (por outros reclusos), são ignorados pelos guardas prisionais, dormem e fazem a sua higiene diária numa cela com o dobro da sua lotação máxima, as condições sanitárias são poucas e o número considerável de reclusos que as usam faz com que as mesmas se tornem deploráveis. Este conjunto de situações e não só, entre 1996 a 2002, levaram a uma média de quinze suicídios por ano e para além disso, muitos são os reclusos que ficam severamente doentes. Segundo Leal (2003), entre 1996 e 2000 faleceram, em média, cerca de 111 indivíduos por ano, sendo que 53 morreram devido à SIDA. Assim como, a questão da saúde física, emocional, psicológica, a alimentação é negligenciada, também a ação de reeducar para uma reinserção social é posta em causa, sendo que muitas vezes quem realiza estas ações são as mesmas entidades que garantem a segurança e a disciplina. Ermida (2018) defende que o indivíduo enquanto se encontra no estabelecimento prisional a cumprir pena deveria ser melhorado enquanto indivíduo para um dia mais tarde, em liberdade, poder ter um papel útil na sociedade.

Hoje em dia, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (2018), a problemática da criminalidade tem vindo a apresentar um número inferior aquele que é registado na União Europeia, sendo intitulado como um dos países mais seguros do mundo. Em relação à distribuição geográfica da criminalidade em geral, observa-se um aumento em Beja, com 5,1% e Porto com 0.7%. Por outro lado, há uma redução da percentagem de criminalidade na Guarda (-12,6%), Vila Real (-11,6%) e Coimbra (-7,9%).

Em 2017, segundo o Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar 2017, o número de reclusos em Portugal era de 13.749. Em junho de 2017 a lotação de lugares ao nível global rondava os 12.649, contudo o sistema prisional de Portugal acolheu cerca de 14.000 reclusos nos seus estabelecimentos. “Nesta década, o sistema prisional esteve sempre em sobrelotação, sendo uma situação mais acentuada nos estabelecimentos prisionais com grau de complexidade de gestão média.” (Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar, 2017, p.119). A população reclusa em 2018, apresentava uma idade média de 39.7 anos, sendo um valor que coincide com a idade da população geral, entre os 40 anos e os 44 anos.

Em relação ao contexto do ensino, dentro dos estabelecimentos prisionais é de fácil perceção que na maioria dos casos, os reclusos não mostram grande entusiasmo ou

não se identificam com atividades de carácter escolar, sendo que muitos deles possuem baixos níveis de qualificação académica. Em Portugal, conforme, o Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar, 2017, mais de metade dos reclusos, ou seja, 56,4% não conseguiram chegar ao 3º ciclo do ensino básico e 26% apenas realizou o 1º ciclo, o qual faz parte do regime de escolaridade obrigatória.

Através de uma análise à problemática da criminalidade e às ações associadas à população prisional, através do Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar (2017), pode-se afirmar que a estrutura dos crimes se mantém, sem qualquer alteração. Nomeadamente em primeiro lugar, permanecem os crimes contra o património, onde prevalece o roubo, segue os homicídios e as ofensas à integridade física, e em terceiro estão os crimes associados aos estupefacientes, onde o tráfico predomina.

No que concerne às questões geográficas e físicas dos estabelecimentos prisionais, são muitos os reclusos que estão a cumprir pena fora da sua área de residência ou do seu agregado familiar, maioritariamente no caso das mulheres, derivado à falta de capacidade em diversas zonas do país. Certos estabelecimentos apresentam condições habitacionais danificadas e deploráveis, onde não há alojamentos individuais. O facto de os estabelecimentos prisionais apresentarem más condições de alojamento e dimensões reduzidas, dificulta com que seja realizado o desenvolvimento de programas com vista a ampliar os mesmos (Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar, 2017).

É de extrema importância que os estabelecimentos prisionais consigam “garantir a sustentabilidade das respostas estruturadas de reabilitação e de reinserção, designadamente através do aumento do número de arguidos e condenados integrados em Programas específicos de reabilitação dirigidos a necessidades criminógenas” (Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar, 2017, p. 121)

## **1.2. População Reclusa**

Nos estabelecimentos prisionais, o principal castigo a ser cumprido é a privação de liberdade, sendo esta uma medida decretada pelo órgão responsável pela atribuição da punição ao recluso, o Tribunal (Ermda, 2018). Após o início da pena, o recluso deixa de ser um sujeito livre e passa a não poder ter contacto com o mundo exterior, onde as suas relações sociais se restringem ao contacto com a população prisional.

O estabelecimento prisional é o local onde os reclusos cumprem a pena estabelecida pelos crimes que praticaram e, também um local onde os mesmos têm a

oportunidade de se prepararem para o mundo exterior, na medida em que, pode dar-se uma (re)educação para a cidadania, para a liberdade. Segundo Bernet (2003, cit. por Cunha, 2013), o recluso enquanto sujeito privado de liberdade, pode vir a sentir diversos sentimentos que ponham em causa a sua socialização no contexto prisional, assim como, frustração, apatia, falta de motivação e interesse, agressividade, stress ou angústia.

A maioria dos reclusos que se encontram nos estabelecimentos prisionais são indivíduos que tendem a apresentar baixos níveis de habilitações e competências, sem trabalho e com poucos padrões de conduta (Cunha, 2013).

Segundo Cunha (2013), nos estabelecimentos prisionais o tempo livre dos reclusos não envolve o trabalho laboral ou escolar. Na maioria dos casos, os reclusos não mostram grande entusiasmo ou não se identificam com atividades de carácter escolar. Contudo, o tempo que o recluso passa na prisão, uma vez que deixa de ser um cidadão livre e passa a ser privado de liberdade, pode ser utilizado para a recuperação de estudos, para uma compreensão de novos conhecimentos, através de uma educação não-formal.

Os processos educativos dentro dos estabelecimentos prisionais são organizados de modo a haver uma ligação com a formação profissional e o trabalho, com vista a progredir e a criar condições de empregabilidade e de reinserção social. Nos programas educativos instituídos nas prisões, os reclusos têm todo o direito a inscrever-se, contudo nem todos consideram importante e necessária a ideia de estudar enquanto estão detidos, sendo que alguns consideram mesmo que não são capazes ou que já não têm idade para aprender. Por outro lado, aqueles que procuram participar no sistema de ensino prisional nem sempre o concluem com êxito (Cunha, 2013).

Segundo Bernet (2003, cit. por Cunha, 2013), tendo em conta o contexto prisional o recluso considera investir:

“no desempenho de uma atividade de trabalho, na participação em atividades de formação, que podem ajudar o preso a estabelecer contactos externos, promovendo uma autoimagem mais positiva e produtiva, a quebrar o ciclo de monotonia e frustração em que se encontra e a preparar-se para o regresso ao exterior, aspetos todos eles coerentes com finalidades ressocializadoras que, em teoria, é a vida na prisão (p.23)”.

Como já foi referido anteriormente e como afirma Ribeiro & Caliman (2015), o tempo na prisão pode ser usado de modo a melhorar o sujeito, tendo em conta a sua

situação escolar, profissional e pessoal. Na maioria dos casos, em relação às atividades realizadas em contexto prisional, os reclusos mostram maior abertura a atividades de carácter educativo não formal, tendo como explicação a diversidade de temas, bem como diferentes monitores, o aumento das atividades e a possibilidade de se relacionarem com indivíduos do mundo exterior (Cunha, 2013).

Em contexto prisional podemos esperar dois resultados da disciplina e autoridade que é vivenciada dentro da mesma. Ou seja, a punição e a disciplina exercida nos reclusos podem desencadear ainda mais o crime, uma vez que estes não aceitem, o resultado será comportamentos de negação e violência. Por outro lado, a disciplina também tem consequências positivas, quando falamos em educação o indivíduo compreende o papel da prisão e visualiza uma possibilidade de se tornar um ser melhor para si e para os outros (Ermida, 2018).

### **1.3. Intervir em contexto prisional**

Tendo em conta o conjunto de características atribuídas à população reclusa, a intervenção em contexto prisional pode representar um grande desafio. Na medida em que um Estabelecimento Prisional se caracteriza pelo seu carácter fechado, vigiado em todas as suas divisões, espaços limitados, os movimentos são restritos e controlados e tudo o que acontece é registado, de modo que a segurança e a autoridade prevaleçam. No entanto, com as diversas regras existentes na prisão é imposto ao recluso horários rigorosos e uma sequência de atividades. Nesse âmbito, o quotidiano do recluso é sujeito a uma regulamentação previamente configurada e delineada.

A própria ideia de força, autoridade e privação de liberdade instituída pela prisão nos reclusos, segundo Nisa, Castro, Passos & Carvalho (2018), vai condicionar a intervenção. Todavia, a prisão tem vindo a transformar-se, na medida em que passa a compreender-se como um meio importante para o desenvolvimento pessoal e profissional do recluso, enquanto o mesmo cumpre o tempo de detenção (Cunha, 2013). À emergência destas transformações a nível prisional, pode estar relacionado com a aproximação da sociedade ao meio prisional, com a implementação de novos formatos de intervenção, assim como, maior preocupação para com o desenvolvimento integral do recluso (Nisa, Castro, Passos & Carvalho, 2018).

Para Freire (1996), onde há vida, há inacabamento pois, só nós, os humanos, temos consciência de que somos seres inacabados, inconclusos e de carácter histórico.

Neste sentido, os indivíduos conscientes dessa situação estarão em permanente busca se forem inseridos em processos de formação e educação. É possível dizer então, que por meio da prática educativa os indivíduos têm possibilidades de aumentar os níveis de conscientização, permitindo que compreendam o mundo como algo não limitado, definido, o que apode levá-los manifestarem a disposição para mudar, pois, todos nós, somos inconclusos até a morte.

Assim, é importante transmitir aos reclusos, que enquanto seres humanos estes devem interrogar-se, contruir conhecimentos, sustentar as suas curiosidades acerca do mundo e como nele podem desempenhar um papel útil.

O trabalho dos Educadores Sociais, dos Técnico de Reeducação ou dos Animadores Socioculturais junto dos reclusos é fundamental em contexto de intervenção. Cabe aos Estabelecimentos Prisionais dar a oportunidade de o recluso participar em atividades laborais e em atividades educativas durante o tempo de detenção, para que sejam mantidos hábitos de trabalho e rotinas diárias. (Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar, 2017)

Tendo em conta que dentro do sistema prisional se encontram diferentes indivíduos com necessidades que divergem umas das outras, há que criar atividades estratégicas de forma a englobar o máximo de reclusos na intervenção. Segundo Cunha (2013), de forma a incluir os analfabetos são necessárias atividades de leitura e escrita, para a inclusão de indivíduos estrangeiros, ensinar a língua do país onde se encontra em prisão, para aqueles que não gostam da escola criar atividades educativas não formais de forma a motivar a aprendizagem, e assim tentar que todos os reclusos enquanto se encontram no período de detenção possam ver o papel que a educação pode ter nas suas vidas.

Ao nível das dificuldades existentes na intervenção, Almeida *et al.* (2003) consideram que as atividades delineadas e as metodologias utilizadas nas atividades educativas, na maioria dos casos, não têm em consideração o perfil e as necessidades de cada recluso, o que pode comprometer os objetivos e os resultados da intervenção. Por outro lado, conseguir convencer os reclusos a participar em atividades de carácter educativo pode ser uma tarefa difícil, uma vez que os mesmos não manifestam grande motivação e alguns, consideram que não têm idade para aprender.

A prática de atividades laborais, de ensino e de lazer durante o cumprimento da pena pode ter consequências positivas no recluso, entre elas, o aumento da motivação, bem-estar, desenvolvimento pessoal e profissional, diminuição da taxa reincidência, pois, uma vez livres, têm maior facilidade em encontrar emprego, tornarem-se independentes a nível monetário e contribuir para a sociedade (Almeida *et al.*, 2003).

#### **1.4. Inclusão, justiça social e formação em contextos prisionais**

De acordo com Monteiro, Moreira & Leite (2016) as mudanças decorrentes da globalização deram emergência a uma sociedade de informação e conhecimento, o que por sua vez, vem criar novas oportunidades, mas, por outro lado, traz consigo o nascimento de novas desigualdades educativas, em específico, nos grupos desfavorecidos e em situação de exclusão social, como por exemplo, a população reclusa. Assim é importante garantir que, para além de uma educação inclusiva, ou seja, do direito à educação para todos os indivíduos, haja qualidade e diversidade na educação e na formação dos indivíduos. Posto isto, segundo Moreira & Leite (2016), é importante investir na educação, criar e definir estratégias para dar resposta às constantes transformações decorrentes da globalização, para que seja possível dar lugar à justiça social (Moreira & Leite, 2016).

Quando falamos de globalização, falamos de mudanças, mais informação e mais conhecimento, e no contexto da educação, a globalização trouxe as Tecnologias de Informação e Comunicação. As TIC, apesar do vasto mundo que as envolve, não significa que o ensino esteja completo no sentido da qualidade e da diversidade. E isto porque as TIC, assim como outros meios de ensino, requerem algumas condições a ter em causa, principalmente monetárias, uma vez que as mesmas são de elevado valor. É aqui que se forma um muro entre o poder e o não poder usar e aceder às TIC, é assim que emergem novas desigualdades ao nível da educação nos grupos desfavorecidos. Mais uma vez são impostas condicionantes no direito à educação, o qual é um direito de todos nós, da sociedade (Constituição da República Portuguesa, 2005). A negação do direito à educação vai contra aquilo que é a justiça social, sendo ela, segundo Moreira & Leite, (2016), todos os direitos e deveres que promovem a igualdade, o acesso à educação e a participação na vida em sociedade, de forma que o mesmo possa crescer pessoalmente e profissionalmente.

No que se refere à questão da educação em contexto prisional, a população reclusa faz parte de um grupo de indivíduos desfavorecidos e excluídos socialmente, que durante o tempo em que estão privados de liberdade, devem ter direito à educação, através de formações, do ensino escolar, de atividades de lazer e de carácter educativo. No contexto prisional a educação, seja formal ou não-formal é importante para assegurar diversidade em relação à oferta e à qualidade das formações e das atividades desenvolvidas com os reclusos. Por exemplo, a alfabetização digital exprime desenvolvimento pessoal e promove a inclusão e participação na sociedade, sobretudo de grupos desfavorecidos, como é o caso da população reclusa (Moreira & Leite, 2016).

De acordo com os autores, o desenvolvimento pessoal do adulto pode ser feito através da aprendizagem ao longo da vida e da obtenção de competências necessárias para a participação em sociedade. Então é fundamental que seja feito um trabalho de intervenção junto dos grupos mais desfavorecidos, como é o caso dos reclusos.

### **1.5. A educação prisional como direito do recluso**

A educação em contexto prisional, segundo Duarte & Pereira (2017), é uma problemática importante a refletir, uma vez que a educação tem o papel de promover, estimular e desenvolver estratégias para uma cultura sem violência, uma sociedade regida pelos direitos humanos. Para além da educação formal, existem outros meios e métodos de aprendizagem ao longo da vida. A educação vai mais além, encontra-se presente na educação não-formal e informal, ou seja, todos os contextos da vida de um indivíduo contribuem para o desenvolvimento integral do ser humano. É importante refletir sobre o papel da educação no quotidiano da população privada de liberdade. A educação é um direito do ser humano (Duarte & Pereira, 2017).

Como referem Duarte & Pereira (2017), em Portugal, a Constituição da República Portuguesa (2005) define que o ensino é fundamental a todos os indivíduos, assim como:

Art. 74. 1. Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.

2. Na realização da política de ensino incumbe ao Estado:

- a) Assegurar o ensino básico universal, obrigatório e gratuito;
- c) Garantir a educação permanente e eliminar o analfabetismo;

d) Garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística;

Assim, a Constituição da República Portuguesa (2005) afirma o direito à educação, tal como está definido na Declaração dos Direitos Humanos da ONU (1948). A constituição portuguesa, não só refere o papel do ensino como da sua importância na vida do indivíduo enquanto cidadão participante na vida em sociedade, conforme se observa nos seguintes artigos:

Art. 26. 1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais (...). A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

Assim, segundo os documentos e tratados oficiais que citam e afirmam o direito da educação a todos os indivíduos, é do direito dos reclusos durante o seu cumprimento de pena terem acesso ao ensino, bem como formações profissionais e atividades socioeducativas, como podemos ver no Código de Execução de Penas. A questão da educação em contexto prisional leva a uma discussão política e social no que diz respeito ao desinteresse que a sociedade coloca em qualquer proposta que envolva o recluso e o seu bem-estar (Duarte & Pereira, 2017).

A educação, apesar de constar como uma garantia a todos os cidadãos (Constituição da República Portuguesa, 2005), continua a ser confrontada com inúmeras condicionantes no âmbito prisional, tal como a sua implantação, pois a mesma exige uma estrutura física apropriada para que o ensino seja lecionado de acordo com os modelos educativos. A construção de um Estabelecimento Prisional outrora não era idealizada para trabalhar a educação dos reclusos, mas sim para os castigar, e isso, hoje em dia põe em

causa a qualidade da educação, uma vez que o espaço em si não é o mais apropriado para pôr em prática o processo de reeducação através da educação, do trabalho, do desporto, das artes. Esta é uma das principais condicionantes, uma vez que estas temáticas são essenciais para o desenvolvimento integral do ser humano e necessárias para a inclusão social do indivíduo. Para além da sua estrutura existe uma necessidade de formar educadores para desenvolver a atividade educativa tendo em conta a realidade de um contexto privado de liberdade. Outro dos desafios considerados pela educação no espaço prisional é a eficácia dos processos educativos, que tem como objetivo alfabetizar, elevar o nível de escolaridade, dar formação e habilitações profissionais e promover a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho (Duarte & Pereira, 2017).

Apesar dos desafios impostos à educação em contexto privado de liberdade é de extrema importância que a Sociedade, os atores profissionais dos Estabelecimentos Prisionais, sejam eles Técnicos, Guardas Prisionais, Adjuntos, Diretores e Educadores, entendam o papel da educação num contexto dominado por temas e ideias que vão ao encontro do crime, da violência, do castigo, da punição, da dor, da exclusão e lutem por um direito que é do recluso. A educação é um direito do recluso, que pode dar lugar à emancipação dos indivíduos, criar novas oportunidades de vida, apaziguar a prática de violência, praticar o exercício da cidadania, estimular a inclusão social, aprender mais e ser melhor. Este é um direito que podemos observar no Código de Execução de Penas e Medidas Privativas de Liberdade, Lei nº115/2009, nos seguintes artigos:

Art.7. h) A participar nas atividades laborais, de educação e ensino, de formação, religiosas, socioculturais, cívicas e desportivas e em programas orientados para o tratamento de problemáticas específicas;

Art.38. 1 - O ensino organiza-se em conexão com a formação profissional e o trabalho, de modo a promover condições de empregabilidade e de reinserção social, no quadro das políticas nacionais de educação e de emprego e formação de adultos.

2 - A escolaridade obrigatória é assegurada com carácter prioritário a reclusos jovens ou iletrados.

3 - Deve promover-se a frequência pelo recluso de outros níveis de escolaridade, designadamente através do recurso a meios de ensino à distância.

4 - Ao recluso com necessidades educativas especiais é garantido o apoio que lhe permita aceder ao ensino em condições idênticas às dos restantes reclusos.

Art.41. 1 - O trabalho visa criar, manter e desenvolver no recluso capacidades e competências para exercer uma actividade laboral após a libertação.

Art.45. 1 - Aos reclusos é proporcionada a realização de actividades ocupacionais de natureza artesanal, intelectual ou artística, em função das disponibilidades existentes em cada estabelecimento prisional.

Art.49. 1 - São organizadas nos estabelecimentos prisionais actividades socioculturais e recreativas, designadamente através da existência de bibliotecas, de serviço de leitura, de videotecas e de programas diversificados de animação cultural, das quais os reclusos possam usufruir, tendo em vista o seu bem-estar e o desenvolvimento das suas aptidões.

2 - São organizadas nos estabelecimentos prisionais actividades desportivas, sob orientação técnica adequada, a fim de assegurar o bem-estar físico e psíquico do recluso e de favorecer o espírito de convivência social ordenada.

Para além da prisão ser um local onde o recluso irá estar privado de liberdade por consequência de um crime, este poderá, através da educação, tornar-se agente do seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional e definir novos caminhos, perspectivas e objetivos para seguir em frente, uma vez que se encontre em liberdade. Ou seja, é importante construir e fortalecer a ideia de que um Estabelecimento Prisional, para além de ser um espaço de punição e correção, pode ser um espaço educativo para assegurar e marcar a diferença no futuro do ex-recluso. Assim para além de o recluso ter direito à aprendizagem, também tem possibilidade da redução da pena por bom comportamento e participação nas atividades desenvolvidas no EP (Duarte & Pereira, 2017).

### **1.5.1. O papel da educação**

A educação tem um papel fundamental na sociedade, está presente ao longo de toda a vida, na medida em que se manifesta de diversas formas, algumas vezes mesmo sem nos apercebermos. Todos os dias, enquanto indivíduos de uma sociedade, aprendemos algo novo, adquirimos novos saberes, novas competências, seja através da leitura de um livro, do jornal, através de uma conversa, através de um passeio, de um convívio entre amigos ou família e não somente numa instituição escolar. A educação, segundo Nova (2014), faz parte do quotidiano do ser humano, uma vez que o processo de aprendizagem nunca deixa de estar presente no indivíduo, face a momentos ou situações de carácter educativo, social, económico, político, cultural.

Segundo Brito (2009, cit. por Nova, 2014), a educação assenta em três pilares de conhecimento: aprender a conhecer, o que vai proporcionar o prazer pela aprendizagem; aprender a fazer, de modo que o sujeito seja capaz de passar por cima das situações que lhe são impostas ao nível profissional; e aprender a ser, o que remete para a capacidade de se tornar responsável e autónomo.

A educação é um direito humano, é uma necessidade por parte do sujeito em que o mesmo se constrói enquanto cidadão, questiona-se, interroga-se, debate, afirma, nega, de modo a ser mais, a aprender, a adquirir no sentido de se aproximar do mundo (Nova, 2014).

De acordo com o autor, a educação representa um meio para o indivíduo se reintegrar na sociedade, superar as desigualdades e as relações de poder. Assim, tendo em conta que dentro do sistema prisional se encontram diferentes indivíduos com necessidades que divergem umas das outras, e sendo um grande número de indivíduos com reduzida taxa de escolaridade há que criar atividades de carácter educativo, bem como um modelo de ensino apropriado para os estabelecimentos prisionais.

### **1.5.2. Uma educação específica e diferenciada**

Educar em contexto prisional requer a formação de educadores para alfabetizar os reclusos, uma vez que a maioria não tem a escolaridade obrigatória. Contudo, os próprios reclusos entram na sala de aula com o intuito da redução da pena e de ocupação de tempo, deixando para trás a alfabetização como principal objetivo da educação, o que acaba por pôr em risco a reinserção do recluso, uma vez que o mesmo não tem como principal interesse a reeducação, mas sim a redução da pena (Duarte & Pereira, 2017).

A problemática da educação em contexto de privação de liberdade não é somente uma questão pedagógica, é também uma questão de segurança pública. Quando os educadores são colocados a trabalhar em cadeias o seu papel é colocado em segundo lugar, pois a segurança é a grande prioridade. Por vezes, ao educador é-lhe retirada a função de educar com vista à reinserção do recluso para passar a funcionar em termos de segurança, na medida em que a sua função passa a estar relacionada com a maneira de pensar e agir do recluso.

No processo de reinserção, ou seja, da reintegração do indivíduo na sociedade, existe a necessidade de apoios a diversos níveis, tal como, educativo, psicológico, emocional, a nível da formação profissional, do desporto, ou seja, do desenvolvimento integral do ser humano, para que se dê uma transmissão de valores, comportamentos e pensamentos positivos (Duarte & Pereira, 2017). Como referem os autores, este é um processo que depende do recluso, tem que haver uma mudança por parte dos mesmos, tem que haver consciência dos seus atos para que o processo possa decorrer da melhor forma possível. Este processo de reinserção implica que todos os atores profissionais de um Estabelecimento Prisional, administração, direção, equipa dos guardas prisionais, técnicos superiores, enfermeiros, psicólogos, cada um com as suas funções, todos contribuam para o mesmo objetivo.

A educação em contexto prisional também pode atuar como medidas de disciplina do recluso, tal como, ser responsável por arrumar os seus pertencentes, cuidar dos seus materiais, vestir-se de forma adequada, cumprir horários, apresentar modos de falar e de estar corretos, respeitar os educadores e saber ouvir os colegas, ou seja, atitudes e comportamentos que fazem parte do processo de socialização da vida em sociedade, que outrora alguns dos indivíduos não tiveram, antes de entrar num Estabelecimento Prisional (Duarte & Pereira, 2017).

Quando se fala sobre um Estabelecimento Prisional é preciso ter atenção ao ambiente que é sentido dentro da instituição. Ao ambiente de poder. Este poder é assumido é evidenciado pelo Estado que tem sobre a sua tutela os reclusos, os guardas prisionais que mantêm a vigilância e a segurança dos mesmos, a Direção, O Diretor cuja maior preocupação é que não haja fugas. Depois há outra forma de poder, o que existe entre os reclusos ao nível do grupo. Os reclusos têm poder entre eles na medida em que existem regras e hierarquia dentro do próprio grupo. Quando o educador entra neste contexto prisional, na maioria das vezes, não-lhe reconhecido qualquer poder, principalmente pelos

reclusos. Por outro lado, o educador não tem a formação devida para trabalhar num local de tensão, risco, hierarquia militar, não têm visibilidade e ainda é desacreditado no que toca ao futuro dos reclusos. Em certas situações, o contexto prisional reflete as perceções da sociedade. O educador é desacreditado, pois, os próprios cidadãos não acreditam na reeducação e no processo de reinserção do recluso. Podemos observar o mesmo na citação dos autores Duarte & Pereira (2017):

“Estamos vivendo um Estado Penal, a prisão virou regra, perdeu-se a crença na recuperação dos condenados, a cidadão comum clama por mais prisões, por pena de morte por assistir a impunidade crescer por um lado e a corrupção corroer o país por outra. As bandeiras de defesa de direitos humanos desses sujeitos passam a sofrer violentas críticas, discursos nas redes sociais e demais mídias populares associam direitos humanos aos “direitos dos bandidos”, educar no ambiente prisional, é muito mais que educar em uma sala de aula de qualquer outro espaço, de trabalho com um sujeito de direito que é rejeitado socialmente” (p.102)

Como referem os autores, parece inacreditável que o papel do educador não seja tido em conta, não seja valorizado, e que alguns setores da sociedade ainda continuem a considerar que os reclusos deixaram de ser indivíduos com direitos humanos, com direito à sua reeducação.

Existe uma necessidade de articulação entre as formações dos profissionais de segurança pública e de educadores, uma vez que ambos trabalham no mesmo local. Parece importante que todos compreendam que o contexto prisional é um espaço de trabalho multiprofissional, onde existe diversos profissionais, distintas funções, mas todas vão ao encontro do objetivo final, o mais importante, o processo de reinserção do recluso. O facto de existir trabalho em equipa e dar-se a valorização do educador pode ser um passo para lutar por uma sociedade mais justa, livre da violência, do ódio e do crime (Duarte & Pereira, 2017).

A problemática da educação em contexto prisional não é algo que venha até nós no nosso dia a dia porque não é um tema que os Mídias sociais, os mais tradicionais aos quais quase todos nós temos acesso, sejam jornais, televisão, livros ou rádio, não parecem interessar-se pelo tratamento deste tema, devido ao pouco interesse mediático e lucrativo. Ou seja, mais uma vez podemos observar como este é um tema pouco tratado, mas que

merecia outra atenção, pela importância social. A sociedade ao tentar esquecer aqueles que se encontram em situação de exclusão social, estará a comprometer a sociedade democrática regida pela paz e pela empatia, se não promover e definir propostas de intervenção de carácter educativo em contexto prisional (Duarte & Pereira, 2017).

### **1.5.3. A cultura prisional e o educador**

Uma cultura prisional geralmente é conhecida pelas regras que são impostas entre os reclusos, as regras de convivência que os mesmos definem, a hierarquia definida pelo crime cometido e, caso as regras sejam postas em causa por algum recluso, existe punição, através de violência física, comportamentos de humilhação e de trabalho forçado, violência sexual e em alguns casos, homicídios (Duarte & Pereira, 2017).

É neste contexto que o educador trabalha, um ambiente dominado pela tensão, em que estão presentes inúmeros indivíduos, diferentes maneiras de pensar e agir, diferentes opiniões, interesses e valores. É neste ambiente que podem acontecer fugas e motins, marcados pela violência e pelo medo. É aqui que o educador exerce as suas funções. Então, de acordo com os autores, para além da formação pedagógica os educadores têm que saber como funciona uma prisão, têm que conhecer as diferentes regras e normas de funcionamento pelas quais a prisão é regida. O facto dos educadores, na maioria dos casos, desconhecerem os direitos, não conhecerem o funcionamento do EP, não deterem acesso aos documentos oficiais que estabelecem os direitos e deveres dos reclusos pode pôr em causa o ensino, na medida em que os Educadores transportam a prática do ensino formal para o ensino em contexto prisional, o qual requer algumas mudanças e adaptações. A formação dos educadores que irão trabalhar em contexto prisional não pode esquecer que os mesmos irão trabalhar num regime de segurança e que a educação em contexto de privação de liberdade está para além da escolarização, ou seja, para além de ter como objetivo o aumento da escolaridade também procura estimular a reinserção do indivíduo (Duarte & Pereira, 2017).

### **1.5.4. O encontro entre a Educação Social e a Intervenção em contexto prisional**

Com o aparecimento da Educação Social a partir dos anos 70, foi possível abranger uma educação para todos os setores da população, onde os indivíduos com características problemáticas eram incluídos. De modo que, a educação criou um elo de ligação com os serviços sociais, com vista a ajudar indivíduos e grupos mais

desfavorecidos, problemáticos, marginais e entre outros (Azevedo, 2011). Petrus (2008) refere que as grandes metas e finalidades da Educação Social vão ao encontro da melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades, da transformação e mudança social, através da assimilação de normas, valores e atitudes, bem como competências cruciais para a vida em sociedade.

A Educação Social e a Pedagogia Social estão situadas num ponto onde confluem o educativo e o social, na medida em que na sua configuração, as necessidades práticas sempre apontaram o caminho da reflexão teórica, o que marcou a identidade da pedagogia social como disciplina científica e da educação social como espaço de intervenção prática (Diaz, 2006). De acordo com o autor, a educação social define-se, não só pelas funções que tradicionalmente têm constituído a sua esfera de competência, como também por aquelas que, em resposta às necessidades derivadas da realidade social lhe são circunstancialmente atribuídas. Nesta ótica não há uma forma unívoca de entender a educação social, mas sim diversas concepções de acordo com espaços e momentos.

No que se refere à Pedagogia Social, conforme referem Torquato, Costa, Oliveira & Garcez (2015), é a teoria geral da educação social, nela constitui-se a base teórica para as práticas de Educação Sociocomunitária e Educação Social. A educação social perpassa todos os setores da sociedade com o intuito de melhorar as relações humanas e sociais, e abrange todas as faixas etárias, desde a infância até a terceira idade” (Torquato, Costa, Oliveira & Garcez, 2015).

A Pedagogia Social é um conceito em constante construção. Apresenta um caminho de irregularidades, sendo que lida com diferentes perspetivas, interesses e contradições e está ligada a aspetos económicos, políticos, culturais e sociais. A Pedagogia Social tem como foco o momento, de maneira a intervir da melhor forma possível para com o indivíduo. O objeto de estudo da Pedagogia Social está relacionado com diversas áreas, sendo uma delas, a Educação Social especializada, o que nos remete para o caso das instituições prisionais. A Educação Social especializada consiste numa intervenção de carácter educativo que procura dar resposta a problemas de exclusão social, marginalização, conflito social, dependências e entre outros (Pérez, 2010).

No cenário atual, as comunidades estão a exigir uma nova concepção de educação social que passa pela capacidade de o educador social ser capaz de gerar processo socioeducativos que facilitem a participação social (Ortega, 2003), de criar pontes

socioeducativas que, o leva a encontrar soluções face às problemáticas sociais da realidade em que intervém (Mateus, 2012). A educação social poderá ser entendida como instrumento de socialização ao pretender combater a exclusão social, e neste caso dos Estabelecimentos prisionais, o objetivo seria inserir o indivíduo na comunidade e ensinar-lhe as regras de convivência. Nesse sentido, a educação social é um processo de transmissão de valores educativos, de normas e valores necessários para a ordem social (Petrus, 1998)

Neste contexto, o educador social pode intervir em diversos âmbitos, como por exemplo, a animação sociocultural, a educação de adultos, educação em setores com problemáticas específicas, como é o caso da prisão. Neste espaço, o educador social tem um papel imprescindível. Deverá identificar o problema, definir um plano de intervenção consoante as características do indivíduo/grupo a ser tratado para que seja alcançado o sucesso (Carvalho & Baptista, 2004). Segundo Sandrini, é papel do educador “ajudar as pessoas a tirar suas culpas e a introjeção da opressão, ajudá-las a sorrir, a libertar-se e a encarar a vida com um otimismo realista.” (...) “Todos são educadores e todos são educandos, não sucessiva e alternadamente, mas ao mesmo tempo” (Sandrini, cit. por Amorim & Júnior, 2008, p.844).

Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* (1996) refere que todos nós somos seres inconclusos, inacabados e que estamos sempre a aprender e também salienta que a educação muda as pessoas e são essas pessoas que podem ajudar a mudar o mundo. O educador social deve ter como princípio que é um ser inacabado e que precisa atualização constante dos seus conhecimentos, pois tem necessidade de formação e de aquisição de competências instrumentais e sociais necessárias à criação dinâmica de pontes socioeducativas determinantes na construção da sua identidade profissional (Mateus, 2012). Para realizar as suas funções, o educador social necessita de uma série de competências que se vão desenvolvendo ao longo tempo. Segundo Romans (2000), o conceito de competência passa pelo domínio de um determinado conjunto de saberes combinados, coordenados e integrados no exercício profissional, que beneficiam o indivíduo e a sua forma de atuar. Perante os novos desafios colocados à educação social, face a uma “nova ordem educativa” (Field, 2000, p. 133), torna-se imperativo que os educadores sociais possam aprender ao longo das suas vidas, nos vários contextos formativos. Paulo Freire (1996) refere que o indivíduo é um ser inacabado e não pode realizar-se se não tiver as condições para aceder a uma educação contínua que tem lugar

em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da sua vivência

Pelas suas funções assume, muitas vezes, o papel de interlocutor privilegiado, apontando caminhos para a solução de problemas vividos e sentidos nos contextos em que intervém, como é o exemplo dos Estabelecimentos prisionais. Neste contexto desempenha, por vezes, vários papéis, é um prático e um militante porque é pragmático e concreto e é um idealista que luta pelas suas convicções (Carvalho & Baptista, 2004). Azevedo (2011), defende que o educador social é um profissional que não se limita a satisfazer as necessidades básicas das pessoas; pelo contrário, o seu dever passa principalmente pela socialização e pela integração dos indivíduos que se encontram em risco de exclusão ou marginalização social. O educador social deve ser um profissional de relação, ou seja, “possui uma relação obrigatória assente numa pedagogia de proximidade humana, onde ela própria se liga ao ‘outro’ valorizando-se como menção axiológica primordial” (Azevedo, 2011, p. 38).

### Capítulo III- Apresentação e discussão de dados

#### 1. Contextualização do Estudo

Para conhecer o espaço prisional do Estabelecimento Prisional de Olhão foi realizada uma visita guiada com o Chefe de Guardas que se encontrava em serviço e a Técnica Superior de Reeducação. Enquanto decorria a visita todos os reclusos se encontravam nas suas respetivas celas de modo a não correr certos riscos de segurança e devido à pandemia que se fazia sentir, Covid-19. A observação e o diário de campo foram as técnicas de recolha de dados utilizadas e imprescindíveis para a realização da caracterização do EP.

O estudo teve lugar no Estabelecimento Prisional de Olhão, o qual se situa na Avenida dos Bombeiros Municipais de Olhão. Segundo o Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar (2017), é um EP masculino com lotação oficial de 50 reclusos. Este é um Estabelecimento Prisional que reabriu em 2008, dispõe de espaços de alojamento individual (28%) e coletivo (72%), e todos com instalações sanitárias. Em maio de 2017 este EP tinha uma ocupação de 59 reclusos, sendo que a sua taxa de ocupação era de 118,00% e em outubro de 2020 a ocupação era de 68 reclusos. A subida do número da ocupação explica-se devido a este estabelecimento ter passado a ser um EP de admissão de entrados do Algarve.

Este estabelecimento sofreu alterações com vista a melhorar e ampliar os espaços. A nível geral do estado de conservação é considerado *Bom*, uma vez que as instalações elétricas e a construção civil têm uma classificação *Bom* e as instalações mecânicas e as infraestruturas têm uma classificação *Aceitável*. (Sistema Prisional e Tutelar, 2017)

É um Estabelecimento Prisional Regional destinado a receber indivíduos do sexo masculino em cumprimento de medidas de prisão preventiva e de penas privativas de liberdade até seis meses. Quanto à segurança é um EP misto, uma vez que compreende tanto o regime aberto como o regime fechado. O regime aberto compreende o regime aberto no interior (RAI) e regime aberto no exterior (RAE). O regime aberto é atribuído por parte do Diretor do EP, o qual possibilita o exercício de atividades dentro das instalações do EP, com vigilância amenizada. Já o regime fechado é atribuído pelo Diretor-Geral, aos indivíduos que após cumprirem parte da pena de prisão pretendem trabalhar, estudar, assistir a formações profissionais ou seguir outros tipos de programas.

Atualmente o EP dispõe de 14 celas e 7 camaratas. As celas são dotadas de camas, tomadas luminosidade, lavatórios e sanitas. As camaratas contêm dois chuveiros, sanitas e lavatório. Os balneários contam com chuveiros, sanita, lavatório de cara e lavatório de roupa.

À entrada do EP situa-se a portaria nº1, a qual está equipada com cacifos, uma cabina de controlo de abertura dos portões, que conta com um computador para registar as entradas dos civis e dos atores profissionais e um detetor manual de metais. Contém ainda uma sala de espera para visitas com casa de banho e uma sala de depósito de encomendas e de revista. Na portaria nº1 o guarda responsável tem como funções o controlo das visitas e das entradas de pessoas no EP que são sujeitas à passagem pelo pórtico ou detetor manual, acompanhamento das visitas, vigilância e o registo no SIP de todas as pessoas que entram no EP. Na zona exterior do EP existe uma arrecadação, uma sala de convívio/bar para os guardas, um contentor para multiusos e uma zona para os transportes do EP.

O edifício prisional é constituído por a portaria nº 2, equipada com aparelhagem de camaras de vigilância e câmaras de vídeo. Na portaria nº 2 o guarda responsável tem como função o controlo do gradão central, registo de entrada e saída de reclusos, registo de todos os pertences do recluso no SIP, revista e vigilância. Na mesma zona podemos encontrar uma casa de banho e a sala de chefia de guardas. O mesmo edifício encontra-se dividido por três sectores, o sector A, o sector B e o sector C. O sector A compreende as celas rés do chão e 1º piso, balneários, ginásio, bar dos reclusos e biblioteca.

No sector B podemos encontrar o corredor, local onde existe a passagem dos reclusos para as salas de atendimento, visitas do advogado, para a enfermaria, para o refeitório e ainda a entrega de correspondência. Ainda no sector B há um pequeno gabinete, a lavandaria, refeitório/sala de visitas e celas destinadas às quarentenas/avaliação.

Já no sector C situam-se duas salas de aula/formação/atendimento, uma casa de banho, a cela de RAE, três quartos de visita íntima e três camaratas para os guardas prisionais. A cela de RAE é composta por quatro camas, uma zona de estar e cozinha, instalações sanitárias e um pequeno pátio com estendal e lavatório para a roupa. Este estabelecimento prisional dispõe de um completo sistema de videovigilância constituído por diversas câmaras no interior da zona prisional, mais precisamente, nas zonas comuns.

As instalações prisionais compreendem ainda o 1º piso, mais precisamente, a zona administrativa. Aqui está instalada a direção do EP, os serviços de contabilidade/tesouraria, gabinetes para os técnicos e adjunto do diretor, sala de controlo dos computadores, casa de banho feminina e masculina, cozinha, arrecadação e sala de reuniões.

No que concerne ao âmbito escolar, como já referi anteriormente, este EP tem duas salas de aula, cada uma com capacidade para mais de dez alunos e uma biblioteca. Contudo a biblioteca encontra-se desativada, quando o EP passou para acolhimento de entrados com a pandemia, pela necessidade de a transformar numa camarata. O EP dispõe ainda de um contentor de multiusos, onde podem decorrer atividades, formações e cursos profissionais. Neste momento estão três professores do Agrupamento de Escolas Dr. Alberto Iria com o qual o EP tem protocolo, os quais lecionam Unidades de Formação de Curta Duração, uma formadora de Reconhecimento, Validação e Certificado de Competências e um formador de cursos profissionais.

No âmbito dos serviços clínicos a equipa do EP trabalha com contrato de avença, ou seja, o EP não tem médicos e enfermeiros de quadro. Com contrato de avença trabalham dois médicos, quatro enfermeiros, uma farmacêutica e uma psicóloga. Para acompanhar os reclusos com dependências existe uma psicóloga da Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. Para os serviços de dentista e psiquiatria o EP de Faro contém e presta apoio sempre que é necessário.

A prática de atividades desportivas é assegurada pela existência de um ginásio, que tem capacidade para 4 reclusos de cada vez, em 6 horários diferentes, o que permite uma utilização diária de 24 reclusos. Para além do ginásio o EP contém um recreio ao ar livre que permite jogar futebol, futsal, correr e entre outras atividades desportivas.

## **2. O Estabelecimento Prisional – Dimensão Institucional**

A dimensão institucional de um estabelecimento prisional concentra-se na equipa de profissionais que nela se encontram a desempenhar respetivas funções e serviços. É obrigatório a presença de um Diretor, adjunto do diretor, conselho técnico, guardas prisionais e respetivos chefes de guardas na cultura prisional. Para além destes órgãos profissionais também existe a presença dos técnicos, tanto a nível administrativo como a nível educativo.

Segundo a Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro a estrutura orgânica dos estabelecimentos prisionais baseia-se num modelo hierarquizado, definido com base no nível de segurança e no grau de complexidade de gestão do EP. A gestão dos estabelecimentos prisionais desenvolve-se nas diversas áreas:

- 1- A área de Administração e Apoio Geral, que compreende a gestão dos recursos humanos, a gestão dos recursos financeiros e patrimoniais e a exploração das atividades económicas;
  - 2- A área de Execução das Penas e Jurídica, que compreende a organização, gestão e desenvolvimento dos procedimentos relativos à execução das medidas privativas da liberdade, a ação disciplinar bem como o apoio jurídico transversal ao estabelecimento prisional;
  - 3- A área do Tratamento Prisional e da Prestação dos Cuidados de Saúde, que compreende a programação do tratamento prisional, a realização e execução de programas e atividades nos domínios do ensino e da formação profissional, do trabalho e da atividade ocupacional, sociocultural e desportivo, bem como a interação com a comunidade, visando a reinserção social do recluso e a prestação dos cuidados de saúde;
  - 4- A área de Vigilância e Segurança, que assegura a ordem e a segurança no estabelecimento prisional e a custódia dos reclusos no decurso das saídas, compreendendo a organização do serviço do pessoal do Corpo da Guarda Prisional, a avaliação de segurança e informações, a atividade operacional e a logística.
- (Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro)

O Estabelecimento Prisional de Olhão, assim como todos os outros, tem como principais órgãos o diretor e o conselho técnico. O estabelecimento prisional é dirigido por um diretor dependente hierarquicamente e funcionalmente do diretor-geral. O diretor é uma figura importante e imprescindível no funcionamento do estabelecimento prisional, uma vez que o mesmo tem diversas funções, como por exemplo, delinear os objetivos da unidade orgânica que chefia, tendo em atenção os objetivos gerais estabelecidos; representar o estabelecimento prisional; liderar o conselho técnico do estabelecimento prisional; promover a coordenação interdisciplinar dos diferentes serviços do

estabelecimento prisional e certificar a qualidade técnica da prestação dos serviços na sua dependência; direcionar, controlar e avaliar o desempenho e a eficiência dos serviços dependentes; gerir com rigor e eficiência os recursos humanos, patrimoniais e tecnológicos afetos ao estabelecimento prisional e entre outros. (Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro)

Já o Conselho Técnico do Estabelecimento Prisional é composto pelo diretor que chefia, por um ou mais adjuntos do diretor e pelo elemento do corpo da guarda prisional que certifica a chefia da corporação do EP. Enquanto órgão do EP compete ao mesmo emitir parecer nas situações previstas no Código de Execução de Penas e no Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais ou a pedido do diretor do EP; compete avaliar com periodicidade trimestral a execução orçamental e a arrecadação das receitas; deliberar por maioria simples e reunir sempre que necessário e obrigatoriamente uma vez por mês. (Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro)

No caso do adjunto do diretor, no EP de Olhão existe um, o qual é hierarquicamente e funcionalmente dependente do diretor, coordena uma ou mais áreas do EP e exerce as competências que lhe foram atribuídas pelo diretor. Caso o diretor do EP tenha que ser substituído, em momentos de ausência ou face a impedimentos, é substituído pelo adjunto designado para o mesmo. (Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro)

Num estabelecimento prisional com o nível de segurança alta e o grau de complexidade de gestão médio, assim como o EP de Olhão, a coordenação das áreas é assegurada pelo diretor do EP e auxiliado pelo adjunto. Na área de Vigilância e Segurança quem chefia é um elemento do Corpo da Guarda Prisional, designado por Chefe ou Guarda Principal. O corpo da guarda prisional é a força de segurança, quem tem como missão garantir a segurança e a ordem no EP, de forma a proteger a vida e a integridade dos indivíduos em cumprimento de pena e assegurando o respeito pelo cumprimento da lei. (Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro)

Para além da caracterização acima apresentada, passo a citar duas transcrições resultado de duas entrevistas realizadas a um elemento do corpo de guarda prisional e à técnica superior de reeducação do estabelecimento prisional de Olhão, de forma a obter a melhor perspetiva e opinião a cerca da dimensão institucional.

*“Aqui no EP estou a exercer como Técnica Superior de Reeducação (...) faço acolhimento e acompanhamento aos reclusos.” (Entrevista 7) (Entrevista 7)*

*“Guarda Prisional (...) Vai fazer em abril 3 anos. (...) Principalmente vigilância e segurança, tanto dos presos, instalações, pessoas civis ou outras pessoas” (Entrevista 8)*

Para além das profissões e respetivas funções foi questionado a ambos os entrevistados como funcionava a relação entre o corpo de guardas prisionais e os restantes órgãos profissionais e para com os reclusos, ao qual podemos ver a resposta nas seguintes citações:

*“(...) existe boa relação, não me apercebo que haja assim grandes relações de conflito, isto é uma cadeia pequena, neste momento estamos em sobrelotação, temos capacidade para 51 e temos à volta de 70 reclusos, o que é mais difícil também de gerir.” (Entrevista 7)*

*“(...) pela relação Guarda recluso depende muito do Guarda em si (...) Mas em regra geral tenta-se criar uma boa harmonia (...) relativamente aos técnicos pessoalmente não tenho nada a apontar, antes pelo contrário, tento sempre criar uma boa articulação (...) Em termos de colegas aí já, pronto, já há, personalidades (...) às vezes há sempre pequenos conflitos, é normal. Mas tentamos sempre jogar por aquilo que consideramos o melhor na altura. (Entrevista 8)*

Relativamente à relação entre os reclusos com os Guardas ambos os entrevistados dão a entender que não existem grandes conflitos e que existe uma relação assertiva entre ambos, contudo às vezes pode depender do Guarda em si. Nas relações entre os Guardas e os outros elementos (Administração, Técnica de Reeducação e Adjunta do Diretor) existe uma relação profissional assertiva e articulada.

### **3. O Estabelecimento Prisional – Perspetiva dos Sujeitos do Estudo sobre o seu quotidiano**

A perspetiva dos sujeitos do estudo é crucial, uma vez que os reclusos são as personagens principais do estudo, bem como da realidade prisional. A perspetiva dos sujeitos foi colhida em diversos momentos do estágio, ou seja, através da observação, nas entrevistas semiestruturadas e nas atividades realizadas ao longo de dois meses, as quais são possíveis verificar nas seguintes transcrições do diário de campo e das entrevistas.

No momento em que o indivíduo deixa de ser livre e passa a um ser privado de liberdade, por consequência de um crime a sua entrada no estabelecimento prisional é marcada por um quotidiano muito característico, onde a organização e a disciplina predominam. A partir do testemunho dos reclusos pudemos conhecer as suas rotinas, os horários, as atividades que praticam ao longo do dia, bem como o trabalho que exercem no EP. O amanhecer no estabelecimento prisional de Olhão começa cedo para todos, ainda que alguns não deixem as suas celas à mesma hora. Para aqueles que trabalham no refeitório o dia começa às 7h30 da manhã e para os restantes o som das portas da cela a abrir é às 8h da manhã. Depois do despertar são realizados os cuidados de higiene pessoal e daí alguns escolhem ir tomar a primeira refeição do dia às 8h15 enquanto outros preferem praticar atividades desportivas logo pela manhã, como correr e fazer ginástica. Às 8h45 voltam todos às suas celas e voltam a ser abertos passado 20 minutos. Neste período de tempo até ao almoço há quem prefira ficar a descansar na cela, há quem tenha de estar a trabalhar como faxina, no bar dos reclusos, na lavandaria, a frequentar atividades de carácter educativo ou religioso, bem como, os cursos profissionais. Perto das 12h chega o transporte com a comida para o almoço dos reclusos, dois dos reclusos que trabalham na copa ajudam no transporte da mesma para o refeitório. Às 12h os reclusos começam a entrar no refeitório para almoçar. Depois do almoço os reclusos são fechados às 13h e voltam a ser abertos às 14h. Durante a tarde o tempo é dividido entre o trabalho, atividades de lazer, como jogos de mesa, jogos de futebol, a escola e os cursos profissionais. Às 17h30 os reclusos voltam ao refeitório para jantar e têm até às 19h para poderem estar no bar a tomar café, à conversa ou a jogar a jogos de mesa. Às 19h são fechados nas suas respetivas celas, onde permanecem até ao dia seguinte. Esta rotina acima explicita é resultado do testemunho dos reclusos sujeitos do estudo nas entrevistas realizadas:

*“Os que trabalham na Copa às 7h30h, os outros que estão sem fazer nada às 8h são abertos e às 8h15 é o pequeno-almoço. Depois às 8h45 vamos fechados, abrem-nos às 9h05. Depois podemos ficar na cela a abrem-nos às 11h30 e vamos almoçar ao meio-dia e depois somos fechados à 13h e aberto às 2h. E depois somos abertos às cinco e meia e fechados às sete.”* (Entrevista 1)

*“Como nós fazemos em casa, acordar de manhã, a nossa higiene pessoal, pequeno-almoço, depois se houver atividades faço as atividades, se não houver faço desporto (...) a hora do almoço, ficamos fechados por algum tempo, à tarde somos*

*abertos, à tarde depois tenho que me distrair com alguma coisa, jogos de mesa, jogamos futebol, quando pudemos claro” (Entrevista 2)*

*“(...) estou no bar. Normalmente começo de manhã logo à 1ª hora não vou ao pequeno almoço vou correr, faço o tempo que estamos abertos, vou correr aqui para o pátio, faço ginástica durante essa hora, estou no bar, vou para o bar até ao almoço. Vai-se almoçar (...) e à tarde ginásio e saio do ginásio para o bar novamente e está o dia feito. Assim agora começou com, começou as aulas, pois alguns dias durante a manhã” (Entrevista 3)*

Para além do quotidiano muito disciplinado e organizado também a entrada no estabelecimento prisional pode ser uma experiência marcante tanto a nível emocional como psicológico, bem como as relações interpessoais com os outros reclusos. Uma entrada no EP marcada por boas relações, bons comportamentos e sentido de inclusão por parte dos restantes reclusos pode ajudar o recluso no sentido de facilitar a entrada do recluso, diminuir o risco de comportamentos agressivos, de tristeza, de isolamento e o acolhimento e a avaliação de ingresso tornam-se mais fáceis se o entrado tiver calmo e se sentir apoiado, bem como a permanência no estabelecimento prisional. Junto dos reclusos, através das respostas obtidas nas entrevistas, podemos perceber que apenas um dos sujeitos do estudo apresentou dificuldades na entrada no EP e na ligação com os restantes reclusos. Este recluso permaneceu isolado e negou durante algum tempo a socialização com o restante grupo de reclusos. No seu testemunho conseguimos entender que existe uma falta de confiança e que o mesmo prefere fazer o seu caminho afastado de grupos e confusões:

*“Passado algum tempo... entrei aqui isolado, sentava-me num canto sozinho, mal falava com os Guardas, com os reclusos (...) falo com quem devo falar. Não dou muita confiança, faço o meu caminho e evito confusões e grupos. (...) Muitos falam mal de mim, outros falam bem.” (Entrevista 1)*

Contudo, dentro do grupo dos sujeitos de estudo, ou seja, seis entrevistados, apenas um dos reclusos se sentiu isolado e com dificuldades em manter relações interpessoais dentro do estabelecimento prisional. Os restantes participantes falaram sobre as relações interpessoais de uma forma positiva, bem como a sua entrada no EP, onde mostraram que não houve dificuldades de interação e que conseguiram integrar-se com os restantes reclusos. Neste caso, os reclusos que se integraram facilmente afirmam

que já tinham pessoas conhecidas no EP, o que permitiu que o processo de integração e socialização fosse mais acessível e simples, como podemos ver nas seguintes transcrições:

*“Tinha cá um amigo de infância (...) quando passei para cá tive logo um abraço, deram-me a mão e pronto foi mais fácil assim. Depois alguns que cá estavam aqui já conhecia da rua, foi muto fácil”* (Entrevista 2)

*“(...) quando entrei aqui já tinha, já tinha pessoas conhecidas minhas né, que estavam aqui. Estabeleci logo contacto com essas pessoas ou essas pessoas é que estabeleceram contacto comigo (...) e depois aos poucos fui estabelecendo contacto com o resto dos reclusos com aqueles reclusos (...) No modo geral é boa, sou brincalhão e sou gozão (...) por isso a minha relação com todos é praticamente boa.”* (Entrevista 4)

*“Já tinha conhecidos aqui. (...) Se não me pisarem os cales eu também não piso os cales a ninguém. (...) O pessoal que já me conhece da rua (...) gostar gostam. Mesmo quando eu cheguei tive 3 dias na cela de isolamento, logo quando a gente entra e o pessoal ia lá todo levar tabaco, comida.”* (Entrevista 5)

Para além das relações interpessoais também a ocupação do tempo livre no estabelecimento prisional é um assunto importante de abordar e de mostrar a perspetiva daqueles que lhe dão uso, ou seja, dos reclusos. O tempo livre em contexto prisional pode e deve ser ocupado de diversas maneiras, assim como, através de atividades lúdicas, atividades desportivas ou atividades educativas. A realização de atividades potencia nos reclusos novos estímulos, novos saberes, trabalho em equipa, criatividade e acima de tudo, promove o bem-estar a nível físico, emocional e psicológico. Portanto é fundamental que os reclusos ocupem o tempo livre com a prática de diferentes atividades e não somente com o trabalho laboral que realizam nas diferentes áreas da prisão. No decorrer das entrevistas foi possível conhecer as práticas desenvolvidas pelos reclusos nos seus tempos livres, entre as quais, desporto, ir ao ginásio, jogar basquete, ver televisão, ler e jogar às cartas. Para além do lazer, os reclusos afirmam frequentar atividades de caráter educativo e cursos profissionais, bem como, aulas de RVCC, atividades de TIC, de Português e o curso de Pintor. No caso dos reclusos que têm um posto de trabalho no EP, como é o caso de 4 entrevistados, o tempo livre acaba por ser menor em relação aos outros reclusos.

*“(...) sou fascino (...) Assim que tenho tempo livre faço flexões, vou ao ginásio, treino na cela. À noite faço flexões, abdominais, tenho de passar o tempo... vejo televisão. (...) ginásio (...) estou num curso de Pintor”* (Entrevista 1)

*“(...) Ginásio, antes treinava bastante, agora estou preguiçoso, ah, Futebol, tenho Atividade Desportiva à segunda-feira (...) Temos feito Basket”* (Entrevista 2)

*“não gosto muito de jogos de cartas que é o que o pessoal se entretém mais e eu nunca fui muito amigo de jogo. Dedico-me mais ao desporto (...) joga-me à leitura”* (Entrevista 3)

*“(...) é trabalhando, trabalhando, tirar cursos, faz-se desporto. (...) é a minha pausa normalmente faço desporto (...) Normalmente à hora de almoço costumava ler (...) oiço música (...) das 15h às 16h vou treinar e depois fico no bar até hora de jantar (...) Na cela joga-se à carta, ouve-se música, conversa-se, passa-se ali tempo com o pessoal. (...) o curso de Pintura, neste momento acho que é o único ativo. Mas pronto, temos curso de Pintura, curso de Pedreiro, temos atividades de Desporto à Segunda, atividades Tecnológicas”* (Entrevista 4)

*“Ginásio. Vou ao ginásio, jogo à bola. (...) Estou inscrito numa atividade sim (...) Práticas e Desporto.”* (Entrevista 6)

Para a realização de novas atividades, sejam estas, de carácter lúdico, educativo ou desportivo, é importante que seja dada a oportunidade aos reclusos de falar e expor os interesses e gostos que gostavam de ver dinamizados no estabelecimento prisional através de atividades. Foi então dada a oportunidade de os reclusos falarem nas entrevistas a cerca dos seus interesses, mesmo que os mesmos não fossem possíveis de se concretizar, é dado algum valor ao recluso enquanto indivíduo com necessidades e interesses. Nas transcrições das entrevistas é possível ver o que cada um gostava de ver realizado no EP, contudo algumas atividades que pediram fogem um pouco ao papel de estagiária, como por exemplo, kickbox, Paintball ou Judo. Este tipo de atividade para além de ser uma atividade que requer um treino específico e o uso de força, são atividades que requerem um espaço próprio para a dinamização do mesmo. Outras das atividades citadas pelos reclusos foram as atividades no exterior do EP ou a entrada de profissionais de diferentes áreas (professor, barbeiro, chef de cozinha, bombeiro, etc.) no EP para falarem um pouco de cada trabalho e mostrar algo que eles pudessem ajudar a construir e dinamizar.

*“(...) gostava de jogar paintball (...) devia existir mais apoios, mais conversas com os reclusos.” (Entrevista 1)*

*“(...) Ainda não tive tempo, muito tempo para pensar nisso, porque também o espaço aqui é muito pequeno. (...) eles têm aqui um espaço criado para ah. para a Delta Café, eles trazem máquinas (...) poderiam fazer coisas de jardinagem” (Entrevista 2)*

*“sobre o ambiente era interessante (...) Atividades sobre isso (...) Coisas diferentes do que eu estou habituado no dia a dia para uma pessoa explorar um bocadinho mais as capacidades.” (Entrevista 3)*

*“para reclusos novos que vêm penso que faz falta aqui por exemplo uma cozinha para tirarem uns cursos de cozinheiro, ou cursos de jardinagem. (Pausa) Ou o curso de barbeiro também.” (Entrevista 4)*

Para além das atividades idealizada pelos reclusos é importante entender a perspetiva dos mesmo em relação às atividades realizadas no EP, ou seja, quais os pontos positivos e negativos de cada uma. Todos os entrevistados asseguram que as atividades, sejam elas, a escola, os momentos de animação e lazer ou os cursos de formação profissional têm vantagens. Os reclusos apontam as principais vantagens retiradas para a aprendizagem, a ocupação do tempo livre, o bem-estar emocional, físico e psicológico. As atividades têm um lugar importante no estabelecimento prisional de olhão, como podemos entender através das seguintes transcrições, onde os reclusos apontam as vantagens das mesmas:

*“Eu acho que só tem vantagens (...) as atividades é sempre uma aprendizagem, para além ser uma aprendizagem, é um passatempo, é uma ocupação (...) e mesmo, e mentalmente também, não é só a parte física” (Entrevista 2)*

*“(...) as vantagens muitas das vezes e para ocupar o dia aqui no EP, porque aqui o dia custa a passar né, para ocupar o dia, ocupar a mente, a cabeça, a pessoa cansar-se psicologicamente para a noite descansar melhor, pronto, é complementar a sua educação” (Entrevista 4)*

*“A aprendizagem. Um gajo aprende sempre alguma coisa. Desvantagens, pelo menos para mim não vejo nenhuma” (Entrevista 5)*

“Há certas coisas que eu também aprendo nas atividades, também não sabia. Um exemplo, agora tivemos na atividade da “Eu não estou maluco” com a Psicóloga e pronto desconhecia coisas do cérebro” (Entrevista 6)

#### 4. O Projeto

O projeto realizado no contexto do estágio teve início a 06-04-21 e terminou a 08-06-21. Neste período de tempo foram realizadas nove atividades, sendo que o tempo de duração das atividades variavam entre 1h a 2h. De forma a pôr em prática o projeto foi criada uma tabela com os nomes das atividades, a definição de cada uma, os objetivos e os materiais necessários para a realização das mesmas. As atividades foram consideradas de acordo com os objetivos da investigação, com os interesses dos reclusos, bem como as necessidades. De uma forma geral as atividades procuraram o bem-estar pessoal, a união entre o grupo, a troca de ideias e experiências, a análise e reflexão e o conhecimento.

	<i>Atividades</i>	<i>Nº de Participantes</i>	<i>Data</i>
<b>1º Momento</b>	Atividade 1	5	6/04/21
	Atividade 2	5	6/04/21
	Atividade 3	4	20/04/21
	Atividade 4	5	20/04/21
<b>2º Momento</b>	Atividade 5	5	3/05/21
	Atividade 6	5	18/05/21
	Atividade 7	4	18/05/21
<b>3º Momento</b>	Atividade 8	6	25/05/21
	Atividade 9	4	1/06/21

**Tabela 4.1** – os três momentos de atividades, o número de participantes envolvidos e a data da atividade

Inicialmente o grupo de participantes era constituído por seis reclusos, porém, após a realização de duas atividades, dois dos participantes foram transferidos para outro Estabelecimento Prisional. Logo o grupo passou a ter quatro participantes, ao qual se juntaram dois reclusos que foram convidados pela Técnica Superior de Reeducação para se juntarem ao projeto.

De forma a ser feita uma avaliação das atividades foram definidos três momentos de avaliação. Este método de avaliação permitiu compreender se os participantes se encontravam envolvidos nas atividades, o seu nível de interesse e motivação, bem como, avaliar o meu desempenho atividade após atividades, de forma a compreender a existência de erros e o que melhorar nas seguintes atividades.

Para realizar a avaliação foi construído um pequeno questionário de avaliação, com 5 questões de resposta fechada e 1 questão de resposta aberta. A 1º pergunta procura saber como se sentiu o participante durante a atividade, tendo quatro possíveis respostas, como, normal, aborrecido, interessado e feliz. Na 2º pergunta o objetivo é saber se os conceitos e os objetivos da atividade foram esclarecidos, tendo como possíveis respostas quatro, como, 1 (Mau), 2 (Satisfaz), 3 (Bom) e 4 (Muito Bom). Na 3º pergunta é questionado se a atividade foi apelativa, tendo como possíveis respostas, 1 (Mau), 2 (Satisfaz), 3 (Bom) e 4 (Muito Bom). A 4º pergunta procura saber se a atividade criou interação no grupo, e as respostas podem ser, 1 (Mau), 2 (Satisfaz), 3 (Bom) e 4 (Muito Bom). Na 5º pergunta o objetivo é avaliar a atividade, ao qual é possível responder com, 1 (Mau), 2 (Satisfaz), 3 (Bom) e 4 (Muito Bom). Já na 6º questão, de resposta aberta, o objetivo é dar a oportunidade ao participante de apresentar sugestões de melhorias.

#### **4.1. As atividades**

##### **1º Atividade – “O Novelo”**

A 1º atividade foi realizada no dia 06-04-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão e contou com a presença de cinco participantes, sendo que um dos reclusos se encontrava em quarentena. A atividade “O Novelo” consiste em sentar os participantes em círculo, entregar aleatoriamente o novelo a um elemento e este deve passar a outro segurando sempre a ponta do novelo. Ao receber o novelo o participante apresenta-se (nome, idade, os seus interesses e qual a sua expectativa em relação às atividades de carácter educativo.) Os objetivos desta atividade passam pela apresentação dos participantes, identificar futuras expectativas e proporcionar um bom ambiente entre o

grupo. O material necessário para a realização da atividade é, somente, o novelo de lã. É possível compreender o desenrolar desta atividade através do seguinte excerto do diário de campo,

*“A atividade teve início com uma breve explicação sobre a definição da mesma para que eles pudessem entender como iria decorrer. A atividade 1 correu muito bem, cada um falou sobre o que era pedido, o nome, a idade, os interesses e expetativas e ainda me pediram para participar e eu aceitei para criar uma dinâmica interessante e sem dúvida, conseguir chegar até eles enquanto reclusos. Durante a atividade houve risos, sorrisos e brincadeiras entre os participantes e isso fez-me sentir bem e menos nervosa, confesso. No final da atividade falei sobre a importância das interações sociais, sejam elas individuais ou coletivas. Fizemos uma chuva de ideias, onde cada um, aleatoriamente, foi ao quadro escrever uma palavra relacionada com as relações sociais. No quadro podíamos visualizar diversas palavras, tais como, respeito, amizade, compreensão, interação e amor. No final falámos sobre os objetivos da atividade de forma a concluir a mesma.” (Diário de Campo, 06/04/21)*

## **2º Atividade – “O Espelho”**

A 2ª atividade foi realizada no dia 06-4-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão e estiveram presentes cinco participantes. Esta atividade consiste no grupo de participantes dirigir-se à mesa onde se encontra uma caixa de cartão com o espelho colado no fundo. Nenhum elemento pode dizer quem era a pessoa que estava dentro da caixa e devem atribuir características sobre a pessoa que visualizavam. No final da sessão o grupo deve trocar opiniões sobre a atividade e o seu efeito. O objetivo desta atividade é identificar características e competências pessoais e estimular a valorização pessoal. Os materiais utilizados essenciais para a realização desta atividade são, uma caixa de cartão e um espelho pequeno.

*“Iniciei a atividade sem referir o nome da mesma para deixar em aberto a curiosidade e expliquei como iria decorrer. Coloquei a caixa com o espelho numa mesa que estava em frente ao quadro da sala de aula e um a um, conforme o nome que eu chamava, foram até à mesa. O primeiro recluso ao abrir a caixa mostrou-se nervoso, tanto que começou a rir e pediu-me “não me faça isto!” Ao ter que atribuir características boas e más a si próprio foi difícil, e ainda disse que era difícil falar sobre aquela pessoa que ele via no espelho. Neste momento senti que a atividade estava a ter o*

*devido impacto, mas ao mesmo tempo as palavras e a reação do recluso deram lugar a um nó na minha garganta. Disse-lhe que era importante que ele o fizesse, ou pelo menos que tentasse. Depois à medida que os participantes iam realizando a atividade riam-se e mostravam-se surpresos ao perceber que tinham de falar sobre eles próprios. Em geral todos conseguiram atribuir 2/3 características boas e as más já foram mais difíceis de abordar perante o grupo. No final, mais uma vez, pediram-me para participar e eu assim o fiz, também como uma forma de chegar até eles e criar alguma confiança entre o grupo. Depois de participar na atividade perguntei se tinham gostado e se sabiam a importância deste tipo de atividade, ao qual responderam que sim e que era mais fácil quando estão sozinhos e não têm que falar sobre características próprias frente a um grupo. De modo a concluir a atividade falei sobre os objetivos da atividade e ainda da importância de nos valorizarmos enquanto seres humanos. Antes de deixar a sala de aula disse ao primeiro participante da atividade que se fizesse este tipo de exercício mais vezes com ele próprio iria ser mais fácil e benéfico para ele mesmo.” (Diário de Bordo, 06/04/21)*

### **3º atividade – “Um ombro amigo”**

A 3º atividade sucedeu-se no dia 20-04-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Estiveram presentes nesta atividade quatro reclusos, sendo que dois estavam a trabalhar no bar dos reclusos. A atividade “Um ombro amigo” consiste na distribuição de uma folha por cada elemento do grupo, cada um escreve anonimamente uma dificuldade/medo que sinta nos relacionamentos com o outro que seja difícil de expor e dobra o papel. Já com os papéis misturados no saco, os elementos do grupo tiram à sorte um papel e assumem o medo/dificuldade como se fosse seu, de forma a compreendê-lo e a encontrar uma solução. Todos os elementos têm cerca de 5 minutos para escrever. Cabe a cada elemento ler em voz alta o que está escrito no seu papel e apresentar uma solução ao problema. Os restantes elementos têm que dar a sua opinião em relação a cada solução que era apresentada. Os objetivos desta atividade abrangem a partilha de sentimentos, a valorização do outro e estimular a ajuda. Os materiais necessários para a atividade “Um ombro amigo” são, um saco transparente, papel branco e canetas.

*“Iniciei a atividade com um breve lembrete do que tínhamos feito nas atividades anteriores para que os novos participantes pudessem perceber e também para a reavivar a memória do grupo. Depois dei início à atividade nº 3, “um ombro amigo”. Expliquei ao grupo o que tinham que fazer e como iria decorrer o funcionamento da mesma.*

*Entreguei um papel a cada um e uma caneta para que cada um pudesse escrever um medo/dificuldade que sentiam nos relacionamentos com o outro. Esperei cerca de 2 minutos até que todos pudessem escrever. Passei uma mica onde todos colocaram o seu papel dobrado em 2 e misturei. Depois cada um tirou um papel, aleatoriamente, com o objetivo de cada um falar sobre um medo que outro recluso sentisse e assim atribuísse uma solução a cada problema que fosse retratado. Cada recluso falou sobre o medo/dificuldade, uns com mais facilidade que outros. No início o grupo estava um pouco tímido por ser um assunto relacionado com medos, mas após algumas discussões sobre o assunto o grupo aderiu muito bem à atividade. No decorrer da atividade alguns dos medos/dificuldades que foram tratados foram a ansiedade, a rejeição, o medo de perder o outro, o relacionamento amoroso e a falta de comunicação. Pudemos falar sobre medo em especial. Para criar dinâmica entre o grupo eu esperava sempre algum tempo para que eles pudessem refletir e apresentar uma solução para aquele problema e depois lançava mais perguntas ou perguntava a opinião do grupo. A atividade tornou-se muito dinâmica, onde todos os elementos participaram. No final da atividade informei o grupo sobre o objetivo da atividade, o qual seria, a entreajuda, a compreensão e a valorização do outro.”*

#### **4º atividade – “O circo das borboletas”**

A 4º atividade foi dinamizada no dia 20-04-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Na mesma estiveram presentes cinco participantes. Esta atividade consiste na visualização de um filme “O circo das borboletas” e no final do mesmo uma discussão de ideias e opiniões sobre a inclusão, exclusão e resiliência. Os objetivos desta atividade passam por compreender os conceitos de inclusão e exclusão e estimular a resiliência. Os materiais necessários para a execução desta atividade são, o computador, pen e videoprojector.

*“Para iniciar a atividade 4 precisei da ajuda de 2 reclusos para ligar o projetor colocar o filme a dar para uma boa visualização do mesmo. Assim que informei o grupo que a próxima atividade consistia na visualização de um mini filme e na discussão sobre o mesmo mostraram-se entusiasmados. Coloquei o mini filme a dar e sentei-me no fim da sala para poder observar todo o grupo e o seu comportamento enquanto assistiam ao filme. No decorrer do filme um Guarda Prisional entrou na sala de aula e esteve a ver mini filme durante um momento connosco. Enquanto todos viam “o circo das borboletas”*

*pude reparar como todos os participantes estavam com atenção e interesse. Assim que acabou o filme, após 22 min, lancei uma pergunta para o ar, a qual foi, “o que é que retiraram deste filme?” Um dos reclusos afirmou logo que era importante termos alguém ao nosso lado como no filme, que lhe dessem o benefício da dúvida e que acreditassem nas suas qualidades. Refletimos sobre a questão da resiliência, ao qual um recluso mostrou saber o significado do conceito. Tentei fazer com que o grupo percebesse que o filme retratava algo que acontecia todos os dias e que enquanto seres humanos que se encontram privados de liberdade têm que lutar e mostrar à sociedade que uma vez que saírem em liberdade não só ex. presidiários, são indivíduos com qualidade, com objetivos e perspectivas de vida e a importância da inclusão na vida em comunidade é fundamental. No final da atividade expliquei os objetivos da mesma e falámos um pouco sobre a questão das amizades, dos relacionamentos e da importância que tem o papel das mesmas na vida dos reclusos. Informei o Guarda que eles já podiam sair da sala de aula, contudo dois reclusos permaneceram na sala de aula a falar sobre a questão das penas e como uma prisão de menor dimensão pode dificultar o tempo a passar. Um dos reclusos ajudou a arrumar os materiais e ambos seguiram com o Guarda Prisional para a Zona”*

### **1º momento de avaliação**

O 1º momento de avaliação teve lugar no dia 27-04-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. O objetivo era reunir com o grupo e explicar o papel dos questionários enquanto ferramenta de avaliação das atividades, bem como, a importância de responderem de forma anónima e com sinceridade. Este momento de avaliação destinava-se à avaliação das atividades realizadas até à data, ou seja, a atividade 1 “O novelo”, a atividade 2 “O Espelho”, a atividade 3 “Um ombro amigo” e a atividade 4 “O circo das borboletas”

*“Entreí no EP cerca das 14h, coloquei os meus pertences no cacifo, a minha pasta com os questionários e o meu diário de campo na mesa e o Guarda responsável pela Portaria nº1 passou o detetor de metais e mediu a temperatura. Esta vinda ao EP teve como objetivo a avaliação das atividades já realizadas (atividade 1,2,3 e 4). Como os reclusos só podem ser abertos às 14h20 tive que aguardar, para poder ir até à sala de aula e chamar o grupo com quem trabalho. Enquanto esperava pela abertura dos reclusos fui até à secção administrativa, sala SAEP, onde se encontra a trabalhar a Técnica Superior de Reeducação e a Adjunta do Diretor. Mais tarde informei na portaria*

*nº2 o nome dos reclusos que tinham de ser chamados para a sala. Passei o Gradão e fui até à sala acompanhada por um Guarda, enquanto ouvia uma mistura de conversas entre os reclusos, na zona das celas. À primeira apareceram quatro reclusos que informaram que os outros dois reclusos sentiam-se em baixo e pediram para avisar. Após estarem sentados iniciei a conversa com uma breve explicação do que se tratava e para que servia os questionários que eles iam preencher e pedi-lhes que o fizessem de forma anónima e que fossem sinceros nas suas respostas. Um dos participantes disse que não tinha problemas em assinar os seus questionários, contudo, eu expliquei que era preferível em anónimo. Assim que o primeiro recluso acabou de preencher os questionários de avaliação pedi que fosse falar com os outros dois reclusos em falta e para pedir que viessem até à sala falar comigo. Ao fim de poucos minutos chegaram e disseram que não estavam muito bem, ao qual eu pedi que ficassem só um pouco porque o que tinham de fazer não demorava mais do que 10 minutos. Aceitaram ficar e pediram os questionários para preencher. À medida que foram surgindo dúvidas fui esclarecendo e ajudei alguns a compreender as questões. Entretanto um dos reclusos mostrou-se chateado, mas também disse que a culpa não era minha e que era difícil lidar com problemas dentro da prisão sem explodir com ninguém. Assim que os participantes iam terminando de preencher os questionários, o Guarda responsável acompanhava-os ao Gradão A para entrarem na zona das celas”*

Após a realização deste 1º momento de avaliação os dados recolhidos foram observados e organizados detalhadamente através de uma leitura de forma geral e posteriormente através de tabelas, de forma a conseguir obter uma melhor perceção e apresentação dos dados referentes a cada questão e a cada questionário, sem erros. Para apresentar os resultados dos questionários de avaliação das atividades foram feitas tabelas com os dados das primeiras quatro atividades para cada questão.

1- Durante a atividade sentiu-se:

	<b>Atividade 1</b>	<b>Atividade 2</b>	<b>Atividade 3</b>	<b>Atividade 4</b>
<i>Normal</i>	0	1	1	1
<i>Aborrecido</i>	1	0	0	0
<i>Interessado</i>	2	1	3	3
<i>Feliz</i>	0	1	0	1

**Tabela 4.2** – tabela referente á pergunta nº 1 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Na tabela acima podemos visualizar as respostas obtidas na 1º pergunta (do questionário face às primeiras quatro atividades. Na atividade 1 é possível verificar que apenas três reclusos responderam ao questionário, sendo que dois participantes responderam *interessado* e um participante respondeu *aborrecido*. Na atividade 2 observa-se que o questionário foi respondido por três participantes e as suas respostas foram distribuídas entre três possíveis respostas, um *normal*, um *interessado* e um *feliz*. Na atividade 3 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, entre eles, três responderam *interessado* e um respondeu *normal*. Na atividade 4 foram cinco participantes a responder, onde três responderam *interessado*, um respondeu *feliz* e um respondeu *normal*. Comparando as respostas entre as atividades é possível confirmar que a resposta mais escolhida pelos participantes foi *interessado* e a menos escolhida foi *aborrecido*.

2- Durante a atividade os conceitos e os objetivos foram esclarecidos?

	<b>Atividade 1</b>	<b>Atividade 2</b>	<b>Atividade 3</b>	<b>Atividade 4</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	1	1	1	1
4 ( <i>Muito Bom</i> )	2	2	3	4

**Tabela 4.3** – tabela referente á pergunta nº 2 da atividade 1 “O Novelo”, atividade 2 “O Espelho”, atividade 3 “Um ombro amigo” e atividade 4 “O circo das borboletas”

Na tabela 4.3 podemos observar as respostas obtidas na 2º pergunta do questionário face às primeiras quatro atividades. Na atividade 1 verifica-se que apenas três reclusos responderam ao questionário, sendo que dois participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 2 observa-se que o questionário foi respondido por três participantes, sendo que, dois participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 3 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, entre eles, três responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 4 foram cinco participantes a responder, onde três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante

respondeu 3 (*Bom*). Face à tabela 4.3 podemos concluir que as respostas 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram escolhidas pelos participantes como resposta à 2ª pergunta nas primeiras quatro atividades. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi escolhida como resposta onze vezes.

3- A atividade foi apelativa?

	<b>Atividade 1</b>	<b>Atividade 2</b>	<b>Atividade 3</b>	<b>Atividade 4</b>
<i>1 (Mau)</i>	0	0	0	0
<i>2 (Satisfaz)</i>	1	0	0	0
<i>3 (Bom)</i>	1	1	2	2
<i>4 (Muito Bom)</i>	1	2	2	3

**Tabela 4.4** – tabela referente à pergunta nº 3 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Na tabela acima podemos examinar as respostas obtidas na 3ª pergunta do questionário face às primeiras quatro atividades. Na atividade 1 verifica-se que três reclusos responderam ao questionário, sendo que, um participante respondeu 4 (*Muito Bom*), um respondeu 3 (*Bom*) e um respondeu 2 (*Satisfaz*). Na atividade 2 observa-se que o questionário foi respondido por três participantes, sendo que, dois participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 3 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, entre eles, dois responderam 4 (*Muito Bom*) e dois responderam 3 (*Bom*). Na atividade 4 foram cinco participantes a responder, onde três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e dois participantes responderam 3 (*Bom*). Face à tabela 4.4 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) nunca foi selecionada pelos participantes como resposta à 3ª pergunta nas primeiras quatro atividades. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi eleita como resposta oito vezes.

4- A atividade criou interação no grupo?

	<b>Atividade 1</b>	<b>Atividade 2</b>	<b>Atividade 3</b>	<b>Atividade 4</b>
<i>1 (Mau)</i>	0	0	0	0
<i>2 (Satisfaz)</i>	0	0	0	0
<i>3 (Bom)</i>	2	1	0	0

4 ( <i>Muito Bom</i> )	1	2	4	5
------------------------	---	---	---	---

**Tabela 4.5** – tabela referente á pergunta nº 4 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Na tabela acima podemos analisar as respostas obtidas na 4º pergunta do questionário face às primeiras quatro atividades. Na atividade 1 verifica-se que três reclusos responderam ao questionário, sendo que, um participante respondeu 4 (*Muito Bom*) e dois responderam 3. Na atividade 2 observa-se que o questionário foi respondido por três participantes, sendo que, dois participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 3 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, sendo que os quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*). Na atividade 4 foram cinco participantes a responder, onde os cinco participantes responderam 4 (*Muito Bom*). Ao visualizar a tabela 4.5 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 4º pergunta nas primeiras quatro atividades. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi eleita como resposta 12 vezes.

5- Como avalia a atividade?

	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4
1 ( <i>Mau</i> )	0	0	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	1	0	1	1
4 ( <i>Muito Bom</i> )	2	3	3	4

**Tabela 4.6** – tabela referente á pergunta nº 5 da atividade 1 “O Novelo”, da atividade 2 “O Espelho”, da atividade 3 “Um ombro amigo” e da atividade 4 “O circo das borboletas”

Na tabela 4.6 podemos observar as respostas atribuídas à 5º pergunta do questionário face às primeiras quatro atividades. Na atividade 1 verifica-se que três reclusos responderam ao questionário, sendo que, dois participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 2 observa-se que o questionário foi respondido por três participantes, sendo que os três participantes responderam 4 (*Muito Bom*). Na atividade 3 responderam ao questionário quatro participantes, sendo que, três

responderam 4 (*Muito Bom*) e um respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 4 foram cinco participantes a responder, onde quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Face à tabela 4.6 é possível concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram escolhidas pelos participantes como resposta à 5ª pergunta nas primeiras quatro atividades. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi selecionada como resposta 12 vezes.

Em relação à questão nº 6, uma vez que é uma pergunta de resposta aberta, foram obtidas diferentes respostas, entre as quais, pedidos de mais atividades de grupo, mais atividades com recurso a filmes e atividades de carácter artístico e um participante ainda respondeu que era necessário haver uma maior interação entre os participantes, bem como, sinceridade.

Face aos dados recolhidos no 1º momento de avaliação em conjunto com os participantes e mais tarde discutidos com o tutor entendeu-se que, as atividades realizadas no segundo momento tinham que continuar no mesmo sentido, ou seja, na partilha de sentimentos, de experiências pessoais e reflexão. Deste modo as atividades definidas para o 2º momento são relacionadas com histórias de vida, onde cada participante pode falar com o grupo sobre o que já viveu até à data. A necessidade de dinamizar este tipo de atividade emerge no sentido de ajudar o grupo a visualizar datas e momentos desde o seu nascimento até ao presente, preservar e revitalizar a memória, a refletir sobre atitudes e comportamentos e trocar experiências pessoais. Este tipo de atividade surge no plano de atividades uma vez que, de uma forma geral, o grupo mostrou algum receio e dificuldade em expressar características pessoais e consecutivamente falar sobre medos ou dificuldades sentidas até à data. Para além dessas dificuldades houve sugestões para atividades que permitissem ao grupo uma maior interação e atividades com recurso a filmes. No que diz respeito aos filmes compreendeu-se que seria interessante utilizar um filme para captar a atenção dos participantes em relação ao tema dos direitos humanos, tema esse imprescindível dentro e fora do contexto prisional.

### **5ª Atividade – “Histórias de Vidas”**

A 5ª atividade foi dinamizada no dia 03-05-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Na mesma estiveram presentes cinco participantes. Esta atividade foi dinamizada por um Professor, o qual foi convidado, para tratar o tema “Histórias de Vida”. Os

objetivos desta atividade passam pelo conhecimento e compreensão daquilo que são Histórias de Vida.

*“Seguimos para o Parlatório, onde o Professor J desenvolveu a sessão “Histórias de Vida”. Devido à situação pandémica e às medidas necessárias foi imposto que a sessão decorresse no parlatório e não na sala de aula, o que fez com que a ligação com os reclusos não fosse a mesma. Ali no parlatório há uma divisão, mesmo que seja transparente, há uma divisão entre os participantes e o orador, e o próprio grupo questionou o porquê e a Técnica Superior de Reeducação explicou-lhes de modo a acalmar os ânimos. Na medida que foram entrando, sentaram-se todos de frente para o Professor J e no total foram cinco os participantes presentes, uma vez que um recluso não estava no EP. No parlatório os reclusos sentaram-se juntos e o Professor do outro lado. O Professor iniciou a sessão sobre a questão da vida, o significado dos nossos caminhos, experiências e vivências. No decorrer da sessão os reclusos estavam bastante concentrados, ambos se mostravam interessados, fizeram questões, assim como a Técnica Superior de Reeducação que também estava presente e procurou lançar algumas questões para poder criar alguma interação com os reclusos. As questões acabaram por gerar uma troca de ideias e de opiniões muito interessante e dinâmica. Quando o Professor J abordou a questão de apontar o dedo aos outros iniciou-se um grande debate entre os reclusos, a Técnica de Reeducação e os Guardas Prisionais. O debate deu lugar à questão dos diferentes crimes e os crimes sexuais, bem como os seus autores e as consequências que os mesmos sofrem na cadeia. Este foi um debate que gerou uma enorme interação e discussão e os próprios participantes chamaram os Guardas para os mesmos darem a sua opinião. Deu-se uma troca de saberes e experiências que outrora não tinha observado entre membros da equipa de Guardas, entre o Professor, a Técnica de Reeducação e os participantes. Sentada atrás dos reclusos observava todo aquele debate com um sentimento de entusiasmo, felicidade e sobretudo sentia que estava a fazer algo bom, algo com sentido. Já no final da sessão procurei falar rapidamente com alguns participantes e saber se tinham gostado e as respostas foram positivas, sobretudo agradeceram trazer alguém novo do mundo exterior para eles poderem passar um momento diferente.”*

## **6º Atividade – “Vivências”**

A 6º atividade foi realizada no dia 18-05-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Na mesma estiveram presentes cinco participantes. Esta atividade consiste em cada elemento do grupo dirigir-se ao quadro onde pode desenhar a linha da sua vida. Cabe a cada participante sobre datas e momentos importantes desde o seu nascimento até ao presente. Os objetivos desta atividade passam pela troca de experiências pessoais e reflexão e análise. Os materiais necessários para a dinamização desta atividade são, um quadro preto e giz.

*“Ao entrar na sala primeiro que os elementos do grupo comecei por escrever o nome da atividade no quadro e organizar o meu diário de bordo. Enquanto estava na sala à espera da chegada do grupo, dois elementos apareceram à porta da sala para dizer que tinham de trabalhar e em princípio não podiam participar na atividade. Contudo liguei para a Técnica Superior de Reeducação que resolveu a situação e fez com que os reclusos deixassem o trabalho para mais tarde de forma a poderem participar na atividade. Ao iniciar a atividade “vivências” estavam presentes seis elementos, porém um recluso iniciou alguns comentários sobre estar ali obrigado e sem vontade e a solução foi a sua saída da sala de aula. Após a saída do mesmo expliquei ao grupo que nenhum deles era obrigado a estar a participar nas atividades e que quando não quiserem ou não se sentirem com disposição é só dizer, de forma educada. Iniciei a atividade nº 6 “vivências” a falar sobre a atividade nº5, que tinha sido realizado anteriormente por um Professor convidado. Perguntei ao grupo se tinham gostado, o que tinham achado da atividade e do tema em si ao qual obtive respostas muito positiva. Depois expliquei no que iria consistir a atividade e como iria ser feita. Os reclusos, aleatoriamente, foram até ao quadro e escreveram datas importantes e falaram sobre as mesmas, uns mais à vontade do que outros. No final fiz no quadro uma linha da vida com alguns momentos marcantes, desde o meu nascimento até à data e pedi-lhes que fizessem o mesmo. A maioria pediu-me fazer numa folha de papel, em anónimo, para me entregar e não expor aos restantes, ao qual eu aceitei. O grupo teve cerca de 15 min até todos terem concluído. No entanto durante a atividade um dos reclusos teve que sair para falar com o seu advogado. No final da atividade alguns elementos falaram sobre a dificuldade de relembrar certos momentos da vida, assim como as datas, uma vez que os mesmos afirmam que quanto mais se encontram em reclusão mais difícil é conseguir lembrar datas e momentos específicos.*

## **7º Atividade – 18/05/21**

A 7ª atividade teve lugar no dia 18-05-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Na mesma estiveram presentes quatro participantes. Esta atividade consiste na visualização de dois mini filmes sobre os Direitos Humanos. Depois do filme será feito um debate sobre o tema, assim como uma chuva de palavras associadas ao tema. Os objetivos destas atividades são, conhecer os direitos humanos, refletir e estimular a troca de ideias e opiniões. Os materiais necessários para a execução desta atividade são, o computador, pen, videoprojector, quadro e giz.

*“Para poder preparar a sala de aula entrei primeiro que os participantes na sala, comecei por escrever o nome da atividade no quadro e depois liguei o computador para poder transmitir no quadro os dois mini-filmes que estavam preparados para a atividade. Antes de iniciar a atividade tive que pedir a ajuda a dois reclusos para ligarem o projetor, o que não foi possível. Após várias tentativas com diferentes computadores, um Guarda deu a ideia de passar os filmes no computador e os reclusos juntarem-se à frente do mesmo, e assim foi feito. Optei por passar metade do 1º filme, uma vez que tinha muito tempo e bastava alguns minutos para passar a mensagem sobre os direitos humanos através de alguns exemplos concretos. Depois do 1º filme passei para um filme que falava sobre a história dos direitos humanos, para que os mesmos pudessem entender como começou, quem foram os pioneiros e quando se deu as grandes contribuições para a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Durante a visualização do mesmo os reclusos tiveram algumas dificuldades em ouvir devido ao barulho que se fazia ouvir no corredor, vindo de conversas entre os Guardas. Vi que eles não estavam a prestar atenção e que começavam a divagar, o som do filme desaparecera entre as conversas vindas do corredor e optei por me dirigir até ao corredor e pedir aos Guardas que fizessem menos barulho uma vez que não conseguíamos ouvir o filme. No final da visualização mostrei aos reclusos um documento onde constava todos os direitos humanos e pedi para que cada um escolhesse apenas um direito sem o qual não podia viver e posteriormente explicasse o porquê. Ambos os elementos do grupo escolheram um direito humano e todos diferentes, o que permitiu uma maior dinâmica e diversidade de respostas. Apesar de não ter conseguido passar os filmes da melhor maneira e a dificuldades em ouvir os mesmos que me deixaram um pouco frustrada, pois eu sabia que a atividade podia correr muito melhor, porém acho que consegui dar-lhes a conhecer alguns conhecimentos relacionados com os direitos humanos, o que é muito importante.”*

## 2º Momento de Avaliação

O 2º momento de avaliação teve lugar no dia 18-05-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. O objetivo era reunir com o grupo para os mesmos avaliarem as atividades. Este momento de avaliação destinava-se à avaliação da atividade nº 5 “Histórias de Vida”, da atividade nº 6 “Vivências” e a atividade nº 7 “Somos Seres Humanos”

*“Após a realização da atividade nº 7 “Somos Seres Humanos” informei o grupo que iríamos realizar o 2º momento de avaliação das atividades anteriormente realizadas, ou seja, a atividade nº 5, a atividade nº 6 e a atividade nº 7. Distribui pelos elementos do grupo os questionários de avaliação para que os mesmos pudessem começar a preencher. Um dos reclusos que só tinha estado presente na atividade nº 5 foi chamado para vir até à sala e preencher o seu questionário. Uma vez que os participantes já sabiam o que era para ser feito, já conheciam as questões do questionário e já sabiam qual o seu propósito não tiveram quaisquer dúvidas e preencheram os materiais em silêncio. No final da avaliação alguns elementos do grupo ficaram na sala de aula a arrumar os materiais e a falar sobre o quotidiano da prisão e as lembranças da vida em liberdade. Antes de sairmos da sala informei o que iria ser feito na próxima atividade, com o objetivo de motivá-los a estarem presentes. Os elementos do grupo seguiram à minha frente, acompanhados pelo Guarda até ao Gradão A, para entrarem na zona das celas. Antes do Gradão se fechar ouvi “até terça-feira” e sorri para mim mesma. Senti mais uma vez que algo de bom estava a fazer.*

Após a realização deste 2º momento de avaliação os dados recolhidos foram analisados e organizados através de uma leitura de forma geral e posteriormente através da criação de tabelas, de forma a conseguir obter uma melhor perceção e apresentação dos dados referentes a cada questão e a cada questionário, sem erros. Para apresentar os resultados dos questionários de avaliação das atividades foram feitas tabelas com os dados das atividades nº 5, atividade nº 6 e atividade nº 7.

1- Durante a atividade sentiu-se:

	<b>Atividade 5</b>	<b>Atividade 6</b>	<b>Atividade 7</b>
<i>Normal</i>	0	1	0
<i>Aborrecido</i>	0	0	0

<i>Interessado</i>	4	3	3
<i>Feliz</i>	0	0	1

**Tabela 4.7** – tabela alusiva à pergunta nº 1 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Na tabela acima podemos examinar as respostas obtidas na 1º pergunta do questionário face às atividades 5, 6 e 7. Na atividade 5 verifica-se que quatro elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que, todos responderam *interessado*. Na atividade 6 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam *interessado* e um participante respondeu *normal*. Na atividade 7 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, entre eles, três responderam *interessado* e um respondeu *feliz*. Face à tabela 4.7 podemos concluir que a resposta *aborrecido* nunca foi selecionada pelos participantes como resposta à 1º pergunta nas atividades 5, 6 e 7. A resposta mais escolhida pelos participantes foi *interessado*, uma vez que foi eleita como resposta dez vezes.

2- Durante a atividade os conceitos e os objetivos foram esclarecidos?

	<b>Atividade 5</b>	<b>Atividade 6</b>	<b>Atividade 7</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	0	1	0
4 ( <i>Muito Bom</i> )	4	3	4

**Tabela 4.8** – tabela alusiva à pergunta nº 2 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Na tabela 4.8 podemos observar as respostas obtidas na 2º pergunta do questionário face às atividades 5, 6 e 7. Na atividade 5 verifica-se que apenas quatro elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que os quatro elementos responderam 4 (*Muito Bom*). Na atividade 6 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 7 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, sendo que os quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*). De acordo

com a tabela 4.8 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 2ª pergunta nas atividades 5, 6 e 7. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi escolhida como resposta onze vezes.

3- A atividade foi apelativa?

	<b>Atividade 5</b>	<b>Atividade 6</b>	<b>Atividade 7</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	3	1	0
4 ( <i>Muito Bom</i> )	1	3	4

**Tabela 4.9** – tabela alusiva à pergunta nº 3 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Na tabela 9 podemos analisar as respostas obtidas na 3ª pergunta do questionário face às atividades 5, 6 e 7. Na atividade 5 observa-se que apenas quatro elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que três elementos responderam 3 (*Bom*) e um respondeu 4 (*Muito Bom*). Na atividade 6 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 7 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, sendo que os quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*). De acordo com a tabela 4.9 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 3ª pergunta nas atividades 5, 6 e 7. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi selecionada como resposta oito vezes.

4- A atividade criou uma interação no grupo?

	<b>Atividade 5</b>	<b>Atividade 6</b>	<b>Atividade 7</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	1	1	0
4 ( <i>Muito Bom</i> )	3	3	4

**Tabela 4.10** – tabela alusiva à pergunta nº 4 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Na tabela 4.10 podemos analisar as respostas obtidas na 4ª pergunta do questionário face às atividades 5, 6 e 7. Na atividade 5 verifica-se que apenas quatro elementos do grupo responderam ao questionário, entre eles três reponderam 4 (*Muito Bom*) e um respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 6 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 7 foi possível recolher a resposta de quatro participantes, sendo que os quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*). De acordo com a tabela 4.10 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 4ª pergunta nas atividades 5, 6 e 7. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi escolhida como resposta dez vezes.

5- Como avalia a atividade?

	<b>Atividade 5</b>	<b>Atividade 6</b>	<b>Atividade 7</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	1	1	0
4 ( <i>Muito Bom</i> )	3	3	4

**Tabela 4.11** – tabela alusiva à pergunta nº 5 da atividade 5 “Histórias de Vida”, atividade 6 “Vivências” e atividade 7 “Somos Seres Humanos”

Na tabela 4.11 podemos observar as respostas obtidas na 5ª pergunta do questionário face às atividades 5, 6 e 7. Na atividade 5 verifica-se que quatro elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que três elementos responderam 4 (*Muito Bom*) e um elemento respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 6 o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 7 foram quatro participantes a responder ao questionário, sendo que os quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*). De acordo com a tabela 4.11 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 5ª pergunta nas atividades 5, 6 e 7. A

resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi escolhida como resposta dez vezes.

Em relação à 6ª questão do questionário, uma vez que é uma pergunta de resposta aberta, foram obtidas diferentes respostas, contudo não foram apresentadas nenhuma sugestões de melhoria em relação às atividades desenvolvidas. Apenas foram pedidas mais atividades semelhantes às realizadas anteriormente e atividades de grupo.

Feita a avaliação das atividades e consoante as opiniões e sugestões dos reclusos foram feitas reflexões importantes a cerca das atividades para o 3º momento, em conjunto com o tutor. Após a leitura dos dados entendeu-se que a atividade relacionada com os direitos humanos e arte iria continuar no plano de atividades pré-definido. Esta é uma atividade delineada com base nas sugestões e interesses dos reclusos. Contudo a última atividade do 3º momento que estava pré-definida foi reformulada, uma vez que seria uma atividade relacionada com a problemática das tecnologias de informação e comunicação e os reclusos já haviam tratado essa temática na unidade de TIC. Assim, tendo em conta que ainda haviam algumas questões a refletir sobre as diferentes realidades económicas, culturais e sociais e a exclusão social foi definido uma nova atividade. Esta necessidade surge na atividade nº 5 “Histórias de Vida” onde foram relatados diferentes contextos de vida e as suas consequências, sendo uma delas, a exclusão social. Para dinamizar este tema e tornar a atividade apelativa considerou-se o uso de um filme, uma vez que é uma forma de aprender e refletir ao mesmo tempo.

### **8ª Atividade – “Vamos Pintar?”**

A 8ª atividade ocorreu no dia 25-05-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Estiveram presentes nesta atividade seis reclusos. A atividade “Vamos Pintar?” consiste numa atividade a pares ou em grupo, onde os participantes vão desenhar numa cartolina algo que retrate os Direitos Humanos. No final os trabalhos devem ser expostos para que sejam vistos por outros reclusos. Os materiais necessários para esta atividade são, cartolinas, canetas, lápis e borracha.

*“A minha ida ao EP teve como principal objetivo a realização da atividade nº 8 “Vamos Pintar?”, onde os reclusos tiveram que participar em grupo. Como estagiária tive que levar os materiais de pintura e as cartolinas, lápis para rascunho, borrachas e afias. Depois de me encontrar com a Técnica Superior de Reeducação pedi ao Guarda Prisional responsável pela portaria nº 2 para chamar o grupo com o qual eu trabalho.*

*Segui para a sala de aula e coloquei o nome da atividade no quadro para que os mesmos soubessem o nome da atividade para mais tarde avaliar. Coloquei as cartolinas, os lápis e outros materiais nas mesas para os reclusos poderem utilizar. Após esperar cerca de 5 minutos os reclusos foram chegando, sendo que nesta sessão estive o grupo todo presente, o que me fez sentir muito feliz e motivada. Antes de iniciar a atividade pedi que se lembrassem do que tinha sido feito na atividade anterior e expliquei aos dois reclusos que não tinham estado presentes na atividade anterior para que pudessem perceber o objetivo da atividade que iriam realizar. Ao iniciar dei a escolher aos reclusos entre dividirem-se em pares ou todos num só grupo, ao qual os mesmos optaram por formar um só e assim haver uma maior troca de ideias, trabalho de grupo e criatividade. Entreguei folhas em branco aos elementos do grupo e lápis preto para poderem fazer alguns rascunhos antes de passarem para a cartolina. Os reclusos tiveram cerca de 30 minutos a fazer alguns rascunhos e depois idealizaram o que queriam desenhar e como. Enquanto passavam os desenhos para a cartolina, disse-lhes que o trabalho iria ser afixado no refeitório dos reclusos para que todos pudessem ver. O grupo gostou bastante da ideia e ficaram muito motivados e perfeccionistas. Como já tinha passado mais de 60 minutos perguntei ao Guarda se era possível o grupo fazer um intervalo para irem beber um café e fumar, o qual permitiu e ficou definido que o intervalo seria de 15 minutos. Quando estava a voltar para a sala o grupo já se encontrava à minha espera ao pé do Gradão A, para poderem voltar à sala de aula. Após voltarem à sala começaram a preencher os desenhos com cores a fim de concluir para afixar. Durante este processo os elementos do grupo falavam entre eles, sobre questões do quotidiano, fizeram brincadeiras e questões sobre a minha opinião enquanto estagiária. Passado uns 40 minutos os reclusos terminaram o trabalho e ajudaram a aguardar o material. No final questionaram-me se tinha gostado do trabalho, ao qual garanti que sim. O grupo mostrou-se dinâmico, criativo, empenhado e houve entreajuda. Quando sai da sala dirigi-me ao escritório da Chefia dos Guardas para pedir autorização para afixar o trabalho dos reclusos e seguimos juntos para o refeitório. O Guarda Prisional chamou um dos elementos do grupo para ajudar a afixar e a escolher o sítio indicado. Ao finalizar agradeci e despedi-me do recluso. Segui para o exterior e agradeci ao Chefe de Guardas.”*

### **9º Atividade – “Mentes Perigosas”**

A 9ª atividade ocorreu no dia 01-06-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. Estiveram presentes nesta atividade quatro elementos do grupo. A atividade “Mentes Perigosas” consiste na visualização de um filme. Depois do filme é feita uma troca de ideias sobre questões relacionadas com o filme. Os objetivos desta atividade são, a reflexão sobre diferentes realidades económicas, sociais ou culturais, reflexão sobre exclusão social, bem como, as suas consequências. Os materiais necessários para esta atividade são, computador, pen e videoprojector.

*“Segui para a portaria nº 2, onde informei o Guarda para chamar o grupo com o qual eu trabalhava. Quando entrei na sala comecei por escrever o nome da atividade no quadro e preparei o computador e o projetor para a visualização do filme “Mentes Perigosas”. Aos poucos os reclusos foram chegando, sendo que um deles informou que dois colegas não podiam vir. Assim que se sentaram pedi ajuda a um elemento do grupo para posicionar corretamente o projetor e iniciei o filme. Após o filme começar todos os elementos se concentraram e mantiveram-se em silêncio. Ao fim de 50 minutos de visualização fizemos um intervalo, com a autorização do Guarda Prisional, para que os reclusos pudessem ir beber café e fumar. Ao fim de 10 min voltaram todos juntos e ficaram no Gradão A, à espera para poderem passar para a sala de aula, tal como combinado. Voltei a colocar o filme e todos se sentaram nos seus lugares para continuar a visualização do mesmo. Durante o filme alguns comentários foram feitos, o que deu origem a algumas trocas de ideias e opiniões relacionadas com a temática do filme. No final pedi ao grupo para comentar o filme. A maioria dos comentários foram de encontro à problemática da exclusão social, do direito à educação e à necessidade de haver uma educação igualitária para todos. No final da atividade informei o grupo sobre os principais objetivos da atividade realizada e posteriormente seguiram com o Guarda para a zona das celas”*

### **3º Momento de Avaliação**

O 3º momento de avaliação teve lugar no dia 08-06-21, no Estabelecimento Prisional de Olhão. O objetivo era reunir com o grupo para os mesmos avaliarem as atividades. Este momento de avaliação destinava-se à avaliação da atividade nº 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”.

*“À entrada passei pelo processo de segurança e coloquei os meus pertences no cacifo (Portaria nº1). Após me ser permitido entrar desloquei-me até à sala SAEP*

*(Sistema de Acompanhamento e Execução de Penas), onde se encontrava a Adjunta do Diretor. Como a Técnica Superior de Educação encontrava-se de férias a responsável por me orientar era a Adjunta. A minha ida ao EP teve como objetivo a avaliação das atividades realizadas nas últimas duas atividades e a realização de um lanche de convívio com os reclusos, os quais já haviam pedido há algum tempo. Devido à pandemia que se faz sentir tive que deixar a comida e as bebidas 48h antes para fazer quarentena e assim ser possível realizar o a lanche em segurança, com todas as medidas necessárias. Antes de me dirigir para a sala de aula tive que preparar a comida e cortar logo em pedaços, bem como, levar copos de plástica, pratos e guardanapos. Após ter tudo preparado fui para a Portaria nº2 para o Guarda Prisional responsável verificar o que levava e se havia alguma coisa que podia pôr em risco a segurança, o que não foi o caso. Antes de passar no Gradão e entrar na zona das salas de aula disse os nomes dos reclusos que era para chamar. Quando entrei na sala de aula coloquei os materiais de avaliação nas mesas para os reclusos preencherem. Passado uns minutos entraram 3 dos 6 reclusos e começaram a preencher. Enquanto o faziam perguntei se sabiam se os restantes reclusos iam estar presentes, ao qual me responderam que, dois estavam no curso de pintura e um não podia deixar o trabalho durante muito tempo. Assim pedi a um Guarda Prisional que estava responsável por aquele sector para chamar os reclusos ao Gradão e eles preencherem os questionários de avaliação sem terem que sair do Sector A (zona das celas). Depois de estar tudo preenchido o Guarda trouxe os materiais já preenchidos e demos início ao lanche. Durante o lanche falámos sobre diversos assuntos do quotidiano, da cultura prisional, do passado dos reclusos e projetos futuros. Para além desta conversa agradeci a atenção dos reclusos durante os últimos meses e o seu envolvimento no meu projeto. No final desejei boa sorte a todos e deixei o que tinha sobrado do lanche para os Guardas Prisionais.”*

1- Durante a atividade sentiu-se:

**Atividade 8    Atividade 9**

<i>Normal</i>	0	0
<i>Aborrecido</i>	0	0
<i>Interessado</i>	3	3
<i>Feliz</i>	3	1

**Tabela 4.12** – tabela referente à pergunta nº 1 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”

Na tabela acima podemos examinar as respostas obtidas na 1º pergunta do questionário das atividades 8 e 9. Na atividade 8 verifica-se que seis elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que, três elementos responderam *interessado* e os outros três responderam *feliz*. Na atividade 9 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam *interessado* e um participante respondeu *feliz*. Face à tabela 4.12 podemos afirmar que a resposta *aborrecido* e *normal* nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 1º pergunta nas atividades 8 e 9. A resposta mais escolhida pelos participantes foi *interessado*, uma vez que foi eleita como resposta seis vezes.

2- Durante a atividades os conceitos e os objetivos foram esclarecidos?

	<b>Atividade 8</b>	<b>Atividade 9</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	2	1
4 ( <i>Muito Bom</i> )	4	3

**Tabela 4.13** – tabela referente à pergunta nº 2 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”

Na tabela 4.13 podemos analisar as respostas obtidas na 2º pergunta do questionário face às atividades 8 e 9. Na atividade 8 verifica-se que seis elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que quatro elementos responderam 4 (*Muito Bom*) e dois elementos responderam 3 (*Bom*). Na atividade 9 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, três participantes responderam 4 (*Muito Bom*) e um participante respondeu 3 (*Bom*). De acordo com a tabela 4.13 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 2º pergunta nas atividades 8 e 9. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi escolhida como resposta sete vezes.

3- A atividade foi apelativa?

**Atividade 8    Atividade 9**

<i>1 (Mau)</i>	0	0
<i>2 (Satisfaz)</i>	0	0
<i>3 (Bom)</i>	2	0
<i>4 (Muito Bom)</i>	4	4

**Tabela 4.14** – tabela referente à pergunta nº 3 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”

Na tabela acima podemos observar as respostas obtidas na 3º pergunta do questionário face às atividades 8 e 9. Na atividade 8 verifica-se que seis elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que quatro elementos responderam *4 (Muito Bom)* e dois elementos responderam *3 (Bom)*. Na atividade 9 observa-se que o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, os quatro responderam *4 (Muito Bom)*. De acordo com a tabela 4.14 podemos concluir que a resposta *1 (Mau)* e *2 (Satisfaz)* nunca foram selecionadas pelos participantes como resposta à 3º pergunta nas atividades 8 e 9. A resposta mais escolhida pelos participantes foi *4 (Muito Bom)*, uma vez que foi apurada como resposta oito vezes.

4-     A atividade criou interação no grupo?

**Atividade 8    Atividade 9**

<i>1 (Mau)</i>	0	0
<i>2 (Satisfaz)</i>	0	0
<i>3 (Bom)</i>	1	0
<i>4 (Muito Bom)</i>	5	4

**Tabela 4.15** – tabela referente à pergunta nº 4 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”.

Na tabela 4.15 podemos analisar as respostas adquiridas na 4º pergunta do questionário face às atividades 8 e 9. Na atividade 8 seis elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que cinco elementos responderam *4 (Muito Bom)* e um elemento respondeu *3 (Bom)*. Na atividade 9 o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, os quatro participantes responderam *4 (Muito Bom)*. De acordo com a tabela 4.15 podemos concluir que a resposta *1 (Mau)* e *2 (Satisfaz)* nunca foram selecionadas

pelos participantes como resposta à 4ª pergunta nas atividades 8 e 9. A resposta mais escolhida pelos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi apurada como resposta nove vezes.

5- Como avalia a atividade?

	<b>Atividade 8</b>	<b>Atividade 9</b>
1 ( <i>Mau</i> )	0	0
2 ( <i>Satisfaz</i> )	0	0
3 ( <i>Bom</i> )	1	0
4 ( <i>Muito Bom</i> )	5	4

**Tabela 4.16** – tabela referente à pergunta nº 5 da atividade 8 “Vamos Pintar?” e da atividade 9 “Mentes Perigosas”.

Na tabela anterior podemos analisar as respostas adquiridas na 5ª pergunta do questionário face às atividades 8 e 9. Na atividade 8 seis elementos do grupo responderam ao questionário, sendo que cinco elementos responderam 4 (*Muito Bom*) e um elemento respondeu 3 (*Bom*). Na atividade 9 o questionário foi respondido por quatro participantes, sendo que, os quatro participantes responderam 4 (*Muito Bom*). De acordo com a tabela 4.16 podemos concluir que a resposta 1 (*Mau*) e 2 (*Satisfaz*) nunca foram escolhidas pelos participantes como resposta à 5ª pergunta nas atividades 8 e 9. A resposta preferida dos participantes foi 4 (*Muito Bom*), uma vez que foi eleita como resposta nove vezes.

Em relação à questão nº 6, uma vez que é uma pergunta de resposta aberta, podem ser obtidas diferentes repostas. Face à atividade 8 e 9 não foram apresentadas sugestões de melhoria. As respostas dos participantes na 6ª pergunta foram só comentários positivos a cerca das atividades, assim como, “as atividades foram top” e “as atividades foram bem-apresentadas”.

#### **4.2. Ciclo de Investigação-Ação**

A investigação pode ser considerada um processo social, através do qual é possível o investigador modificar o conhecimento que tem da realidade, transformando, ao mesmo tempo, a sua maneira de agir sobre essa mesma realidade, mas também pode ser descrita como “uma espiral autorreflexiva de ciclos de planificação, ação, observação

e reflexão” (Kemmis, 2007, p. 168). O autor refere que há quatro fases presentes no processo I/A: planificação, ação, observação e reflexão, fases que devem ser entendidas como não estáticas, em completas em si mesmas, mas apenas momentos dessa mesma espiral.

No caso deste Projeto iniciou-se com uma ideia geral sobre uma melhoria ou mudança desejável, no dia a dia dos reclusos, através de atividades educativas. Foi muito importante o diagnóstico realizado antecipadamente, realizando observações, recolhendo dados para construir uma ideia de projeto. Definida a ideia passei á fase do plano de atividades, flexível, prevendo imprevisibilidades e limitações, muitas delas por força do COVID 19. Refira-se que este pano foi antecipado pela reflexão sobre a sua exequibilidade. Nesta reflexão participou a minha tutora, o orientador e o diretor da EP. A reflexão reconstrói a ação e procura encontrar o sentido dos processos, os problemas e as restrições que se manifestaram durante a ação desenvolvida (Kemmis, 2007).

Para Cohen e Manion (1980) a investigação-ação é uma intervenção em pequena escala que permite a verificação próxima dos efeitos de uma intervenção em que todos estávamos apostados em que funcionasse bem, dado que este grupo (a mestranda em educação social, o diretor da EP, a tutora e o orientador) estava esperançado que o plano provocasse alguma mudança nos reclusos, sujeitos do processo educativo. A investigação-ação pode ter um papel tanto maior na implementação de mudanças no EP, quanto maior colaboração existir entre Todos, na medida em que diferentes pessoas, com diferentes formações e funções, permitem a troca de diferentes perspetivas e saberes, ao mesmo tempo que contribuem para encorajar quem possa estar mais relutante a ensaiar uma nova experiência. No caso concreto, da reflexão sobre o plano de ação, o diretor do EP era quem estava mais relutante

Numa segunda fase passou-se ao plano de atividades do qual constava um enunciado do problema, o que se pretendia melhorar, as ações e as avaliações das atividades, que obrigam à utilização de técnicas que proporcionem evidências sobre o resultado da ação que está a ser implementada, que permita avaliar os efeitos e que sejam suficientemente diversificados, de modo a “olhar” para o que se passou. Para este “olhar” contribuiu a avaliação realizada após cada atividade, pelos reclusos, também a opinião da tutora e a minha observação registada em diário de campo.

Os momentos de reflexão conjunta (3) ao longo do plano de ação foram muito importantes porque permitiram fazer ajustes ao plano, modificar/adequar a minha atitude face a determinadas situações. A flexibilidade, que caracteriza esta abordagem

metodológica, permite que sejam introduzidas algumas alterações (reajustamentos) ao plano; no entanto, como refere Kemmis (2007) é importante que o educador não se desvie demasiado do plano inicial, para que as ações propostas possam ser devidamente avaliadas. A reflexão permitiu reajustamentos e alterações que foram executadas nas ações seguintes.

Elliott (1991) considera que são precisos pelo menos três ciclos, para que se possa concluir com sucesso uma determinada melhoria. No caso deste processo de I/A, também houve 3 momentos de avaliação/reflexão que poderão ter contribuído para a melhoria da ação educativa. Uma ação que foi colaborativa, dado que Todos trabalhámos num mesmo sentido, (reclusos, mestranda em ES, tutora da EP e por vezes, o chefe de guardas) na concretização do plano de ação e que também foi auto-avaliativa, na medida em que as ações foram continuamente avaliadas, com vista a produzir novos conhecimentos e a alterar a prática (Cohen & Manion, 1980).

De acordo com os autores, a I/A apresenta também três objetivos essenciais que são a construção de conhecimentos; a modificação da realidade e a transformação dos atores, um processo de desenvolvimento para todos os participantes pois a investigação-ação não tem apenas a ver com o “fazer”, mas também com a aprendizagem através da ação. Também para o EP, talvez que esta metodologia de Investigação-Ação tenha produzido efeitos junto da Instituição ao “educar” a equipa (Diretor, Tutora, Chefe de guardas) para a criação de uma cultura de investigação, que respeite as “vozes” dos reclusos, levando-os a pensar, mais aprofundadamente, na sua própria ação junto do público com quem trabalham, os reclusos

## **5. Síntese conclusiva**

Esta síntese conclusiva resulta do trabalho de campo e tem como objetivo refletir todo o processo que se iniciou com a entrada na Instituição EP e todo o prático daí decorrente, procurando articular os dados com as fontes teóricas: Na verdade, a entrada no estabelecimento prisional de olhão permitiu a observação do espaço, das equipas, do funcionamento da instituição, bem como o acompanhamento da técnica superior de reeducação no acolhimento e acompanhamento dos reclusos. Através da observação a um atendimento a um recluso que “entrou”, pude conhecer o processo de acolhimento a um novo recluso. Quando dá entrada no EP, a técnica superior de reeducação encontra-se com o recluso numa sala, onde lhe é entregue um documento com os direitos e deveres do mesmo, assim como a garantia do direito de contactar família ou o advogado. Segundo

a Lei nº 15/2009 do código de execução das penas e medidas privativas da liberdade após a entrada do recluso é realizada uma entrevista de acolhimento nas primeiras 72h onde diversos assuntos são tratados, como, os dados pessoais, dados relativos à situação presente, dados de natureza jurídico/prisional, estado de saúde, pretensão de visitas e entre outros. O recluso é alojado no sector próprio para a admissão onde permanece até quinze dias. Nos primeiros dias é o tempo de processamento e de adaptação a uma nova realidade.

Nas entrevistas aos participantes um dos seis reclusos testemunhou que se sentiu isolado e não sentia confiança em socializar com os restantes reclusos. Contudo o resto do grupo mostrou nas entrevistas que tiveram uma adaptação fácil e apoio por partes de outros reclusos, o que também aconteceu devido aos mesmos já terem pessoas conhecidas entre os reclusos no EP, o que facilitou o processo de adaptação. Segundo Onofre & Julião (2013), a partir do momento em que o recluso entra no Estabelecimento Prisional é possível visualizar o sentimento de abandono da sociedade em que vivia. O recluso precisa de se adaptar a um novo quotidiano, ao convívio com inúmeros indivíduos de diferentes contextos, a uma nova cultura e à privação da liberdade. As normas da prisão e as novas situações do quotidiano do recluso, como por exemplo, os horários, a convivência com outros reclusos, as normas ou as relações de poder podem pôr em causa o seu comportamento e a sua aceitação, o que pode originar alguns comportamentos de risco, como agressividade (Onofre & Julião, 2013). Neste sentido, observa-se que o acolhimento e o acompanhamento por parte do corpo de guardas prisionais e do técnico superior de reeducação é de extrema importância à chegada do recluso, para que possíveis comportamentos de risco não se desenvolvam e, posteriormente, não coloquem em risco a segurança do estabelecimento prisional, bem como dos restantes reclusos e profissionais que nele se encontram a trabalhar.

Para além do acolhimento e do acompanhamento foi perceptível através da observação, dos dados recolhidos nas entrevistas e acima de tudo, em conversas informais, a importância do recluso ter acesso a atividades de ocupação do seu tempo no EP, como por exemplo, através do trabalho laboral, do ensino e dos cursos profissionais e das atividades socioculturais. O recluso, enquanto ser humano, mesmo privado de liberdade tem direitos humanos, como o direito à educação, ao trabalho, ao desporto e entre outros. E estes direitos são importantes na vida destes indivíduos, principalmente em contexto prisional, onde o indivíduo está fechado e não pode ter contacto com o

exterior. É importante que o mesmo continue a realizar atividades que visam gerir comportamentos de risco do recluso, a reeducação do indivíduo e a preparação para vida em liberdade.

De acordo com Ramos (2011), de forma a combater tais comportamentos de risco e a promover uma futura reinserção social existem nos estabelecimentos prisionais sectores direcionados para a ocupação laboral, para a formação profissional, ensino e lazer, que têm como objetivo minorar os efeitos nocivos da reclusão e ajudar o recluso a gerir e a controlar as suas atitudes e comportamentos, de forma a não haver conflitos. Por outro lado, toda a pessoa é um sujeito com direitos e deveres, sendo que é da responsabilidade do Estado a proteção de pessoas privadas de um adequado ambiente para o seu desenvolvimento (Díaz, 2006).

No estabelecimento prisional de olhão é muito positivo a existência destas atividades, assim como referiu a técnica superior de reeducação na entrevista, onde nos indica que a nível de lazer os reclusos têm acesso ao trabalho voluntário, ao desporto, jogos de mesa, leitura, televisão e atividades religiosas. Ao nível do ensino são desenvolvidas unidades curriculares de curta duração, como inglês, português e TIC, as quais são lecionadas por professores do Agrupamento de Escolas da Alberto Irias. Para além destas unidades curriculares o EP tem disponível a realização do RVCC que já certificou muitos dos reclusos que se encontram no EP. Ao nível da formação profissional está em prática o curso de pintor da construção civil.

De acordo com a DGRSP a prática de atividade pretende “desenvolver, nos indivíduos privados de liberdade, valores sociais, éticos, estéticos e humanistas que contribuam para o aumento das suas capacidades e potencialidades. Trata-se, pois, de uma área de intervenção que visa implicar e motivar os reclusos, esperando-se que, a par com outras vertentes de formação, permita fortalecer na população reclusa a personalidade e a identidade, tendo em vista uma melhor reinserção social” (Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, Justiça de Adultos)

Tendo em conta a importância do papel das atividades no quotidiano do recluso, bem como numa futura reinserção social, entendeu-se que o projeto a realizar com os mesmos teria como principal objetivo a realização de atividades educativas com base no exercício da cidadania, ou seja, atividades relacionadas com valores morais e éticos, como a liberdade, a integridade pessoal, igualdade, justiça, respeito e valorização do outro,

entrajuda e entre outros. Segundo Almeida *et al.* (2003) podemos constatar que a prática de atividade de ensino e lazer durante o cumprimento de pena tem uma conotação positiva para o recluso, no sentido do aumento da motivação, bem-estar psicológico, emocional e físico, desenvolvimento pessoal e diminuição da taxa de reincidência.

O projeto de educação social desenvolvido com os reclusos procurou responder aos aspetos positivos, anteriormente referidos, ou seja, promover a interação, a reflexão, a análise, o sentido crítico dos reclusos, para gerar melhores condições de vida e promover uma identidade e cultura assente na educação para os direitos humanos. Como refere Díaz, (2006), a educação não é património exclusivo da escola e deve ser entendida como um processo contínuo, de aprendizagem ao longo da vida, pois, os contextos de educação não-formal e informal, são reconhecidos como âmbitos essenciais do desenvolvimento humano e da construção da cidadania.

Durante as atividades desenvolvidas foi possível verificar que a maioria dos reclusos participou nas atividades e durante as mesmas sentiram-se interessados, o qual pode ser confirmado com base nas respostas aos questionários nos três momentos de avaliação. Os momentos de avaliação serviram como recurso para obter o parecer dos reclusos enquanto sujeitos do estudo. Conforme refere Guerra (2000) a avaliação faz parte da metodologia do projeto, estando inserida na fase da execução do mesmo, sendo que a avaliação é igualmente pedagógica, pelo que comporta igualmente objetivos pragmáticos relacionados com a aprendizagem, planeamento e mudança gerados pelas atividades do projeto.

Os distintos momentos de avaliação tiveram como principal função obter uma maior objetividade dos dados e com a intenção de proporcionar mudanças, reajustes e melhorias nas posteriores atividades, pois a metodologia Investigação-Ação compreende essa necessidade de forma a obter dados fidedignos e a melhorar a prática da investigação. De acordo com as ideias do autor Coutinho *et al.* (2009) a Investigação-Ação constitui um processo cíclico, onde existe ligação entre a ação e a reflexão crítica, e nos vários momentos de reflexão ao nível dos diferentes ciclos, são melhorados os métodos, os dados e a interpretação. Contudo, a investigação-ação não deve ser encarada como um “remédio” para todas as situações educativas, constitui um método com as suas forças e fraquezas e deve ser vista numa perspetiva de relatividade metodológica. Quando muito, pode ser considerada uma alternativa metodológica, entre outras e igualmente legítimas,

baseando-se essa escolha na especificidade do problema, que um investigador pretende abordar (Cohen & Manion, 1980).

Deste modo, a utilização desta metodologia terá produzido algum impacto ao nível da aprendizagem dos reclusos, pois, segundo os seus testemunhos, terá havido crescimento a nível pessoal e educativo. As atividades às quais tiveram acesso permitiu-lhes conhecer uma nova realidade, novas experiências e novos valores, bem como identificar perspetivas e objetivos futuros. No contexto de intervenção do estágio, este projeto permitiu a participação e comunicação dos participantes e terá contribuído para elevar a autoestima através das atividades educativas e recreativas. A partir de algumas atividades, de que é exemplo, as histórias de vida, os participantes reclusos e até alguns guardas que acabaram por intervir, tiveram a oportunidade de exprimir a sua leitura do mundo, comunicar os seus interesses, os seus desejos, os seus sonhos e ensaiar novas formas de perceção que possam promover mudanças na forma de ser e pensar.

Promovendo o contacto com diferentes discursos e diferentes culturas, proporcionando expressões culturais de procedência diversa e reconhecendo valores e perspetivas diferenciadas de interpretar a vida, procurámos fomentar atitudes positivas para uma convivência intercultural enriquecedora e, logo, promotora de inclusão e igualdade

## **Considerações Finais**

Durante a minha licenciatura tive uma surpresa boa. Um professor organizou uma visita a um Estabelecimento Prisional. Foi um dia bom, porque tive oportunidade de satisfazer uma pequena parte da minha curiosidade. Nunca estivera num EP, nunca tivera essa oportunidade e isso também é bom, porque nunca tive nenhum amigo ou familiar na situação e recluso, aquém fosse visitar. Mas isso não diminuía a minha curiosidade em saber como seria a "vida" dentro daqueles altos muros reforçados com arame farpado. Essa visita já foi há algum tempo, mas ainda recordo essa sensação estranha e, ao mesmo tempo, curiosidade e interesse em conhecer melhor esta realidade, com uma dinâmica muito própria, onde pessoas, por vezes, em espaços sobrelotados, viviam em celas individuais ou de grupo, pouco ou nada aderiam às atividades ocupacionais. Dito isto, e sendo por natureza espaços fechados sobre si mesmos, são também lugares com vida, com interação, com dinâmicas próprias, positivas e negativas. Dito isto, é de referir que ao realizar um Mestrado, não hesitei em escolher o Tema da minha dissertação. Era a oportunidade de conhecer e intervir num contexto que me atraía, pelas várias questões que estão associadas a esta problemática. Por um lado, poder conhecer, na medida do possível, como se vive num EP, poder refletir sobre algumas das causas que levam as pessoas a serem privadas de liberdade, sendo que a Delinquência tem ganho, ultimamente, contornos preocupantes que devem merecer a tomada de medidas que previnam esta "doença" social. Se este problema, não é apenas um tema jurídico, mas sim, um fenómeno social que interessa a todos os sectores da sociedade, mais interessa aos Educadores que têm a possibilidade de agir no sentido de intervir para prevenir. É certo que cabe ao Estado responder a este problema que é social, e, por conseguinte, também nós educadores, devemos agir porque reclusão também é sinónimo de exclusão, pobreza, solidão.

Dentro dos meus interesses por esta problemática, a reeducação no quotidiano do recluso, assim como as condições/oportunidades de reinserção social foram as linhas orientadoras para iniciar este trabalho de investigação/ação. Como futura Mestre em Educação Social enfrentei este desafio por entender que a melhor forma de aprender é na intervenção educativa, trabalhando com grupos vulneráveis, como é o caso dos reclusos, procurando contribuir para elevar os seus níveis de conhecimentos, a sua autoestima, saberes e atitudes que lhes proporcionem outras maneiras de ser e sentir, para que este processo de reeducação os ajude a enfrentar, um dia, a reinserção social. A construção da

identidade do educador social depende da interceção de várias práticas que têm uma intencionalidade educativa e uma intervenção em e a partir dos mais variados contextos (Mateus, 2012). As suas intervenções também podem definir-se como objeto de estudo, no que se refere à sua ação em interação com as pessoas e grupos que intervêm no processo educativo.

Segundo Barros & Fragoso (2020) os educadores sociais contemporâneos têm aptidões e métodos de investigação associados ao seu domínio científico, demonstram capacidade para conceber, projetar, adaptar e realizar projetos e programas de investigação significativa. Pérez Serrano (2003), refere que o papel do educador social é essencialmente pedagógico, têm um saber próprio, pedagógico, técnico e humano, dirigido a indivíduos e grupos que, ao centrarem-se nos problemas sociais e ao entendê-los como suscetíveis de serem tratados a partir de instâncias educativas, procuram implementar projetos de intervenção socioeducativa assentes na investigação-ação.

A investigação-ação, a metodologia privilegiada neste estudo, permitiu utilizar em simultâneo a Ação e a Investigação, o que terá sido muito importante para a minha aprendizagem e para o trabalho desenvolvido com os reclusos, pois, no processo cíclico foi possível utilizar um conjunto de estratégias para melhorar a prática educativa e social, orientada para a melhoria da ação educativa (Coutinho *et al.*, 2009). Neste âmbito, também foi importante o questionamento reflexivo e coletivo das atividades desenvolvidas, quer com o envolvimento dos reclusos, quer com a participação da equipa responsável, eu, a tutora e nalgumas situações, o diretor da EP e o meu orientador.

Em termos pessoais este trabalho foi muito importante para minha formação e aprendizagem, pude desenvolver as minhas capacidades de reflexão, tive de ser capaz de analisar situações problemáticas, condições de trabalho, procedimentos diversos para poder intervir em situações reais, envolvendo pessoas com diferentes sensibilidades, interesses, motivações. Isto significa trabalhar simultaneamente em vários níveis interligados de estruturação das relações sociais (Benavente, 1990). O meu estágio foi um processo curto, mas intenso, e tendo em conta os objetivos iniciais, pode concluir-se pelos resultados adquiridos ao longo da investigação, que esses objetivos foram atingidos. Este estágio realizado no EP de Olhão foi uma etapa de extrema importância no meu caminho pessoal e académico. Enquanto mestranda em Educação Social, adquiri muitos conhecimentos sobre a instituição, sobre o funcionamento da mesma e sobretudo, tive a

noção real do que é uma instituição prisional, onde pude compreender e verificar a importância da reeducação no ajustamento do indivíduo à sociedade e a importância das equipas técnicas nesse mesmo processo.

Também percebi que os processos educativos em contexto prisional, são fundamentais, não só para os reclusos, como para Instituição EP, que também é uma entidade aprendente. Mas, no que se refere aos reclusos, os processos educativos são uma forma de ocupação do tempo, promove a autonomia, a adoção de novos comportamentos, aprendizagem de novos conteúdos, para além de os incentivar a refletir sobre si próprios e os outros, os seus interesses, as suas perspetivas de futuro, bem como facultar ferramentas que poderão ser úteis quando recuperarem a liberdade. Os projetos educativos em contexto prisional contribuem para um melhor acompanhamento da execução da pena, a fim de assegurar o bem-estar físico e psíquico para favorecer o espírito de convivência social entre reclusos, para uma melhor ocupação do tempo, nesse sentido podem ser um importante contributo para a reinserção social. Independentemente do lugar onde são praticados (Bernet, 2003). Apesar dos vários constrangimentos, que constituíram limitações deste trabalho, considero que o meu estágio teve efeitos positivos na EP, pois as relações que se estabeleceram, o clima afetivo-relacional, os momentos informais de conversas com o grupo, os contactos de proximidade (apesar do distanciamento físico) foram importantes também para ajudar a melhorar o ambiente na EP, a contribuir para uma maior proximidade entre reclusos e guardas prisionais, pois os guardas participavam em algumas das atividades realizadas, não com um sentido de garantir a segurança, mas com o sentido de segurança e também de envolvimento, face ao interesse manifestado em participar nalgumas atividades que lhes despertava mais interesse. Considero esta proximidade, esta interação entre reclusos e guardas muito positiva, sobretudo, para quem vive quotidianamente lado a lado, embora por razões diferentes.

Embora o estágio tenha constituído momentos ricos em aprendizagem, em que os objetivos foram alcançados, teve também alguns aspetos que dificultaram e limitaram a investigação, bem como a intervenção. As dificuldades sentidas dizem respeito à desvalorização da educação social por parte de alguns elementos do corpo de guardas prisionais e à falta de acompanhamento, em certos momentos, sobretudo durante as atividades, por parte da técnica superior de reeducação causada pela sobrelotação da instituição. Na verdade, houve momentos em que senti muita falta de apoio para aplicar

o meu plano de atividades, dadas as características do grupo de reclusos, pois, sentimentos como a frustração, a passividade, a falta de motivação, a apatia e a agressividade, frequentes entre os reclusos, dificultam a socialização em contexto prisional, uma vez que o recluso vê-se obrigado a desenvolver determinado tipo de relações e mecanismos de defesa, outrora muito distintos dos utilizados fora da prisão (Bernet, 2003). Outro fator limitativo do estágio/realização das atividades relaciona-se também com a dimensão da intuição e a sobrelotação da mesma. A construção deste Estabelecimento Prisional (e de outros), não foi idealizado para trabalhar a reeducação dos reclusos, mas sim para os castigar, e isso, põe em causa qualquer projeto educativo. A inexistência de espaços apropriados para desenvolver atividades, o reduzido número de técnicos, a falta de material para dinamização de atividades e sobretudo, as novas regras criadas devido à pandemia, foram fortes condicionantes.

Não foi fácil realizar um estágio durante a Pandemia. A aplicação de práticas seguras para limitar a exposição à COVID-19 no EP exigia, em primeiro lugar, a avaliação dos riscos e, em seguida, a aplicação das medidas de controlo. Isto significava colocar em prática medidas de controlo para eliminar o risco de contágio. Havia as medidas coletivas que eram complementadas com medidas individuais. O distanciamento físico, a limitação de interação física entre estagiária e reclusos diminuía, muitas vezes, o efeito da ação educativa. Assim, como nas atividades em que havia um “convidado”, os reclusos ficavam num espaço e o convidado e a estagiária, noutra espaço, separados por uma divisória em acrílico. Era uma barreira improvisada que reduzia o efeito da interação educativa.

Em jeito de conclusão final considero que são muito importantes a realização de estágios e de investigações sobre contextos prisionais. Sobre os estágios é de referir que são uma forma de promover a participação dos reclusos em atividades de formação, que os podem ajudar a estabelecer contactos externos, “(...) quebrando o ciclo de monotonia e frustração em que se encontra e a preparar-se para o regresso ao exterior, aspetos todos eles coerentes com finalidades ressocializadoras que, em teoria, é a vida na prisão” (Bernet, 2003, p.112). Em termos investigativos, entre outras temáticas, seria interessante analisar/avaliar o papel do corpo de guardas prisionais na reeducação do recluso ao longo do cumprimento da pena. Este é um tema pertinente uma vez que os guardas prisionais são os atores profissionais dentro do EP que passam mais tempo com os reclusos durante

o cumprimento da pena. Outro tema que me seduziria estudar seria: “Estarão os EPs organizados para promover a reeducação dos reclusos?”

Eis dois bons desafios para o futuro!

## Referências Bibliográficas

- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Azevedo, S. (2011). *Técnicos Superiores de Educação Social. Necessidade e pertinência de um estatuto profissional*. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Barros, R., & Fragoso, A. (2020). *Investigação em Educação Social – prática e reflexão*. Universidade do Algarve. <https://doi.org/10.34623/npza-sf56>
- Benavente, A. (1990). Costa, A. E Machado, F. “Práticas de Mudança de Investigação – Conhecimento e Intervenção na Escola Primária”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº29
- Bernet, J. T.(2003). *Lá Educación fuera de lá escuela: ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação Social – Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Chaer, G., Diniz, R., & Ribeiro, E. (2011). A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência*,(7),251-266. Retirado de: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/pesquisa\\_social.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf)
- Cohen, L., & Manion, L. (1980). *Research methods in education*. London: Croom Helm.
- Correia, M. C. (2009). *A Observação Participante enquanto técnica de investigação*. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30-36.
- Coutinho, C.P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M.J., & Vieira, S. (2009) *Investigação-Acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355 - 379.
- Díaz A.S. (2006) *Uma aproximação à Pedagogia-Educação Social*. *Revista Lusófona de Educação*, V.7, nº 7.
- Duarte, A., & Pereira, C. (2017). *A educação de pessoas privadas de liberdade numa perspectiva inclusiva e ressocializadora: limites e contradições*. *Revista Interritórios*,

- Elliott, J. (1991). *Action research for educational change*. Buckingham: Open University Press.
- Field, J. (2000). *Learning Transitions in the Adult Life Course: agency, identity and social capital*. Institute of Education University of Stirling. *Conference of the European Society for Research in the Education of Adults Learning Careers and Identities Network*. Université de Louvain-la-Neuve 7 – 8th December 2006
- Freire, P. (1996). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Gonçalves, R.A. (2008). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. Editora Quarteto.
- Guerra, I. C. (2000). *Fundamentos e processos de uma sociologia da acção. O planeamento em ciências sociais*. Lisboa: Principia.
- Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é uma questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (2), 201-209
- Kemmis, S. (2007). *Action research*. In M. Hammersley (Ed.), *Educational research and evidence-based practice* (pp.167-180). London: Sage Publications.
- Kroeff, R., Gavillon, P., & Ramm, L. (2020). Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, (V.20, n. 2), 464-480.
- Monteiro, A., Moreira, J., & Leite, C. (2016). O eLearning em estabelecimentos prisionais: possibilidades e limites para a inclusão digital e justiça social. *Revista Diálogo Educacional*, (16 (47), 77-102.
- Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P. & Castro, P. A. (2017). A Observação participante enquanto metodologia de investigação. Qualitativa. *Atas: Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3, 724-733.
- Onofre, E., & Julião, E. (2013). *A Educação na Prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas*. Educação & Realidade.
- Pérez, S. G. (2003). *Pedagogia Social - Educación Social: Construcción científica e intervención práctica*. Madrid: Narcea.
- Petrus, A. (1997). *Concepto de educación social*. Em A. Petrus (coord.). *Pedagogia Social*. Barcelona: Ariel.

- Ribeiro, N., & Caliman, G. (2015). Reabilitação Criminal: O papel da educação social em processos de violência e exclusão. *INTERACÇÕES*, (38), 80-101. Retirado de: <https://dgrsp.justica.gov.pt/https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/8493>
- Romans, M. (2000). Formación continua de los profesionales en educación social. In Mercè Romans, Antoni Petrus & Jaume Trilla (comp.). *De profisió: educador(a) social*. Barcelona: Paidós.
- Torquato, R., Costa, M., Oliveira, R., & Garcez, R. (2015). PEDAGOGIA SOCIAL - O PEDAGOGO EM ATIVIDADES SOCIOEDUCATIVAS. Retirado de: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19899\\_9696.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19899_9696.pdf)
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.31, n. 3.

## **Legislação**

Artigos retirados da Direcção-Geral da Reinserção e Serviços Prisionais, Ministério da Justiça - <http://www.dgsp.mj.pt> :

- “Justiça de Adultos”
- “Atividades desenvolvidas em contexto prisional”

Artigos retirados da Constituição Federal Portuguesa

Artigos retirados da Declaração dos Direitos Humanos ONU

Decreto de Lei nº 115/2009 de 12 de outubro

Decreto-Lei nº 51/2011 de 11 de abril

Portaria nº 286/2013 de 9 de setembro

RASI (2018) - *Relatório Anual de Segurança Interna*, Sistema de Segurança Interna, Portugal.

Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar (2017) República Portuguesa, Justiça

# Anexos

## DECLARAÇÃO

(Nome) \_\_\_\_\_, aluno

(a) do \_\_\_ ano do curso de \_\_\_\_\_ da (o)

\_\_\_\_\_

(Escola, Universidade, Instituto), declara, por sua honra, que se compromete a realizar o estágio académico para que foi autorizado(a), respeitando o Regulamento Geral e nomeadamente as seguintes condições:

- 1- Apresentar um projeto de estágio, previamente definido com o professor/orientador, procurando conciliar os objetivos de natureza científica com os interesses da instituição, nomeadamente quando se trate de estágio de intervenção;
- 2- Conhecer e cumprir as normas e o regulamento interno do serviço /estabelecimento prisional em que se integrar;
- 3- Respeitar as orientações que lhe forem transmitidas, no sentido da sua integração numa equipa de trabalho e do cumprimento dos objetos do estágio;
- 4- Respeitar o sigilo profissional;
- 5- Manter a confidencialidade e anonimatos dos dados que tiver acesso;
- 6- Manter informado o técnico/orientador sobre todas as atividades de estágio, nomeadamente sobre os dados que está a tratar;
- 7- Apresentar o Relatório Final do estágio ao técnico /orientador para eventual parecer com vista à sua avaliação;
- 8- Entregar 2 cópias do Relatório Final, já devidamente avaliado, à Direção de Serviços que orientou o processo de estágio, a qual deverá remeter um exemplar à Direção de Serviços de Planeamento, Documentação, Estudos e Relações Internacionais;

Estabelecimento Prisional de Olhão \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

O (a) estagiário (a)

\_\_\_\_\_

## Declaração

(Nome) \_\_\_\_\_

declaro que autorizo a gravação e a utilização dos dados recolhidos através da entrevista, ficando garantido o anonimato e a confidencialidade, sendo apenas usados para a realização de investigação-ação no âmbito do Mestrado em Educação Social – Estágio.

Estabelecimento Prisional de Olhão \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(O entrevistado)

## Guião de Entrevista

**Tema:** Entrevista ao Recluso

**Local:** Estabelecimento Prisional de Olhão

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões</b>
<b>Bloco 1 - Garantir o anonimato e a confidencialidade</b>	<p>Apresentação do entrevistador, assim como o objetivo da entrevista;</p> <p>Antes da realização da entrevista pode ler e assinar a Declaração que autoriza a realização e a gravação da mesma;</p> <p>A informação aqui recolhida é anónima e confidencial e será utilizada na investigação;</p>	<p>Quem sou?</p> <p>O que faço?</p> <p>Qual o meu objetivo?</p> <p>Colocar o entrevistado à vontade</p>
<b>Bloco 2 - Caracterização sociodemográfica</b>	<p>Conhecer o recluso;</p> <p>Conhecer o percurso académico do recluso;</p>	<p>Nome?</p> <p>Idade?</p> <p>Idade com que foi preso?</p> <p>Estado Civil?</p> <p>Tem filhos? Se sim, quantos e a idade?</p> <p>Habilitações Literárias?</p>

<p><b>Bloco 3 - Percurso anterior à prisão</b></p>	<p>Compreender o entrevistado e as suas impressões sobre a vida;</p> <p>Entender a relação do recluso com o contexto criminal;</p> <p>Conhecer a situação laboral;</p>	<p>Qual o motivo da sua entrada na prisão?</p> <p>Estava a trabalhar antes de ser preso? Se sim, qual era a profissão? Gostava do que fazia?</p> <p>Quais foram os momentos mais significativos da sua vida e aqueles que contribuíram para estar aqui hoje?</p>
<p><b>Bloco 4 - Percurso no Estabelecimento Prisional</b></p>	<p>Conhecer a sua experiência em meio prisional;</p> <p>Perceber de que modo é ocupado o tempo na prisão;</p> <p>Conhecer as relações interpessoais e o seu processo em contexto prisional;</p> <p>Conhecer os interesses dos reclusos;</p> <p>Entender as necessidades dos reclusos;</p> <p>Compreender o motivo da participação nas atividades;</p>	<p>Como está a ser a sua experiência dentro do EP?</p> <p>Como é o seu dia a dia dentro da prisão? A sua manhã, a tarde e a noite?</p> <p>Após a sua entrada no EP estabeleceu contacto com os outros reclusos? Como é a sua relação com os restantes reclusos? Há conflitos entre indivíduos ou grupos?</p> <p>Na sua opinião, qual é ideia que os restantes reclusos têm de si?</p> <p>O que faz ao longo do dia para ocupar o tempo livre?</p>

	<p>Entender qual a relação do recluso com a escola;</p> <p>Perceber como funciona o Estabelecimento Prisional;</p>	<p>Pratica alguma atividade? Se sim, qual a que mais tempo lhe ocupa?</p> <p>Gostava de praticar outro tipo de atividade? Se sim, qual?</p> <p>As atividades que existem são do vosso interesse?</p> <p>Existem atividades em grupo? Se sim, qual a sua opinião à cerca das mesmas?</p> <p>Na sua opinião, deveriam existir mais atividades? Quais?</p> <p>Quais são as vantagens e as desvantagens das atividades?</p> <p>Estuda? Se sim, o quê? Se não, porquê?</p>
<p><b>Bloco 5 - Após a prisão</b></p>	<p>Compreender e identificar perspectivas e objetivos futuros para uma reinserção social.</p> <p>Perceber a eficácia das atividades desenvolvidas;</p> <p>Agradecer a participação do entrevistado</p>	<p>Após cumprir a pena, acredita que está apto e preparado para sair?</p> <p>Na sua opinião, as atividades desenvolvidas no EP são importantes para um futuro na sociedade?</p>

		Após a sua saída, quais são as suas perspectivas para o futuro a nível pessoal e profissional
--	--	---

## Guião de Entrevista

**Tema:** Entrevista ao Técnico Superior de Reeducação e Guarda Prisional;

**Local:** Estabelecimento Prisional de Olhão

<b>Blocos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões</b>
<b>Bloco 1 - Garantir o anonimato e a confidencialidade</b>	<p>Apresentação do entrevistador, assim como o objetivo da entrevista;</p> <p>Antes da realização da entrevista pode ler e assinar a Declaração que autoriza a realização e a gravação da mesma;</p> <p>A informação aqui recolhida é anónima e confidencial e será utilizada na investigação;</p>	<p>Quem sou?</p> <p>O que faço?</p> <p>Qual o meu objetivo?</p> <p>Colocar o entrevistado à vontade</p>
<b>Bloco 2 - Caracterização Sociodemográfica</b>	<p>Conhecer o indivíduo;</p> <p>Conhecer o seu caminho académico e profissional;</p>	<p>Nome?</p> <p>Idade?</p> <p>Estado Civil?</p> <p>Habilitações Académicas?</p> <p>Profissão Atual?</p> <p>Há quanto tempo se iniciou nesta profissão?</p>

<p><b>Bloco 3 - Experiência Profissional</b></p>	<p>Conhecer a profissão; Entender o seu papel no EP;</p>	<p>Qual era a profissão que exercia antes?</p> <p>Atualmente gosta do que faz?</p> <p>Quais são suas funções?</p> <p>Quais são os aspetos positivos e negativos na sua profissão?</p>
<p><b>Bloco 4 - No Estabelecimento Prisional</b></p>	<p>Identificar quais os tipos de crime que existem no EP;</p> <p>Identificar as idades dos reclusos;</p> <p>Compreender o processo de comunicação em meio prisional entre os reclusos; entre Guarda e recluso; entre Técnico de Reeducação e reclusos;</p> <p>Conhecer os programas existentes:</p> <p>Obter informação sobre o modo como os reclusos ocupam o seu tempo na prisão;</p> <p>Conhecer as atividades que existem no EP;</p>	<p>Quais são os tipos de crime que existem?</p> <p>Quais são as faixas etárias dos reclusos que se encontram no EP?</p> <p>No geral, como funciona a relação entre os reclusos? Com os guardas? Com o técnico?</p> <p>De que forma os reclusos ocupam o seu tempo livre?</p> <p>Existe algum programa de apoio aos reclusos? Como por exemplo, um gabinete de psicologia?</p> <p>Quais são as atividades que existem no EP? Qual o papel das mesmas nos reclusos?</p>

	<p>Compreender o papel das atividades no dia a dia dos reclusos;</p> <p>Identificar o papel da escola junto dos reclusos;</p> <p>Perceber com que finalidade os reclusos participam nas atividades;</p> <p>Identificar outros tipos de atividades importantes para os reclusos;</p>	<p>Para além das atividades que já existem, que outras poderiam ser desenvolvidas em contexto prisional?</p> <p>Qual a importância da escola no dia a dia da população reclusa?</p> <p>Os reclusos procuram frequentar a escola dentro do EP com que finalidade? Para ocupação do tempo livre, para aprender mais ou só para mostrar bom comportamento?</p> <p>Para além da educação formal, a educação não formal pode ter um papel importante em contexto prisional? De que forma?</p>
<p><b>Bloco 5 - Futuro</b></p>	<p>Conhecer a taxa de reincidência no EP;</p> <p>Compreender a visão da sociedade sobre ex-presidiários;</p> <p>Perceber a eficácia das atividades desenvolvidas;</p> <p>Agradecer a participação do entrevistado</p>	<p>Em relação ao futuro dos reclusos, considera que a imagem dos mesmos pode ficar prejudicada por ser um ex-presidiário?</p> <p>As atividades desenvolvidas no EP podem ter um papel benéfico no futuro dos reclusos? Por exemplo, na procura de trabalho?</p>

		<p>Qual é a taxa de reincidência neste EP? Na maioria dos casos, quais são os motivos?</p> <p>Após sair em liberdade, a sociedade pode ser um entrave para o recluso retomar a sua vida?</p>
--	--	--

## Tabelas de Análise de Conteúdo das Entrevistas

### Entrevistados: Reclusos

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Inferências</b>
<b>Caracterização</b>	Percurso acadêmico;	<p>“Tenho o 9º ano no curso profissional de operador de informática e conclui aqui no EP o RVCC (...) e conclui o 12º ano no Estabelecimento Prisional de Olhão” (Entrevista 1)</p> <p>“Tenho o 9º ano completo e depois fui para a Escola Hoteleira para tirar o 10º, ah o curso de Restaurante e Bar com equivalência ao 12º e tinha a ambição de seguir para Gestão Hoteleira (...) Ou seja, 9º ano, é o que é” (Entrevista 2)</p> <p>“Portanto 10º, 11º completo e o 12º falta-me a matemática do 12º.” (Entrevista 3)</p> <p>“Neste momento é o 12º ano, efetuado aqui dentro” (Entrevista 4)</p>	Ambos os reclusos têm pelo menos o 9º ano completo, sendo que 3 deles já concluíram o 12º no EP de Olhão através do RVCC.

		<p>“12º ano (...) vim concluir aqui o 12º ano” (Entrevista 5”</p> <p>“9º ano (...) conclui no Pinheiro da Cruz.” (Entrevista 6)</p>	
<b>Percurso anterior à prisão</b>	Situação laboral;	<p>“Sim, mas sem contrato (...) um dia que seja colocado em liberdade é tirar um curso de Hotelaria. Gosto de cozinha.” (Entrevista 1)</p> <p>“(…) era Assistente de Direção no Posto 2 em Vilamoura</p> <p>“Agricultura (...) fui criado dentro daquele meio com gado” (Entrevista 3)</p> <p>“(…) nos meses que antecederam não estava a trabalhar. Mas o meu percurso lá fora sempre foi, a minha vida sempre inseriu trabalho (...) profissão anterior a vir preso era segurança.” (Entrevista 4)</p>	Em relação à situação laboral antes do momento da reclusão a maioria dos reclusos encontravam-se a trabalhar, sendo que apenas 2 estavam desempregados.

		<p>“Não” (Entrevista 5)</p> <p>“Ah sou pescador” (Entrevista 6)</p>	
	<p>Momentos significativos da vida dos reclusos;</p>	<p>“(…) foi sentir que era especial para os meus sobrinhos, ouvi-os gritar o meu nome, saber que epá que os podia ajudar” (Entrevista 1)</p> <p>“os momentos mais importantes da minha vida, os meus filhos como é obvio, o nascimento deles, o 1º principalmente (...) era ter ido para a Força Aérea, ser Piloto de Aviação Comercial. É Um sonho que eu deixei perder. (...) Foco-me mais na minha família, nos filhos, no que vivi, gostei bastante, viagens em família” (Entrevista 2)</p> <p>“O nascimento dos meus filhos e para o lado</p>	<p>Em relação aos momentos mais significativos da vida dos reclusos ambos os elementos do grupo referiram os seus filhos e família como uma das causas para os melhores momentos das suas vidas. Ainda houve 1 recluso que para além da família falou sobre um sonho que deixou para trás e outro que referiu a entrada no EP como dos piores momentos.</p>

		<p>negativo quando vim preso.” (Entrevista 3)</p> <p>“Os momentos mais significativos da minha vida foi o nascimento do meu filho” (Entrevista 4)</p> <p>“(…) foi ter entrado preso e deixar o meu filho lá fora. Tinha acabado de nascer” (Entrevista 5)</p> <p>“Os nascimentos dos meus filhos, sem dúvida nenhuma” (Entrevista 6)</p>	
<b>Percursos no Estabelecimento Prisional</b>	Experiência no EP	<p>“Isto é um castigo muito grande, não desejo isto para ninguém. Mas eu cometi erros e estou a pagar por eles. Isto aqui é o afastamento da família, afastam-nos da nossa liberdade, não temos acesso a nada” (Entrevista 1)</p> <p>“(…) quando cheguei cá foi um pouco difícil (...) isto foi quase uma prova, uma prova à minha</p>	Os entrevistados em relação à experiência vivida no EP referem que é uma aprendizagem de vida que pela qual ninguém gosta de passar. Expressões como “isto é um castigo”, “uma prova à minha sanidade” marcam aquilo que a maioria sentiu, contudo houve 2 reclusos que se

		<p>sanidade mental (...) depois com o passar do tempo as coisas vão melhorando (...) Tenho uma boa relação com toda agente e isso também me ajuda” (Entrevista 2)</p> <p>“isto eu já conhecia também isto aqui cá dentro (...) Isto está igual praticamente como da 1º vez. Custa menos agora, menos entre aspas não é, não e o custar menos pelo contrário até me está a custar mais, a diferença é que uma pessoa já sabe, pronto o funcionamento disto cá dentro” (Entrevista 3)</p> <p>“(...) tem dias bons, tem dias maus. É uma experiência de vida, uma aprendizagem que eu espero não vir cá parar mais vez nenhuma.” (Entrevista 4)</p> <p>“Tranquilo” (Entrevista 5)</p>	<p>mostraram mais à vontade sobre a sua vivência no EP.</p>
--	--	--	---

		<p>“Igual à outra, é igual à outra... é estar preso. (...) Estou aí nos cursos todos que há, estou a trabalhar.” (Entrevista 6)</p>	
Quotidiano no EP	<p>“Os que trabalham na Copa às 7h30h, os outros que estão sem fazer nada às 8h são abertos e às 8h15 é o pequeno-almoço. Depois às 8h45 vamos fechados, abrem-nos às 9h05. Depois podemos ficar na cela a abrem-nos às 11h30 e vamos almoçar ao meio-dia e depois somos fechados à 13h e aberto às 2h. E depois somos abertos às cinco e meia e fechados às sete.” (Entrevista 1)</p> <p>“Como nós fazemos em casa, acordar de manhã, a nossa higiene pessoal, pequeno-almoço, depois se houver atividades faço as atividades, se não houver faço</p>	<p>O dia a dia dos reclusos, segundo os mesmos, mostra ser muito organizado e disciplinado. Ambos os reclusos têm as suas celas abertas às 8h e às 8h15 é servido o pequeno-almoço e às 8h45 voltam a ser fechados nas suas celas. Às 9h05 podem sair novamente para realizar atividades, frequentar as aulas, trabalhar ou para momentos de lazer. Caso queiram ficar na cela podem fazê-lo, depois são abertos às 11h30. A hora do almoço começa às 12h. Os reclusos voltam para as celas</p>	

		<p>desporto (...) a hora do almoço, ficamos fechados por algum tempo, à tarde somos abertos, à tarde depois tenho que me distrair com alguma coisa, jogos de mesa, jogamos futebol, quando pudemos claro” (Entrevista 2)</p> <p>“estou no bar. Normalmente começo de manhã logo à 1ª hora não vou ao pequeno almoço vou correr, faço o tempo que estamos abertos, vou correr aqui para o pátio, faço ginástica durante essa hora, estou no bar, vou para o bar até ao almoço. Vai-se almoçar (...) e à tarde ginásio e saio do ginásio para o bar novamente e está o dia feito. Assim agora começou com, começou as aulas, pois alguns dias durante a manhã” (Entrevista 3)</p>	<p>às 13h e às 14h podem voltar a sair. A hora do jantar é entre as 17h30 e a 19h. Às 19h são fechados até ao dia seguinte. À noite nas suas celas, os reclusos podem ver televisão, ler, ouvir música e conversar com os colegas de cela.</p>
--	--	---	--

		<p>“Agora neste momento estou no bar, abre às 9h o bar, fecha agora, pronto eu estou aqui, depois abre às 11h e só fecha à hora de almoço. É onde o pessoal bebe café, faz as compras de higiene pessoal, alimentação e à tarde pronto, passo a tarde toda no bar até à hora do fecho. (...) Á noite somos fechados às sete, até ao próximo dia.” (Entrevista 4)</p> <p>“De manhã levanto-me para ir trabalhar às 7h30 da manhã, depois saio às 9h05 e vou treinar aí até às 11h. Volto a ir trabalhar outra vez, vou para a camarata e depois à tarde é que eu fico um bocadinho na camarata. Fico lá com os meus companheiros, a jogar à carta, dados.” (Entrevista 5)</p> <p>“Trabalho, Ginásio (...) Sou faxina voluntário,</p>	
--	--	---	--

		há um ano e meio.” (Entrevista 6)	
	Relações Interpessoais entre os reclusos	<p>“Passado algum tempo... entrei aqui isolado, sentava-me num canto sozinho, mal falava com os Guardas, com os reclusos (...) falo com quem devo falar. Não dou muita confiança, faço o meu caminho e evito confusões e grupos. (...) Muitos falam mal de mim, outros falam bem.” (Entrevista 1)</p> <p>“Tinha cá um amigo de infância (...) quando passei para cá tive logo um abraço, deram-me a mão e pronto foi mais fácil assim. Depois alguns que cá estavam aqui já conhecia da rua, foi muito fácil” (Entrevista 2)</p> <p>“Dou, com toda a gente” (Entrevista 3)</p>	<p>Segundo os entrevistados, apesar de um recluso ter afirmado que entrou sozinho e negou durante algum tempo a socialização com outros reclusos, a maioria fala sobre as relações interpessoais de uma forma positiva, onde mostram que não houve dificuldade de interação e que conseguiram integrar-se com os restantes reclusos. Neste caso, os reclusos que se integraram facilmente afirmam que já tinham pessoas conhecidas no EP, o que pode facilitar.</p>

		<p>“(...) quando entrei aqui já tinha, já tinha pessoas conhecidas minhas né, que estavam aqui. Estabeleci logo contacto com essas pessoas ou essas pessoas é que estabeleceram contacto comigo (...) e depois aos poucos fui estabelecendo contacto com o resto dos reclusos com aqueles reclusos (...) No modo geral é boa, sou brincalhão e sou gozão (...) por isso a minha relação com todos é praticamente boa.” (Entrevista 4)</p> <p>“Já tinha conhecidos aqui. (...) Se não me pisarem os cales eu também não piso os cales a ninguém. (...) O pessoal que já me conhece da rua (...) gostar gostam. Mesmo quando eu cheguei tive 3 dias na cela de isolamento, logo quando a gente entra e o pessoal</p>	
--	--	--	--

		<p>ia lá todo levar tabaco, comida.” (Entrevista 5)</p> <p>“Ah já estou habituado a isto, é praticamente assim, isto é estabelecer contactos e eu também sou uma pessoa social, dou-me com toda gente e para mim é fácil lidar com as pessoas (...) É boa.” (Entrevista 6)</p>	
	Ocupação de tempo livre no EP	<p>“(…) sou fascino (...) Assim que tenho tempo livre faço flexões, vou ao ginásio, treino na cela. À noite faço flexões, abdominais, tenho de passar o tempo... vejo televisão. (...) ginásio (...) estou num curso de Pintor” (Entrevista 1)</p> <p>“(…) Ginásio, antes treinava bastante, agora estou preguiçoso, ah, Futebol, tenho Atividade Desportiva à segunda-feira (...) Temos feito Basket” (Entrevista 2)</p>	<p>Para ocupar o tempo livre todos os reclusos afirmaram praticar desporto, ir ao ginásio e jogam basquete. Para além do desporto, os reclusos afirmam frequentar aulas de RVCC, atividades de TIC, de Português e o curso de Pintor.</p> <p>No caso dos reclusos que têm um posto de trabalho no EP, como é o caso de 4 entrevistados, o tempo livre acaba por ser menor em relação aos outros reclusos.</p>

		<p>“não gosto muito de jogos de cartas que é o que o pessoal se entretém mais e eu nunca fui muito amigo de jogo. Dedico-me mais ao desporto (...) jogo-me à leitura (...) o RVCC e temos TIC também, nos computadores (...) Temos Português” (Entrevista 3)</p> <p>“(...) é trabalhando, trabalhando, tirar cursos, faz-se desporto. (...) é a minha pausa normalmente faço desporto (...) Normalmente à hora de almoço costumava ler (...) oiço música (...) das 15h às 16h vou treinar e depois fico no bar até hora de jantar (...) Na cela joga-se à carta, ouve-se música, conversa-se, passa-se ali tempo com o pessoal. (...) o curso de Pintura, neste momento acho que é o único ativo. Mas</p>	
--	--	---	--

		<p>pronto, temos curso de Pintura, curso de Pedreiro, temos atividades de Desporto à Segunda, atividades Tecnológicas” (Entrevista 4)</p> <p>“Ginásio. (...) já praticava na rua (...) ao nível da educação? Não (...) Porque não há praticamente aqui nada. (...) As que havia já fiz.” (Entrevista 5)</p> <p>“Ginásio. Vou ao ginásio, jogo à bola. (...) Estou inscrito numa atividade sim (...) Práticas e Desporto.” (Entrevista 6)</p>	
	<p>Criar atividades/ temas do interesse dos reclusos;</p>	<p>“(...) gostava de jogar paintball (...) devia existir mais apoios, mais conversas com os reclusos. ” (Entrevista 1)</p> <p>“(...) Ainda não tive tempo, muito tempo para pensar nisso, porque</p>	<p>Relativamente à ideia de criar novas atividades os reclusos mostraram um pouco do que cada um gostava de ter no EP, contudo as atividades que pediram fogem um pouco ao meu papel</p>

		<p>também o espaço aqui é muito pequeno. (...) eles têm aqui um espaço criado para ah. para a Delta Café, eles trazem máquinas (...) poderiam fazer coisas de jardinagem” (Entrevista 2)</p> <p>“sobre o ambiente era interessante (...) Atividades sobre isso (...) Coisas diferentes do que eu estou habituado no dia a dia para uma pessoa explorar um bocadinho mais as capacidades.” (Entrevista 3)</p> <p>“para reclusos novos que vêm penso que faz falta aqui por exemplo uma cozinha para tirarem uns cursos de cozinheiro, ou cursos de jardinagem. (Pausa) Ou o curso de barbeiro também.” (Entrevista 4)</p> <p>“Judo (...) mas o Chefe (confidencialidade) não</p>	<p>de Estagiária (kickbox, Paintball, Judo) e neste momento com o Covid algumas delas são impossíveis de concretizar, como atividades no exterior ou profissionais de diferentes áreas (barbeiro, chef de cozinha, bombeiro, etc) dirigirem-se ao EP e falarem um pouco de cada trabalho e mostrar algo que eles pudessem ajudar a construir e dinamizar.</p>
--	--	---	---

		<p>deixou (...) isso ia ajudar a maçar o corpo, porque há muitas pessoas que não gostam de puxar ferro (...) aí paintball, era bom.” (Entrevista 5)</p> <p>“(...) por acaso gostava. Eu já fui pugilista, gostava de praticar kickbox” (Entrevista 6)</p>	
	<p>Vantagens e desvantagens das atividades</p>	<p>“(...) praticar atividades é bom, porque ajuda a libertar ah os restos do consumo que tem no corpo.” (Entrevista 1)</p> <p>“Eu acho que só tem vantagens (...) as atividades é sempre uma aprendizagem, para além ser uma aprendizagem, é um passatempo, é uma ocupação (...) e mesmo, e mentalmente também, não é só a parte física” (Entrevista 2)</p> <p>“Do desporto a saúde e do coiso aprendizagem,</p>	<p>Todos os entrevistados asseguram que as atividades, sejam elas, a escola, os momentos de animação e lazer ou os cursos de formação profissional têm vantagens. Os reclusos apontam as principais vantagens retiradas por eles, sendo a aprendizagem, a ocupação do tempo, bem-estar emocional e físico.</p>

		<p>saber, saber algo mais” (Entrevista 3)</p> <p>“(…) as vantagens muitas das vezes e para ocupar o dia aqui no EP, porque aqui o dia custa a passar né, para ocupar o dia, ocupar a mente, a cabeça, a pessoa cansar-se psicologicamente para a noite descansar melhor, pronto, é complementar a sua educação” (Entrevista 4)</p> <p>“A aprendizagem. Um gajo aprende sempre alguma coisa. Desvantagens, pelo menos para mim não vejo nenhuma” (Entrevista 5)</p> <p>“Há certas coisas que eu também aprendo nas atividades, também não sabia. Um exemplo, agora tivemos na atividade da “Eu não estou maluco” com a Psicóloga e pronto</p>	
--	--	--	--

		desconhecia coisas do cérebro” (Entrevista 6)	
	Relação entre o recluso e a escola	<p>“(…) Porque é que faço? Para andar entretido.” (Entrevista 1)</p> <p>“(…) estou no RVCC porque eu não tinha o 12º ano (...) e tenho ambição depois de completar o 12º se houver alguma oportunidade para a faculdade” (Entrevista 2)</p> <p>“Ou Gestão ou então para a agropecuária. (...) a Gestão é bom para mim dentro do meu ramo” (Entrevista 3)</p> <p>“eu pratico porque gosto de praticar, ninguém me obriga a praticar (...) Mas isso que você disse também é correto. A gente pratica aqui as atividades para preencher o dia e para ocupar a cabeça” (Entrevista 4)</p>	<p>Ambos os entrevistados frequentam o ensino no EP ou já frequentaram. As suas razões dividem-se entre a ocupação do tempo, o gosto por saber mais e quer seguir os estudos, concluir o ensino obrigatório e para mostrar um bom comportamento para os relatórios.</p>

		<p>“Já estudei? Já (...) Sim, eu tinha o 11º incompleto e vim concluir aqui o 12º ano” (Entrevista 5)</p> <p>“(...) É par ocupar o tempo, também não tenho nada para fazer, se não for essas atividades, aí está que eu estou inscrita em todas e também tem a ver com o comportamento e para os relatórios.” (Entrevista 6)</p>	
<b>Após a Prisão</b>	Identificar perspectivas e objetivos futuros	<p>“(...) O meu objetivo é sair daqui arranjar um sítio onde possa ficar, inscrever-me nesse curso de Hotelaria, ficar com o certificado e arranjar trabalho nessa área. (...) tirar um curso, reconquistar a confiança total da minha irmã (...) conhecer alguém, constituir família e não voltar aqui dentro.” (Entrevista 1)</p>	Ao questionar os entrevistados sobre as suas futuras perspectivas e objetivos a maioria respondeu com vista a melhorar a sua relação com a família e estar presente na vida dos filhos. Contudo, também mostraram querer crescer a nível profissional e refazer

		<p>“Voltar ao meu trabalho, fazer aquilo que gosto (...) voltar a ajudar os meus filhos (...) poder estar presente, ajudá-los ainda na educação e financeiramente” (Entrevista 2)</p> <p>“Seguir a agricultura” (Entrevista 3)</p> <p>“As perspetivas são boas (...) vou trabalhar de certeza absoluta, epá quero ir tirar o curso de formação, tenho aí 2 ou 3 formações que quero ir tirar, por exemplo a de barbeiro também. (...) a outra formação, pronto, é essa de empregado de bar, se conseguir abro um bar meu mesmo” (Entrevista 4)</p> <p>“Quero viajar com o meu filho e vou abrir um barzinho que a minha mãe tem” (Entrevista 5)</p>	<p>a sua vida a nível pessoal.</p>
--	--	---	------------------------------------

		<p>“As minhas perspetivas é trabalhar e tentar juntar dinheiro e fazer uma vida normal” (Entrevista 6)</p>	
	<p>O papel das atividades no futuro dos reclusos</p>	<p>“(…) Sim, dar umas corridas, andar de bicicleta de vez enquanto.” (Entrevista 1)</p> <p>“sim ah, sim, a nível de escola” (Entrevista 3)</p> <p>“(…) são importantes (…)</p> <p>Por exemplo, entrei aqui sem o 12º ano e saio daqui com o 12º ano (…)</p> <p>Por exemplo, o curso de Pintura é um bom curso, é uma boa profissão para seguir na rua” (Entrevista 4)</p> <p>“Claro que vão (…)</p> <p>mesmo a nível profissional vai ser mesmo. Uma pessoa já não lia há tanto tempo que a gente aqui pregamos os livros que podemos trazer da biblioteca, e mesmo</p>	<p>As atividades desenvolvidas no EP e futuro dos reclusos mostrou ter uma grande ligação, ou seja, ambos os reclusos afirmaram que cresceram a nível educativo, concluíram o 12º ano, conheceram novos tipos de atividades, assim como, experiências e valores. Alguns dos reclusos asseguram que irão continuar a praticar algumas das atividades que iniciaram no EP, tal como, a leitura, o desporto, etc.</p>

		<p>pesquisas que a professora trazia da net. Um gajo depois sente-se burro, como não lê cá e vê o que é que se passa a nível global é bom.” (Entrevista 5)</p> <p>“Acho que sim (...) Oh a nível do trabalho eu vou andar ao mar igual. Eu gosto da pesca desportiva, gosto de andar ao mergulho, mas prontos não sei o dia de amanhã. Depois amanhã se aparecer um trabalho bom também pode isso, pode ser que mais tarde venha a ser útil também” (Entrevista 6)</p>	
--	--	--	--

## Tabelas de Análise de Conteúdo das Entrevistas

**Entrevistados:** Técnica Superior de Reeducação e Guarda Prisional

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Inferências</b>
<b>Caraterização</b>	Caminho académico e profissional	<p>“Sou licenciada em Serviço Social (...) sou Técnica Superior desde 2005 (...) era Assistência Social (...) ah e estava a exercer funções na Segurança Social. (Entrevista 7)</p> <p>“o 12º ano (...) fui militar durante 4 anos” (Entrevista 8)</p>	<p>Ambos os entrevistados, no que diz respeito ao caminho académico e profissional, têm qualificações e estavam a desempenhar funções profissionais dentro da sua área.</p>
<b>Experiência Profissional</b>	A profissão e o seu papel no EP;	<p>“Aqui no EP estou a exercer como Técnica Superior de Reeducação (...) faço acolhimento e acompanhamento aos reclusos.” (Entrevista 7)” (Entrevista 7)</p> <p>“Guarda Prisional (...) Vai fazer em abril 3 anos. (...) Principalmente vigilância e segurança, tanto dos presos, instalações, pessoas</p>	<p>Em relação à profissão e à suas respetivas funções, um dos entrevistados é Técnica Superior de Reeducação, a qual acolhe os entrados e é responsável pelo acompanhamento de cada recluso. O segundo entrevistado é Guarda Prisional e tem como função garantir a segurança e a vigilância do EP, dos reclusos, dos outros</p>

		civis ou outras pessoas” (Entrevista 8)	elementos profissionais da cadeia assim como de pessoas civis que entram no EP.
<b>No Estabelecimento Prisional</b>	Os crimes existentes e a média das idades dos reclusos no EP	“O Estabelecimento Prisional de Olhão neste momento tem todo o tipo de crimes, ah nós neste momento somos cadeia de acolhimento, de admissão (...) Ah temos desde tráfico, furto, roubo, homicídios, crimes sexuais, ah, ou seja, temos todo um tipo de crime. Neste momento se calhar mais de 10% da população reclusa é de crimes sexuais (...) maioritariamente é tráfico (...) também temos crimes leves (...) são muitas que não foram pagas, que foram transformadas em dias de prisão efetiva. (...) neste momento temos muitos jovens na faixa entre os 20 e os 30 anos e	Segundo os entrevistados, o EP de Olhão neste momento é cadeia de admissão do Algarve, ou seja, todos os indivíduos vindos da liberdade do Algarve entram para o EP e fazem a quarentena nas respetivas instalações e depois são transferidos para os EP’s da sua área jurisdicional. Neste momento o EP de Olhão contém nas suas instalações diversos tipos de crimes, tais como, tráfico, furto, homicídios, crimes sexuais, violência. Porém os casos maioritários são crimes de furto, tráfico e muitas que se tornam em dias de prisão. A

		<p>também temos uma coisa que não tivemos nos outros naos que eu cá estive, temos ah, pessoas na faixa dos 60 anos.” (Entrevista 7)</p> <p>“Maioritariamente são crimes de menor dimensão, são crimes de furtos, roubos, tráficos, anda muito dentro desse seio. Mas também apanhamos homicidas, abusos sexuais, violência doméstica, pedófilos (...) quando acabam por ser condenados eles são transferidos para outro estabelecimento (...) A média é para aí os 35/40 anos” (Entrevista 8)</p>	<p>faixa de idade com maior presença no EP, segundo os entrevistados, é entre os 20 anos e os 40 anos. Contudo, a Técnica Superior de Reeducação chama a atenção para o aumento dos reclusos com mais de 60 anos no EP.</p>
	<p>A relação entre os reclusos; com os Guardas; com os Técnicos;</p>	<p>“(…) existe boa relação, não me apercebo que haja assim grandes relações de conflito, isto é uma cadeia pequena, neste momento estamos em sobrelotação, temos</p>	<p>Relativamente à relação entre os reclusos com os Guardas ambos os entrevistados dão a entender que não existem grandes conflitos e que existe</p>

		<p>capacidade para 51 e temos à volta de 70 reclusos, o que é mais difícil também de gerir.” (Entrevista 7)</p> <p>“(…) pela relação Guarda recluso depende muito do Guarda em si (...) Mas em regra geral tenta-se criar uma boa harmonia (...) relativamente aos técnicos pessoalmente não tenho nada a apontar, antes pelo contrário, tento sempre criar uma boa articulação (...) Em termos de colegas aí já, pronto, já há, personalidades (...) às vezes há sempre pequenos conflitos, é normal. Mas tentamos sempre jogar por aquilo que consideramos o melhor na altura. (Entrevista 8)</p>	<p>uma relação assertiva entre ambos, contudo às vezes pode depender do Guarda em si. Nas relações entre os Guardas e os outros elementos (Administração, Técnica de Reeducação e Adjunta do Diretor) existe uma relação profissional assertiva e articulada.</p>
--	--	---	---

	<p>Conhecer os programas existentes;</p>	<p>“(…) temos Psicologia uma vez por semana e temos programas da Direção Geral, ah que todos os anos é pelo menos dois programas. Pronto, Desenvolvimento Moral e Ética e entre outros.” (Entrevista 7)</p> <p>“(…) por norma temos aí uma psicóloga que vem, eles próprios fazem pedidos quando sentem necessidade, alguns são recomendados pelas partes do, do, dos serviços clínicos” (Entrevista 8)</p>	<p>Em relação aos programas de apoio aos reclusos, segundo os entrevistados, existe um Gabinete de Psicologia, que tem um papel muito importante no dia a dia do reclusos, uma vez que os ajuda a falar, desabafar e a arranjar soluções para os seus medos e problemas. Para além do Gabinete de Psicologia existe programas dirigidos pela Direção Geral, que têm como objetivo tratar questões relacionadas com o Desenvolvimento Moral e Ético do Indivíduo.</p>
	<p>Ocupação do tempo livre dos reclusos</p>	<p>“Nós tivemos aqui a Cruz Vermelha que fazia alguns trabalhos a nível de voluntariado, neste momento não temos, ah eles têm como ocupar-se em termos mais lúdicos, temos o ginásio que</p>	<p>De acordo com os entrevistados os reclusos ocupam o seu tempo livre através de atividades lúdicas (jogos, leitura, televisão), atividades religiosas, trabalho voluntário, escola e</p>

		<p>eles podem frequentar, ah temos atividades religiosas” (Entrevista 7)</p> <p>“Através do trabalho, muitos oferecem-se voluntariamente (...) temos as atividades lúdicas (...) podem jogar à bola, basket, jogos de dados (...) jogam também às cartas no pátio, televisão (...) atividades extracurriculares, por exemplo a escola ou outro tipo de formações” (Entrevista 8)</p>	<p>formações profissionais.</p>
	<p>Atividades desenvolvidas no EP e o papel das mesmas no quotidiano dos reclusos;</p>	<p>“(...) temos a recorrer unidades de curta duração, temos quatro unidades, temos uma parceria com o agrupamento de escolas da Alberto Iria, vêm cá três professores dar essas unidades e temos a decorrer uma turma de RVCC, Processo de</p>	<p>As atividades de carácter educativo que estão a ser desenvolvidas no EP são, unidades de curriculares de curta duração (Inglês, Português, TIC), as quais são lecionadas por professores do Agrupamento de Escolas da Aberto Iria.</p>

		<p>Revalidação de Competências Formação Profissional? (...) e temos a decorrer um curso de formação profissional na área de Pintores da Construção Civil. (...) Muito importante a formação profissional porque é uma mais valia porque quem vai enriquecer o seu currículo para além de que a formação profissional tem uma bolsa (...) É uma forma deles também ganharem algum dinheiro, é uma forma de eles também interagirem quer com o formador quer entre eles” (Entrevista 7)</p> <p>“(...) há um programa decorrer que é Programa de Preparação para a Liberdade (...) o RVCC também funciona” (Entrevista 8)</p>	<p>Para além destas unidades curriculares está a decorrer o RVCC, que já certificou muitos dos reclusos que se encontram no EP. Ao nível da Formação Profissional está disponível o curso de Pintores da Construção Civil. As atividades de carácter educativo têm um papel importante e, segundo os entrevistados, é uma forma de os reclusos poderem interagir com os formadores e trabalharem para ganhar o seu dinheiro.</p>
--	--	--	--

	<p>O papel da escola no cotidiano dos reclusos</p>	<p>“(…) eles ficam tristes quando não podem ir porque além de haver número limite ah também alguns não reúnem condições quer a nível de habilitações, quer porque não têm o certificado, o certificado de habilitação escolar, quer até por em termos de infração, se tiverem alguma infração já não podem frequentar ficam tristes quando não podem (...) já certificámos alguns reclusos com o 12º ano e neste momento temos uma turma à volta de 15 reclusos porque têm de ter pelo menos o 4º ano e tem sido bom. No último ano conseguimos certificar a nível secundário pessoas que tinham o 6º ano (...) temos uma unidade de Inglês, de TIC, são áreas que muitos deles não trabalharam lá fora e</p>	<p>No EP a escola tem uma finalidade para com os reclusos, ou seja, garantir o acesso à educação. Neste EP, segundo os entrevistados, muitos reclusos já foram certificados, sendo que muitos entrar no EP com o 4º ano, com imensas dificuldades na escrita e na leitura e hoje têm o 12º. Futuramente, uma vez inseridos na sociedade, a facilidade de acesso ao mercado de trabalho e de interação com a sociedade será muito maior.</p>
--	--	---	---

		<p>que podem vir a dominar” (Entrevista 7)</p> <p>“(…) muitos deles vêm para aqui ah não, até são analfabetos, não sabem ler nem escrever, isto acaba por ser uma ajuda e um apoio extra para esse tipo de pessoas, toda a gente merece e tem todo o direito de aprender a ler e a escrever (...) é muito bom, porque não, não os deixa ficar tipo excluídos da sociedade e futuramente eles também podem ser mais facilmente enquadrados num tipo de emprego (...) Ah e depois é atingir a escolaridade mínima” (Entrevista 8)</p>	
	<p>Identificar possíveis atividades a criar e a sua importância</p>	<p>“(…) era importantíssimo nós conseguirmos desenvolver outro tipo de atividades de ocupação. Porque 24h</p>	<p>Na opinião da Técnica Superior de Reeducação, a criação de novas atividades para os reclusos era de extrema pertinência,</p>

		<p>aqui dentro são muito longas, eles enquanto estão ocupados pelo menos têm outro tipo de discurso, estão a aprender sempre, estão a ser trabalhado”</p> <p>“Isso já foge um bocadinho ao meu contexto, por isso, não tenho assim grande opinião sobre isso” (Entrevista 8)</p>	<p>sendo que enquanto estão ocupados estão a aprender e a serem trabalhados enquanto agentes do seu desenvolvimento pessoal.</p>
<p>A finalidade dos reclusos na participação das atividades</p>		<p>“(…) temos 3 situações, que é a ocupação de tempo, melhorar as habilitações académicas e a flexibilização da pena (….) seja com qual intenção for é sempre uma mais valia, claro que em termos de futuro, em termos de reinserção a melhoria é sempre mais notável naquele que faz de coração” (Entrevista 7)</p> <p>“Muitos é mesmo só para ocupar o tempo e</p>	<p>É importante perceber com que finalidade os reclusos participam nas atividades escolares, uma vez que existem 3 opções (flexibilização da pena, ocupação do tempo ou melhorar as habilitações académicas e aprender). Segundo os entrevistados qualquer uma das opções é positivo, e confirmam que muitos o fazem principalmente por bom comportamento e ocupação do tempo,</p>

		<p>mostrar bom comportamento (...) e os outros sim têm mesmo interesse que já vi, até vêm-nos questionar quando é que vai começar e quando é que não vai” (Entrevista 8)</p>	<p>contudo há sempre quem queira aprender mais e isso é visível no processo da reinserção.</p>
	<p>A educação não-formal em contexto prisional</p>	<p>“Eu considero muito importante o papel de qualquer pessoa que interaja com o recluso seja nível mais formal ou mais informal é sempre muito importante. E até o papel da Inês como estagiária, e é importantíssimo (...) É tudo aprendizagens e crescimento” (Entrevista 7)</p> <p>“Sim, porque eles acabam por levar outro tipo de valores, outro tipo de pensamentos que lá fora não levavam, que nem sequer tinha conhecimento” (Entrevista 8)</p>	<p>Ambos os entrevistados concordam com a educação não-formal em contexto prisional, isto porque qualquer contacto com novas pessoas, novas realidades ou diferentes atividades pode melhorar e trazer novas aprendizagens, valores e experiências ao quotidiano dos reclusos.</p>

<b>Futuro</b>	Taxa de reincidência e os motivos	<p>“(…) neste momento só fazendo um levantamento, sinceramente assim a olho não (…) infelizmente quando há reincidências é sempre no mesmo tipo de crime, é uma coisa que tenho notado, uma situação ou outra que reincide por um crime diferente, mas geralmente é no mesmo tipo de crime e tenho a ideia que o crime onde há mais reincidência é no tráfico de estupefacientes”</p> <p>(Entrevista 7)</p> <p>“(…) a taxa de reincidência varia muito, porque às vezes voltam para cá por outro tipo de crimes.” (Entrevista 8)</p>	A reincidência no EP é um dos motivos pelo qual os profissionais do mesmo lutam para que não aconteça, contudo nem sempre é assim. A reincidência no EP tem como principais crimes os mesmos que cometeram no momento de reclusão anterior. O crime com maior taxa de reincidência é o tráfico de estupefacientes.
	A eficácia das atividades no futuro dos reclusos	<p>“(…) depende das atividades, mas claro que sim. Por exemplo neste momento temos o curso de Pintor de</p>	As atividades e o papel das mesmas no futuro dos reclusos vão ao encontro dos saberes, das

		<p>Construção Civil, é um certificado que eles levam (...) o processo de RVCC, é diferente de ter o 6º ano ou ter o certificado e de 12º ano” (Entrevista 7)</p> <p>“(...) não sei até que ponto transparece lá para fora, porque depois eles são postos em liberdade e acho que o trabalho de reinserção no exterior é, tem muitas lacunas e então eles andam aí a divagar e se calhar o trabalho que se faz aqui perde-se muito lá fora” (Entrevista 8)</p>	<p>aprendizagens e dos certificados que eles levam para a vida em sociedade. Todavia, alguns casos são insucessos porque muitas vezes o trabalho na reinserção no exterior não é 100% bem feito.</p>
	<p>A visão da sociedade sobre ex. presidiários</p>	<p>“(...) a nossa sociedade ainda não está (ri-se) ainda não deu esse passo tão à frente (...) o facto de ter sido recluso pesa sempre, e sobretudo, e também há profissões que pelo facto de terem crimes certificados no registo criminal eles nunca mais vão poder exercer</p>	<p>Entre a vida na cadeia e o momento em que o indivíduo sai em liberdade um dos grandes entraves e problemática é a sociedade. A sociedade ainda tem grande dificuldade em aceitar um indivíduo que traga consigo vestígios de um</p>

		<p>ou pelo menos durante alguns anos não vão poder exercer (...) se for uma pessoa que não tenha suporte familiar, que não tenha condições de se manter, a própria sociedade vai ser um entrave” (Entrevista 7)</p> <p>“(...) nos dias de hoje já toda a gente pede registo criminal para qualquer tipo de trabalho e ninguém vai empregar ninguém sabendo que a taxa de desemprego é alta, seja um presidiário (...) Depende do sítio onde o recluso vá viver” (Entrevista 8)</p>	<p>passado criminoso. Posto isto, ambos os entrevistados, afirmam que o facto de ser ex. presidiário pode ser uma grande dificuldade para o individuo retomar a sua vida pessoal e profissional.</p>
--	--	--	--

## Plano de Atividades

Atividade	Definição da Atividade	Objetivo	Materiais
<b>“O Novelo”</b>	Sentar os participantes em círculo, entregar aleatoriamente o novelo a um elemento e este deve passa-lo a outro segurando sempre a ponta do novelo. Ao receber o novelo o participante apresenta-se (nome, idade, os seus interesses e qual a sua expectativa em relação às atividades de carácter educativo.)	Apresentar os participantes; identificar expectativas; Proporciona um bom ambiente entre o grupo;	Novelo de lã
<b>“O Espelho”</b>	Os participantes dirigem-se à mesa onde se encontra uma caixa de cartão com o espelho colado no fundo. Nenhum elemento deve dizer quem é a pessoa que está dentro da caixa e devem atribuir características sobre a pessoa que visualizam. No final da sessão o grupo deve trocar opiniões sobre a atividade e o seu efeito.	Identificar características e competências pessoais; Valorização pessoal;	Caixa de cartão Espelho pequeno
<b>“Um ombro amigo”</b>	É distribuído por cada elemento uma folha, depois cada um escreve anonimamente uma	Partilha de sentimentos; Valorização do outro;	Saco transparente Papel branco Caneta

	<p>dificuldade/medo que sinta nos relacionamentos com o outro que seja difícil de expor e dobra o papel. De seguida os papeis são misturados no saco e os elementos do grupo irão tirar à sorte um papel e vão assumir o problema como se fosse seu, de modo a compreendê-lo e a encontrar uma solução. Todos os elementos têm cerca de 5 minutos para escrever. Cabe a cada elemento ler em voz alta o que está escrito no seu papel e apresentar uma solução ao problema. Os restantes elementos devem manifestar a sua opinião em relação a cada solução que é apresentada.</p>	<p>Estimular a entreaajuda;</p>	
<p><b>“O circo das borboletas”</b></p>	<p>Visualização de um filme “O circo das borboletas”. De seguida é feito uma troca de ideias e opiniões sobre a inclusão, exclusão e resiliência.</p>	<p>Compreender os conceitos de inclusão e exclusão; Estimular a resiliência;</p>	<p>Computador Pen Videoprojector</p>
<p><b>“Histórias de Vida”</b></p>	<p>Esta atividade será dinamizada pelo Professor Joaquim Arco, onde será</p>	<p>Compreender o tema e o seu objetivo;</p>	<p>?</p>

	tratado o tema “Histórias de Vida		
<b>“Vivências”</b>	Cada elemento do grupo irá ao quadro onde pode desenhar a linha da vida. Cabe ao participante falar sobre datas e momentos importantes desde o seu nascimento até ao presente.	Trocar experiências pessoais; Refletir e analisar;	Quadro preto Giz
<b>“Somos Seres Humanos”</b>	Visualização de um pequeno filme sobre os Direitos Humanos; Depois do filme será feito um debate sobre o tema, assim como uma chuva de palavras associadas ao tema.	Conhecer os Direitos Humanos; Refletir; Estimular a troca de ideias e opiniões;	Computador Pen Videoprojector Quadro Giz
<b>“Vamos pintar?”</b>	A pares os participantes vão desenhar numa cartolina algo que retrate os Direitos Humanos. No final os trabalhos devem ser expostos para que sejam vistos por outros reclusos.	Incentivar o trabalho em grupo; Estimular a troca de ideias; Desenvolver a criatividade;	Cartolinas Canetas Lápis Borracha
<b>“Mentes Perigosas”</b>	Visualização de um filme. Depois do filme será feita uma troca de ideias sobre questões relacionadas com o filme.	Reflexão sobre diferentes realidades económicas, sociais ou culturais; Reflexão sobre exclusão social, bem	Computador Pen Videoprojector Quadro Giz

		como, as suas consequências; Refletir e analisar;	
--	--	---	--

## Questionário de Avaliação

Para cada questão assinale com um X a sua opinião.

1. Durante a atividade sentiu-se:

 Normal Aborrecido Interessado Feliz

2. Durante a atividade os conceitos e os objetivos foram esclarecidos?

 1 2 3 4

3. A atividade foi apelativa?

 1 2 3 4

4. A atividade criou interação no grupo?

 1 2 3 4

5. Como avalia a atividade?

 1 2 3 4

Quais são as sugestões de melhoria que gostaria de apresentar?

---

---

---